FUNDADOR - JOAQUIM MANSO

SÁBADO, 25 DE JUNHO DE 1960

ANO 40.º — NÚMERO 13 485

Diario de Lisbôa

DIRECTOR - NORBERTO LOPES

DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFS.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA EDITOR—J. CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I S B O A RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2. NUMERO AVULSO: UM ESCUDO

Glória de António Patrício

por JOÃO DE BARROS

Há trinta anos — precisamente no dia 4 de Junho de 1930 — morria de subito em Macau, a caminho de Pequim, onde ia assumir o seu lugar de ministro de Portugal na China, o grande poeta António Patrício. Hospedara-se em casa do governador, seu amigo, e logo na manhã seguinte ao dia da chegada, ao assomar á porta do quarto onde passara a noite, uma sincope cardiaca o prostou. Não lhe faltaram cuidados que tentaram reanimá-lo. De nada valeram, porém. Não deu mais acordo de si. A travessia do Canal de Suez exaurira-o e dessa triste possibilidade o avisaram alguns amigos antes da partida de Lisboa. Mas António Patrício, que não quis nunca a ninguém confessar a doença de coração que sabia ter, não fez caso do aviso afectuoso. Sempre varonil e possuidor de rara coragem fisica e moral, fez a viagem numa época perigosa que é

(Continua na 3.ª página)

Eisenhower

parte amanhã para Washington

HONOLULU, 25 — O presidente Eisenhower termina amanhã as suas curtas férias nesta cidade, segundo revelou na noite passada o seu secretário para a Imprensa, James Hagerty.

Hagerty afirmou que o presidente partiria de Honolulu no seu avião a jacto ás 17 horas locais de sábado (3 horas T. M. G. de domingo), devendo chegar á base da aviação de Andrews, perto de Washington, por volta das 9 horas locais de segunda-feira (13 horas T. M. G.). O aparelho fará escala para reabastecimento na base da aviação de Travis, nos arredores de San Francisco. Na noite passada, Eisenhower cumpriu o seu unico compromisso publico desde que chegou a esta cidade na segunda-feira. O presidente recebeu o grau de doutor «honoris causa» da Universidade de Hawai, durante uma cerimónia que se realizou perto da base naval onde se encontra instalado e, depois, assistiu a uma recepção oferecida em sua honra pelo governador William Quinn.

A citação da Universidade, acompanhando o grau, elogiava a inspirada orientação do presidente Eisenhower durante a guerra e as suas «viagens fatigantes a cantos remotos da Terra como emissário da paz». — (R.).

A preocupação dos Jogos Olímpicos, que domina agora os italianos, vai ao ponto de influenciar a moda feminina, como vemos expressivamente demonstrado neste modelo de chapéu, enfeitado com os simbólicos anéis entrelaçados

Chegou a Paris

o emissário do «Governo» dos rebeldes argelinos

PARIS, 25 — O enviado dos insurrectos argelinos, Ahmed Boumendjel, chegou hoje, de avião, a esta cidade, vindo de Tunes, para preparar as conversações sobre o armistício. — (R.).

PARIS, 25 — O Ministério do Interior emitiu hoje ordens proibindo todas as reuniões e manifestações publicas relacionadas com a Argélia, até novo aviso.

Estas precauções, tornadas publicas antes de o emissário dos insurrectos ter chegado a esta cidade, destinam-se a assegurar ao referido emissário completa liberdade de acção para tratar das delicadas negociações, quer nesta fase, em que deve obter um salvo-conduto para a delegação principal, quer na altura em que prepare as próprias conversações para o armistício.

O Governo tem em mente impedir a agitação a favor de negociações politicas de paz, pelas organizações esquerdistas ou liberais, do mesmo modo que pretende impedir quaisquer demonstrações «nacionalistas» que possam sabotar as conversações. — (Reuter).

UM HELICOPTERO RETIROU O EMISSARIO DA PISTA

PARIS, 25 — Dois helicópteros a jacto franceses, que tinham estado de prevenção na pista onde o avião tunisino aterrou, receberam a bordo o emissário e os seus colaboradores e levaram-nos do aeroporto.

Mais tarde foi informado que o helicóptero desceu nos relvados em frente do edifício da Perfeitura de Melun, a 45 quilómetros a sueste de Paris.

Um jornalista que viajou no avião vindo de Tunes, disse que os Argelinos foram recebidos por um funcionário francês que usava a roseta da Legião de Honra. Foram-lhes entregue um sobrescrito branco, que se julga conter os salvo-condutos que permitiram que os insurrectos aterrassem em solo francês.

O jornalista informou que o avião teve um atraso de cerca de meia hora devido a avaria no motor e a uma ligeira tempestade. O avião, que tinha tripulação francesa e trinta passageiros, aterrou com três dos seus quatro motores a funcionar.

Interrogado pelos jornalistas dentro do avião, se sabia que tinha havido avaria de motores, Boumendjel disse: «não é isso que me preocupa» — (Reuter).

A PERSONALIDADE DO EMISSARIO

PARIS, 25 — O advogado Ahmed Boumendjel é um antigo advogado de Paris, de 45 anos, e presentemente chefe dos serviços de informações do «Governo provisório argelino».

Um dos intelectuais» do Movimento Boumendjel é figura bem conhecida nos circulos judiciais e políticos de Paris e tem advogado a causa dos insurrectos nas Nações Unidas, em Nova York.

Alto, de forte constituição, com

(Continua na ultima página)

Inaugurou-se em Braga

o novo pavilhão do hospital regional com a presença do Chefe do Estado

(Do nosso enviado especial)

BRAGA, 25 (Pelo telefone) — A cidade de Braga, onde multidões de forasteiros têm confluído para as tradicionais e pitorescas festas do São João, prestou, hoje, carinhosa homenagem ao Presidente da Republica, tributando-lhe ovações, quando, depois das 10 horas, ele chegou a esta cidade, vindo de Guimarães.

Precedia o Chefe do Estado um extenso cortejo de automóveis, que abria com duas viaturas dos Bombeiros Municipais e Voluntários logo seguida, para o novo edifício do bloco de internamento do hospital regional, cujos seis pavimentos vêm aumentar o velho Hospital de São Marcos. Nesse corpo ficam instalados os serviços de urgência, de medicina central, de cirurgia central, com o seu bloco operatório, central de esterilização, quartos particulares, etc. O custo destes serviços,

(Continua na 6.ª página)

A entrada do supremo magistrado da Nação na cidade de Braga fez-se pel aAvenida Gomes da Costa tendo o Presidente e a sua comitiva abandonado os carros no cruzamento desta artéria com a Rua do Raio, onde um batalhão a três companhias de Infantaria 8, com fanfarra, e a banda de musica de Infantaria 6 prestaram a guarda de honra ao Chefe do Estado, que passou revista seguidamente á formação.

Acompanhava o sr. Presidente da Republica o sr. ministro das Obras Publicas.

Antes da chegada a esta cidade, no lugar de Moreira, o sr. almirante Américo Tomás fora recebido pelas autoridades superiores do Distrito e pelo bispo auxiliar da arquidiocese. Aí, o Chefe do Estado, recebeu os cumprimentos de todas as entidades oficiais, entre as quais, se viam o conselheiro Braga da Cruz, brigadeiro Mário de Almeida, 2.º comandante da 1.ª Região Militar, toda a vereação da Camara, coronel Nery Teixeira, antigo chefe do distrito, coronel Sousa Machado, comandante militar de Braga, reitor do liceu, dr. Feliciano Ramos, dr. Casal Pelayo, director da Escola do Magistério Primário; eng.º Jorge Lima, director da Escola Técnica, prof. Abílio Fernandes, director escolar de Braga, etc.

O Chefe do Estado dirigiu-se, em

Gina faz parar o trânsito...

TORONTO, 25 — Gina Lollobrigida pagou dois dólares pela sua primeira carta de condução de veículos ligeiros, após ter feito ontem exame e ter sido aprovada. A famosa vedeta italiana que reside agora nesta cidade, fez o exame, após dez lições.

Al Meyer, que foi o instrutor de Gina Lollobrigida, declarou que a artista tinha sido uma boa aluna. A sua principal preocupação ao guiar era a reacção dos outros automobilistas.

Meyer disse ainda: «Quando parávamos, ao sinal da luz vermelha, todos os outros automobilistas e peões paravam, também, para gritarem «adeus Gina». — (R.).

Dir-se-ia que a princesa Margarida ficou estupefacta perante a insolita entrada de seu marido, cuidadosamente conduzido por dois pacíficos subditos britanicos. Mas não, a irmã da rainha de Inglaterra mostra-se complacente, no sorriso parado com que a apresentam no Museu das figuras de cera de Londres e aparecerá ao publico junto do sr. Armstrong-Jones, numa atitude feliz

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

Dois documentos para a História da Assistência

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

EXISTIU sempre, tanto da parte dos governantes como da dos Santos Padres, a preocupação de beneficiar os enfermos, os pobres peregrinos e os expostos.

Paulo III e Clemente VIII, em seus conhecidos Breves «Cum Nobis», de 16 de Agosto de 1544, e «Exponi Nobis», de 5 de Fevereiro de 1959, a ainda Pio VI, no de 5 de Julho de 1785, fizeram várias recomendações sobre legados não cumpridos,

(Continua na 13.ª página)

Diario de Lisbôa
PUBLICA HOJE
32
páginas
que incluem
MAGAZINE
*
JUVENIL
*
DE UMA SEMANA PARA A OUTRA

Visado pela Comissão de Censura

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

A CIDADE

Na Feira da Estrela

vai exibir-se o Rancho de Santa Marta de Portuzelo

A Feira da Estrela, organizada pela Câmara Municipal, com fins de beneficência, encontrou o melhor acolhimento no publico pois reune um admirável conjunto de divertimentos e motivos de alegria. Um dos seus atractivos é o teatro ao ar livre, destinado a manifestações culturais patrocinadas pela Municipalidade e onde amanhã ás 18 horas, haverá o primeiro passatempo infantil, com entradas gratuitas. Exibem-se palhaços e ilusionistas, especialmente para as crianças. Hoje e amanhã ultimas exibições de «O burguês fidalgo», de Molière, com entrada gratuita hoje

Outro acontecimento que, por certo, levará á Estrela milhares de pessoas, é a apresentação, no mesmo teatro, de um dos mais famosos grupos folclóricos portugueses, o de Santa Marta de Portuzelo, famoso em todo o País e conhecido no estrangeiro, onde várias vezes se tem deslocado e que traz consigo a graça e a alegria minhotas — a alma do povo da mais linda província portuguesa. A entrada nos espectáculos, segunda, terça e quarta-feira, terá o preço unico de cinco escudos.

Trânsito normal

na Alameda Afonso Henriques

Concluída a obra de reparação do pavimento das placas centrais da Alameda D. Afonso Henriques, recomeçou por ali o transito normal de veículos. Foi, também, erguido o muro de suporte num troço da Rua Marques da Silva, para vedação de terrenos ali existentes.

As corridas de Ofícios

efectuam-se amanhã na Avenida da Igreja

Integrada nas comemorações henriquinas, repetem-se, amanhã, as Corridas dos Ofícios que, nos anos anteriores, tanto interesse despertaram. Serão disputadas, a partir das 16 horas, na Avenida da Igreja, no troço compreendido entre as Avenidas do Rio de Janeiro e de Roma, em Alvalade.

Participam naquelas corridas: padeiros, empregados de mesa, cantoneiros de limpeza com os respectivos carrinhos, designadamente em provas individuais; e nas colectivas, constituidas por grupos de vários mercados, tomam parte floristas, peixeiras, galinheiras, vendedores de jornais, boletineiros em bicicletas dos C. T. T. e da Rádio Marconi.

A entrada é de 2$50 por cadeira, havendo, no entanto, um lado daquela Avenida onde o publico pode assistir, gratuitamente. As bilheteiras encontram-se instaladas, em cada um dos topos das avenidas citadas e a venda dos lugares principia ás 15 e 30 horas.

Pelos hospitais

INTOXICAÇÃO GRAVE — Deu entrada na sala de observações do Hospital de S. José, em estado grave o sr. António José Ferreira Robalo, de 24 anos, servente da Fundição de Oeiras, onde, durante o trabalho sofreu forte intoxicação por meio de gases.

Quem perdeu?

Relação dos objectos achados e entregues, ontem, na P. S. P. (Governo Civil): três canetas de tinta permanente, um embrulho com um novelo de lã e um pedaço de tecido, uma marmita de alumínio, um casaco de lã, para senhora, um livro de cheques, em nome do sr. António Gabriel de Quadros Ferro, um brinco de oiro, uma luva de malha, para senhora, uma pulseira de fantasia, uma corda de pita, danificada, uma bolsa de plástico com moedas e um cartão em nome da sr.ª D. Maria Helena P. Ferreira; uma pequena fita métrica de aço, uma mola de fantasia para gravata, uns óculos graduados, a tampa de um pote, para transporte de leite, um farolim de pisca-pisca, três manípulos de porta, três tampões de depósito de gasolina, dois tampões de roda de automóvel e outro tampão marca «Dodge», pertencente á viatura dos Bombeiros Voluntários de Caselas; o livrete de circulação do veículo DD 61-97, uma matrícula de velocípede, em nome do sr. Gualberto Ferreira Torres, uma assinatura da Sociedade Estoril, em nome do sr. Armindo Dias Silva; o bilhete de identidade, em nome da sr.ª D. Maria da Cunha Vidal, dois cartões sindicais referentes á sr.ª D. Maria Isabel Correia Augusto e ao sr. Luís Bernardo Filipe; uma nota do Banco de Portugal e diversas argolas com chaves.

— Na 1.ª Companhia do Batalhão n.º 1 da G. N. R. no Carmo, está depositada uma planta de um edifício, que foi encontrada na Calçada do Carmo e será entregue a quem provar pertencer-lhe.

Termas de Monchique

Águas de cura excelente para as doenças do fígado, da pele e dos climas quentes

Hospede-se e recomende o

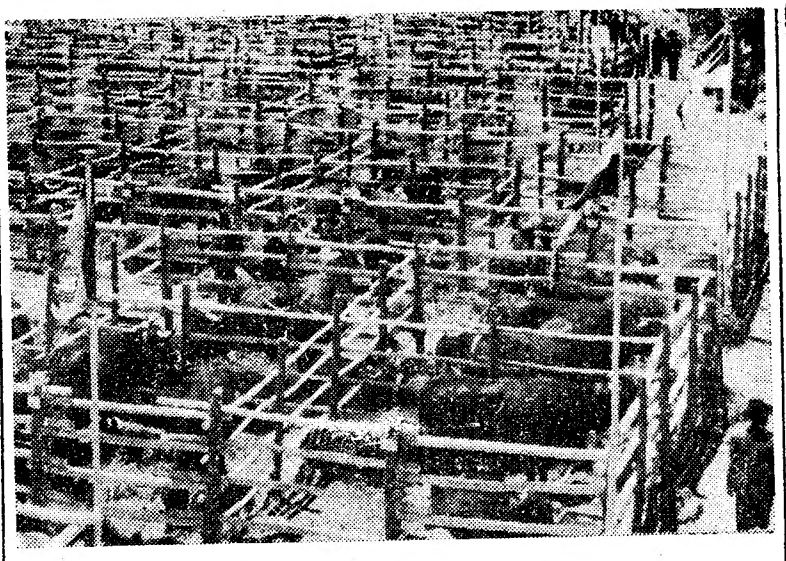
HOTEL ASTÓRIA

O mais moderno e confortável Restaurante com serviços á carta e especial para dietas

Ideal para férias e repouso

Jardins — Ténis — Garagem — bar boîte — ar condicionado nos salões

Telef. 5 (Termas)



Aspecto geral do mercado de gados

A Feira de São João

que está a decorrer em Evora será visitada amanhã pelo secretário da Agricultura

ÉVORA, 25. — (Pelo telefone). — Com larga concorrência de forasteiros e grande movimento de negócios, prosseguiu hoje, a tradicional Feira de São João, que, este ano, se ostenta vistosamente engalanada e com iluminações á moda do Norte, o que dá ao importante certame um aspecto novo e atraente, com aplausos e elogios do publico.

Na secção dos mercados houve numerosas transacções, nos sectores dos queijos e do gado lanigero, apesar dos preços serem considerados altos. Venderam-se queijos de ovelha, entre 2$40 e 3$20, por unidade; de cabra, entre 3$00 e 3$50; grande, de Niza, a 28$00 e 30$00, e de Serpa, a 30$00.

Na secção de gado lanigero: borregos, entre 7$00 e 7$20, o quilo: badanas (ovelhas velhas), entre 200 e 220$00, cada.

Gado vacum: vacas leiteiras, 5 a 6 contos, por cabeça; vaca alentejana, entre 17 e 20$00 o quilo peso morto.

Na «corredoura» de muares, os negócios foram mais fracos, regulando as transacções: por parelha de muares, entre 16 e 17 contos; por unidade, 5 a 6 contos; asininos, 1.000$00 a 1.500$00, cada.

Concurso de gado bovino

O I Concurso de Raça Bovina Alentejana, inaugurado ontem, pelo sr. ministro do Interior, tem suscitado invulgar interesse. Os 300 animais em concurso e ainda os 22 de raças melhoradoras em exposição extra-concurso têm sido muito admirados pelo publico.

Para a sua classificação foram constituidos os seguintes juris:

1.ª secção — Touros — Srs. dr. Barreiros Nunes, Ildefonso Bettencourt e Carlos Garcia Fialho.

2.ª secção — Novilhos — Srs. drs. Casal Ribeiro e Trigo Pereira, e José Velez Tavares.

3.ª secção — Vacas — Srs. drs. Manuel Leitão e José de Alcantara Guerreiro, e eng. Filipe Malta da Costa.

4.ª secção — Novilhos de 30 a 36 meses — Srs. drs. Joaquim Póvoa Janeiro e José Carrilho Ralo, e D. José Estanislau de Barahona Fragoso.

5.ª secção — Novilhos de 18 a 24 meses — Srs. drs. Joaquim Barros e Teófilo Frazão, e eng. Fernando Sommer de Andrade.

A visita do secretário de Estado de Agricultura

Amanhã, vem a esta cidade o sr. eng. Eduardo Quartin Graça, secretário de Estado da Agricultura, que presidirá á cerimónia da entrega dos valiosos prémios, á qual se seguirá um desfile dos animais apresentados ao excelente concurso, que constituiu um acontecimento de vulto, no campo pecuário e regional. De tarde, haverá o grande cortejo folclórico no qual tomarão parte mais de mil figurantes e numerosas viaturas alegóricas ao Alentejo e ás suas principais actividades.

Ás 15 horas, começará, também, a ser disputado o XI Concurso Hípico Oficial de Évora, que prosseguirá depois de amanhã, na terça e na quinta-feira.

Jantar de homenagem ao dr. Oliveira Marques

promovido pelos seus colegas de curso

Dr. Oliveira Marques

Os componentes do curso de Histórico-Filosóficas que frequentaram a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa entre os anos de 1952 e 1956 vão reunir-se hoje num jantar de confraternização no Restaurante Folclore.

Este jantar, além de manter vivo o espírito de camaradagem que sempre uniu os componentes do curso, servirá, também, para prestar justa homenagem ao prof. dr. Oliveira Marques, que recentemente se doutorou, com elevada classificação na Faculdade de Letras de Lisboa. O prof. dr. Oliveira Marques fez parte do referido curso, de que foi sempre o aluno mais brilhante, gozando merecidamente de geral simpatia entre os seus colegas.

Vida de SINTRA

O 22.º ANIVERSÁRIO

da vila da Amadora

Prosseguem os festejos, organizados pela respectiva Junta de Freguesia para comemorar o 22.º aniversário da elevação da Amadora á categoria de vila. Hoje, ás 17 horas, haverá desfile da Corporação dos Bombeiros Voluntários, após a revista, passada na Praça da Republica, pelo presidente do Município de Oeiras; e, ás 18 e 15, no Cinema dos Recreios Desportivos, espectáculo pelo Conjunto Musical Infantil da Fundação Musical dos Amigos das Crianças, sob a direcção da sr.ª D. Adriana Vecchi.

As festas encerram-se com um baile no mercado, durante a noite.

Direcção de Serviços

de Infra-estruturas da Força Aérea

Cento e sessenta e cinco elementos da Direcção de Serviços de Infra-estruturas da Força Aérea — engenheiros, arquitectos, agentes técnicos, desenhadores e empregados de várias categorias — a fim de comemorar o 3.º aniversário da criação daquele organismo, reuniram-se hoje num almoço de confraternização no restaurante «Casa das Arribas», na praia grande. Presidiu ao almoço o respectivo director, coronel engenheiro José Carlos de Arantes e Oliveira.

Cinemas

AMADORA — Recreios — A's 21 e 15 — «Ao ritmo do mambo» (12 anos).

CACÉM — São João — A's 21 e 30 — «O corcunda» (12 anos).

MEM MARTINS — Chaby — A's 21 e 30 — «Profissão perigosa» (17 anos).

QUELUZ — Queluz-Cinema — A's 21 e 15 — «A rua do pecado» e «Somos homens ou quê?» (17 anos).

SINTRA — Carlos Manuel — A's 21 e 30 — «O regresso do Inferno» (12 anos).

Farmacias de serviço

AMADORA — Carmela — R. Elias Garcia, lote 28, loja E. Tel. 931303; Helénica — R. Elias Garcia, lote 2-E. Telef. 930213.

QUELUZ — André — R. Elias Garcia, 85-A. Tel. 950043.

SINTRA — Misericórdia — R. Visconde Monserrate. Tel. 980391.

Gabinete do ministro da Defesa Nacional

Foi nomeado chefe de gabinete do ministro da Defesa Nacional o sr. tenente-coronel do C. E. M. Joaquim Judice Leote Cavaco que substitui o sr. tenente-coronel do C. E. M., Augusto da Silva Viana, que vai desempenhar o cargo de adido militar em Pretória.

Seja esperta!

Ninguém precisa de saber que o seu estido novo é do ano passado!

Modifique-o e tinja-o ou avive-lhe a cor, em casa, com as famosas **tintas RAPOSA**, a marca alemã que domina em todo o Mundo há mais de 60 anos.

As **tintas RAPOSA** para tingir em casa, estão à venda em todas as drogarias.

VEJA A ÚLTIMA NOVIDADE PARA MOBILAR A SUA CASA!

Pode adquirir no fabricante **MÁRIO PEDROSO — Rua D. Estefania, 25-D — Lisboa — Telef. 733858,** um belo conjunto de móveis que lhe dará a possibilidade de numa só divisão do seu lar ter quarto, casa de jantar e sala.

Maples e sofás-camas modernos em lindos tecidos de diversas cores, num exclusivo desta casa.

Montra e estabelecimento iluminados até á 1 hora da madrugada.

FAÇA-NOS UMA VISITA

AOS

ADMINISTRADORES, ENGENHEIROS, ARQUITECTOS, MÉDICOS e ADVOGADOS

FINALMENTE APRESENTAMOS O ÚNICO E SENSACIONAL **BAR** REFRIGERADOR PARA OS VOSSOS GABINETES DE TRABALHO

À VENDA NAS MELHORES CASAS

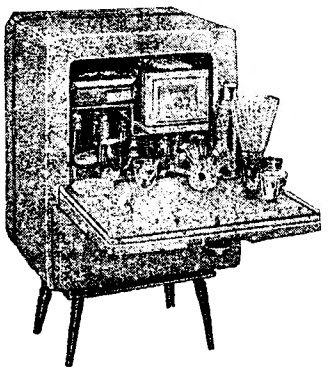
•

REPRESENTANTES PARA PORTUGAL

Palhares Pinto, Ld.ª

R. António Pedro, 68, 1.º D.

Tel. 733925



De ontem para hoje

MORTOS RESSUSCITADOS

NA antiguidade e Idade Média, a lepra deixou marcada a sua presença com laivos profundos de terror, escuridão e fogo. Mais terrível que a morte, o contagiado era posto à margem e o que ele tocava não podia ser tocado por ninguém ainda muitos anos depois. Eram asas de morcego que tapavam a alegria e a vida. Nem a água nem o fogo o purificavam. Só o aniquilamento, o olvido completo. Quanto aos filhos — ai os filhos! — já nasciam como autênticos mortos, oriundos de sepulcros vivos. Na propria Biblia, desde que aparece o leproso, tudo treme como varas verdes, todos se afastam e as maldições ass-obiam como pedradas de mão de pastor. O leproso era um ser que não tinha direitos e sobre o qual as pragas se acumulavam. A medicina não debelou ainda inteiramente o mal, mas para lá caminha. A sociedade tem procurado chamar a ser uteis os desventurados que o mal apanhou. Daí o espírito que animou o I Curso Internacional de Leprologia realizado em Coimbra e de que foi alma actuante o prof. Juvenal Esteves. No encerramento do curso, que ontem se verificou, sob a presidência do ministro da Saude, aquele distinto clínico e professor esclareceu que se estudaram, simultaneamente, a doença de Hansen, a paramiloidose e as dermatomicoses, que se procurou situar a respectiva variação patológica, clínica, sanitária e assistencial em perspectiva comum, e que se analisaram os factos da investigação científica, da patologia geral e das possibilidades de actividade uniforme epidemiológica e sanitária. Teceu depois, considerações sobre a problemática geral da doença de Hansen e acentuou ser necessário promover estudos locais, de natureza sociológica e epidemiológica, para tentar esclarecer, pelo menos, algumas das muitas incógnitas do motivo da persistência endémica daquela doença. E' um mal terrível a lepra; matava em vida os que tocava. Há que ressuscitá-los, prevenindo, remediando, assistindo e fazendo-lhes esquecer a terrível desgraça. Nesse ponto, como em tantos mais, estamos bem longe dos tempos bíblicos. No Hospital-Colónia Rovisco Pais há flores, há alvura de linhos, há amor e carinhos; e os filhos nascem sãos, alheios ao mal que afectou os pais. Também no negrume do terrível mal de Hansen entrou a certeza do sol.

FEIXE DE NOTÍCIAS

PERTO da Citania de Briteiros, entre Braga e Guimarães onde os antigos deixaram marcas perduráveis da sua fixação, voltou-se o automóvel guiado pelo sr. José Marques Veloso, de 52 anos, de Vila Real. Iam nele ainda os srs. Artur Vitorino de Figueiredo, D. Felicidade da Conceição Pereira, de 22 anos, e D. Maria dos Santos Pereira. Todos feridos foram levados ao hospital de Braga, onde a D. Maria dos Santos Pereira faleceu.

* No lugar de Paiã, Porto de Mós, apareceu numa cisterna, o cadáver de Clementina da Conceição Jorge, de 18 anos, casada com Adelino da Pena Junior, de 23 anos. Ora suspeitando-se que a morte não tenha sido natural, foi detido o Adelino para averiguações. E á margem da tragédia, sem dela se dar conta, há uma orfã de 11 meses!

JORNAL PEQUENO

COM o sr. Presidente do Conselho trabalharam os srs. ministros da Presidência e dos Negócios Estrangeiros. * No hospital da Misericórdia de Viseu, recebeu curativo, Alberto Gonçalves, de 10 anos, marçano, que foi agredido á bofetada e a pontapé por um desconhecido. * Numa casa habitada pelo guarda das matas Manuel Nunes Samorra, na Covilhã, declarou-se violento incêndio. Ficou destruída.

Caterina Valente

vem a Portugal

para actuar como cançonetista

O seu nome é um cartaz que dispensa o «néon». Caterina Valente, a grande vedeta da canção e, hoje, a mais cara da Europa, impôs-se rápidamente pelas suas qualidades artísticas. Era igual a si mesma, inimitável, diferente de todas as outras cançonetistas. Os discos tornaram-na famosa em todo o Mundo, a sua voz inconfundível e as suas interpretações de uma forte originalidade. Depois, o cinema trouxe-lhe uma nova consagração, revelando uma Caterina Valente que é actriz cheia de talento e sedução.

Disputada a peso de ouro, ela recebeu no ano passado a soma de 100 milhões de francos pela transferência das suas gravações, enquanto os produtores cinematográficos procuram, igualmente, o seu concurso para películas musicais, tamanho tem sido o êxito de bilheteira daquela vedeta.

Portugal, onde ela conta milhares de admiradores, tem agora ocasião de receber a sua visita. Caterina Valente estrear-se-á no dia 3 de Julho, no Casino do Estoril. A intérprete de «Bim Bom Bey», «Blue Train», «Le Chapeau de paille» e outros êxitos do disco, estará, entre nós, em carne e osso, para nos encantar com a sua personalidade, estuante de vitalidade e categoria artística.

Glória de António Patrício

(Continuação da 1.ª página)

sempre a do princípio da Primavera até começo do Verão, naquelas traiçoeiras paragens do Suez, de clima fatigante e áspero.

Assim a morte levou quem a desafiara tanta vez: — um dos raros trágicos da língua portuguesa que, pela minha parte, coloco a par do autor da «Castro», António Ferreira, e do Garrett de «Frei Luís de Sousa».

A obra de António Patrício é variada e vasta, desde os poemas de «Oceano» até «D. Dinis e Isabel», «Pedro o Cru», e essa fábula trágica, «D. João e a Máscara». Estas obras, por qualquer motivo que eu ignoro, não foram ainda reeditadas. A única reedição que dos livros de António Patrício se fez é a do «Serão Inquieto», que me parece, não é a mais significativa e importante: merecia, sem duvida, ser reeditado, mas não possui o poder de evocação e a profunda nobreza e altitude de emoção, de sugestão e de pensamento dos outros já citados. Neste «momento da literatura nacional», o nome de António Patrício anda quase esquecido. Injustiça grave e sem desculpa! Certo, é, porém, que verifico esse triste facto, esse vergonhoso facto. Não influi no caso ter sido amigo íntimo do autor de algumas obras-primas, que são glória para nós, bons lusíadas. Mas, apenas, o fervor da profunda e inalterável admiração que lhe votei, e que nasceu, quando ainda não o conhecia, ao ler a primeira vez o «Oceano» onde me cativaram logo e enfeitiçaram alguns poemas de inolvidável sabor.

António Patrício já aí se revela um excepcional criador de beleza, através de um temperamento e de uma constante e nobre emoção que lhe trouxe ou lhe deu um lugar único na poesia da nossa terra. Como no ensaio era um ironista penetrante e um crítico por vezes cruel de obras e ilimites glórias, sofre as consequências dos seus excessos de... sinceridade. Não lho perdoaram ainda? Não estará ainda patente aos olhos de todos o fulgor do seu génio, a grandeza e a nobreza da sua obra? Apelo para a gente nova de Portugal a quem pertence, afinal, reparar a iniqua e inqualificável omissão.

Em «D. João e a Máscara», D. João pede e quer a morte. A morte, porém, não o considerava digno de lhe oferecer a suprema consolação. E diz-lhe:

«O Senhor é amor. Ser amor é ser Deus. / Há eternidade já nesta palavra: — adeus».

E recusa-lhe o angustioso e suplice pedido. A beatitude da morte quando a obterá D. João? Ignora-se. Não se ignora, porém, que, bem cedo demais, a conseguiu António Patrício, que não pensou sequer em evitá-la, que não desejou sequer afastá-la. Sentiria ele então «o vento da luz da Eternidade», como o seu D. Pedro? Nunca ninguém o saberá, tão rápido, tão inesperado, tão sem queixas, sem agonia, foi o fim do poeta. Cruel, rápida e silenciosa. Mas se a morte, por ele tão ambicionada, lhe roubou a vida terrena, concedeu-lhe em troca a vida imarcessível da imortalidade. E é da imortalidade do génio e de uma obra prestigiosa que ele nos chama agora ao seu convívio espiritual.

JOÃO DE BARROS

VIDA MILITAR

Aviso a oficiais milicianos

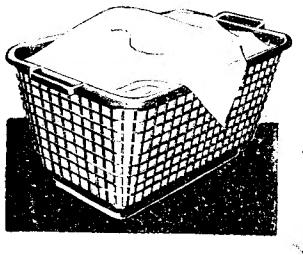
Os oficiais milicianos, pertencentes ao extinto Centro de Mobilização de Administração Militar n.º 1 residentes nas freguesias e concelhos da área dos Distritos de Recrutamento e Mobilização n.ºs 1 e 11, que tiveram ali passagem, desde 1 de Janeiro do corrente ano, devem dirigir para ali as suas futuras pretensões.

PARA TODA A SUA ROUPA **Agora OMO em pacote gigante**

Gigante no tamanho... nas qualidades... nas vantagens!

UMA BOA NOTÍCIA
para todas as donas de casa

Todas as boas donas de casa desejavam um pacote Omo de grande formato. Pois agora, aqui está: Omo Gigante para as donas de casa zelosas, para todas as que gostam que em sua casa tudo seja perfeito, para aquelas que escolhem sempre o que há de melhor e mais cuidado e que, de há anos para cá, adoptaram para a sua roupa a *famosa brancura Omo.*



E COM OMO GIGANTE, UM CESTO AINDA MAIOR, O CESTO GIGANTE OMO
A título excepcional, como oferta de lançamento de Omo Gigante, este sensacional cesto gigante Omo, de plástico colorido, grande e prático, é seu em troca de **apenas 1 tampa de Omo Gigante e só 23$50!** Não perca esta oportunidade única! Compre já o seu pacote gigante de Omo!

OMO lava mais branco!

60-OM-G1

INDÚSTRIAS LEVER PORTUGUESA, LDA. SACAVÉM

Reuniões de confraternização

Do curso médico de 1918/23

Os componentes do curso da Faculdade de Medicina de Lisboa, de 1918-1923, reuniram-se hoje para festejar mais um aniversário da sua formatura. Houve missa por alma dos antigos professores e condiscípulos, na capela do Hospital de Santa Maria, celebrada pelo médico-sacerdote, rev. dr. Gabriel Ribeiro. Seguiu-se a visita de cumprimentos ao director da Faculdade de Medicina, sr. prof. dr. Toscano Rico, depois do que foram percorridas as instalações daquele estabelecimento hospitalar.

A' noite, haverá o tradicional jantar de confraternização na Casa do Leão, no Castelo de São Jorge.

De antigos alunos da Faculdade de Ciências

Os antigos alunos da Faculdade de Ciências, dos cursos de 1923-28, tiveram hoje a sua tradicional reunião de confraternização. Pelas 11 horas, na igreja de São Mamede, houve missa por alma dos antigos professores e condiscípulos, celebrada pelo rev. Machado, das Oficinas de São José, e com «libra-me»; e, em seguida, visita de cumprimentos ao director da Faculdade, sr. prof. dr. Ramos e Costa. Falou em nome dos antigos alunos o sr. capitão Manuel Joaquim Macieira.

A's 20 horas reunem-se em colóquio e ás 21 horas, num jantar de confraternização, no restaurante Mónaco.

O XVIII ENCONTRO

de Formação Profissional na Força Aérea

No Subsecretariado de Estado da Aeronáutica decorreu, esta manhã o XVIII Encontro de Formação Profissional, com o qual a direcção do Serviço de Intendência e Contabilidade da Força Aérea inicia uma série de estudos relativos á administração nos comandos e unidades, e sua contabilização, com o objectivo de elaborar a indispensável regulamentação que permita uniformidade de métodos de trabalho em todos os sectores da Força Aérea, servidos pela Intendência, cujo director, sr. coronel João Francisco Calado presidiu ao encontro.

Assistiram á exposição, feita pelo sr. capitão Manuel Pereira de Meneses, chefe do conselho administrativo do Estado-Maior da Força Aérea, sobre «A técnica da gestão administrativa e sua contabilidade», todos os chefes da contabilidade dos conselhos administrativos e os oficiais que neles colaboram.

Seguiu-se um debate sobre a matéria exposta; e, no final, foram esclarecidas duvidas que surgiram durante a exposição e para uniformização daqueles serviços.

Reuniões científicas

Mesas Redondas de Hematologia, Hemoterapia, Reanimação, Sero-Antropologia e Adaptação Racial

Promovida pelo Serviço de Sangue dos Hospitais Civis de Lisboa, vai começar a segunda série das Mesas Redondas de Hematologia, Reanimação, Sero-Antropologia e Adaptação Racial, com a colaboração de cientistas estrangeiros, entre os quais os profs. Carlos Elosegui, de Madrid; W. Heim, de Berlim-Oeste; Louis Revol, de Lião e Ruy Faria, de São Paulo; dr. Lorenzo Lapponi, de Itália; prof. Claude Masse, de Bordeus; general-médico, dr. J. Julliard, de França; dr. Francesco Peyretti, de Turim; prof. Maurice Derot, e dr. A. Eyquem, de Paris; dr. Ducos, de Toulouse; profs. P. H. Saldanha, de São Paulo; Eugénio Ortiz, de Madrid, e Jacques Ruffié, de Toulouse; drs. Francis Borrey e Lambert, de Pro-huza.

Os trabalhos começam depois de amanhã, e decorrem até o dia 7 de Julho, no Serviço de Sangue dos Hospitais Civis e nos salões nobres dos Hospitais de S. José e do Ultramar, com sessões de tarde, das 16 horas ás 18 e 30, e das 22 ás 24. Também, no Salão Nobre do Hospital de Santo António, do Porto, se realizará uma sessão sobre «Planificação da Urgência e dos Primeiros Socorros».

2.ª FEIRA, GRANDE ESTREIA no TIVOLI

DO DISCUTIDISSIMO FILME DE GEORGES FRANJU

OS MUROS DO DESESPERO

SEGUNDO A OBRA DE HERVÉ BAZIN «LA TÊTE CONTRE LES MURS»

PIERRE BRASSEUR * ANOUK AIMÉE * JEAN-PIERRE MOCKY
PAUL MEURISSE e CHARLES AZNAVOUR
(Prémio de interpretação em França)
UMA HISTÓRIA PROFUNDAMENTE HUMANA!

Exclusivo MOMENTO FILMES — ADULTOS M/17 ANOS

TEATROS E CINEMAS

CARMEN MENDES viaja para Luanda

No avião da TAP segue esta tarde para Luanda a artista Carmen Mendes, que vai, como uma das suas primeiras figuras, juntar-se aos elementos da companhia de comédias organizada por Vasco Morgado, que há dias embarcou, em Lisboa, a bordo do «Quanza», para uma larga digressão pelas nossas províncias ultramarinas.

Carmen Mendes, que ocupa, presentemente, lugar de relevo, tanto no teatro, como no cinema e na televisão, desempenhará alguns dos principais papéis das peças que constituem o alegre repertório da companhia que tem como titulares Irene Isidro e Henrique Santana.

Atrás do reposteiro

- Terminam amanhã no Teatro Sá da Bandeira do Porto, as representações da revista «Está bonita a brincadeira!».
- A actriz Alda Pinto faz parte da nova companhia de revistas, que em Setembro se estreia no Capitólio.
- Deve chegar amanhã a Luanda, iniciando uma digressão de alguns meses pelo Ultramar, a companhia de comédias «Teatro Alegre», organizada pelo empresário Vasco Morgado.
- Com muito agrado estrearam-se no Nacional-Cine Teatro de Luanda os artistas brasileiros Deo Maia e Irmãos Guarás.
- Encontra-se na ilha da Madeira, de onde é natural, o artista Max, que ali tomará parte em vários espectáculos.
- Vindo de França e Espanha, é esperado nos primeiros dias do próximo mês o actor Ribeirinho, director da nova companhia de comédias, que actua no Teatro Variedades.

Visitas infantis ao Museu de Arte Antiga

No Museu Nacional de Arte Antiga está aberta a inscrição para visitas de crianças dos 7 aos 12 anos, semanalmente, durante este mês e o de Julho.

A inscrição é limitada, e faz-se na secretaria do Museu até depois de amanhã.

Instituto de Odivelas

No Instituto de Odivelas, amanhã, das 15 ás 19 horas, estará patente ao publico uma exposição de trabalhos escolares das suas alunas.

No D. Maria II

Grande êxto com «Maribel e a Estranha Família»

Mantem-se o êxito no D. Maria II com «Maribel e a Estranha Família», irresistível comédia de Miguel Mihura, traduzida pelo dr. José Galhardo, que constitui um espectáculo que dispõe bem, cheio de espírito e bom humor ao mesmo tempo que desenvolve um tema de apaixonante interesse e originalidade. Encenada por Pedro Lemos, que participa na representação, «Maribel e a Estranha Família» é interpretada por um notável conjunto de artistas: Palmira Bastos, Aura Abranches, Lourdes Norberto, Varela Silva, Helena Félix, Gina Santos, Meniche Lopes, Manuel Correia, Laura Fernandes e José Cardoso.

Primeiras exibições

«Sem dó nem piedade», no Eden

As histórias de «suspense» gozam o especial favor do publico que vibra com as labirínticas peripécias das existências perigosas, terminadas com a justa punição. Neste aspecto, os arquivos policiais têm fornecido ao cinema um enorme manancial de narrativas: o caso de «Sem dó nem piedade», que relata a vida movimentada do famigerado «Baby Face» (cara de bebé!) Nelson que, em dada altura, foi o inimigo publico n.º 1.

Filme de acção e de rápidas sequências que descrevem os meandros do crime e a atmosfera repugnante em que ele se trama, as interpretações de Mickey Rooney e Carolyn Jones dão com realismo as figuras centrais do conflito, cuja realização cinematográfica se eleva acima do habitual.

Complementos interessantes preenchem o programa — Visor 50.

«A paixão de Afrodite», no Condes

Alguns passos da «vida» de Praxíteles, célebre escultor grego, servem de tema a este filme, ontem estreado no Condes, que aproveita a figura daquele artista para mostrar a beleza, encarnada em Belinda Lee. Esta é o seu modelo, a divina Afrodite, a quem o escultor promete a imortalidade. Ela, porém, na sua simplicidade de camponesa, limita-se a ser uma mulher, com todas as fraquezas humanas. Na primeira ocasião, apaixona-se por um Macedónio que faz parte do exército invasor de Filipe e prefere o amor do bárbaro á grandeza e eternidade que Praxíteles augura á sua beleza.

Belinda Lee, Massimo Girotti e Jacques Sernas constituem o triangulo das personagens desta película que, como quase todas as outras, pouco tem a ver com a verdade da História. De qualquer maneira, distrai e tem sequências movimentadas, acrescidas de algum valor humano.

Entre os complementos, destaca-se «Uma tarde no prado das corridas». — *Visor 27.*

«Samba Brasil» hoje há noite no Casino Estoril

Em espectáculo unico, apresenta-se hoje, á noite, no Casino Estoril, o magnifico conjunto «Samba Brasil», que veio á Europa em digressão de propaganda do folclore brasileiro.

Festa de despedida do duo angolano «Ouro Negro»

No próximo dia 30, no Cinema Roma, vai efectuar-se a festa de despedida do duo «Ouro Negro», de Angola, que veio revelar aos portugueses da Metrópole a riqueza do folclore daquela nossa provincia ultramarina.

Artistas da rádio e da TV dão a sua valiosa colaboração a esta festa, que será a legitima consagração dos simpáticos artistas.

VENDA A FAVOR de refugiados

Incluida no Ano Mundial do Refugiado, a Cruz Vermelha Portuguesa promove uma semana de venda de frutos, flores e outros objectos a partir de terça-feira, num «stand» da Feira do Jardim da Estrela.

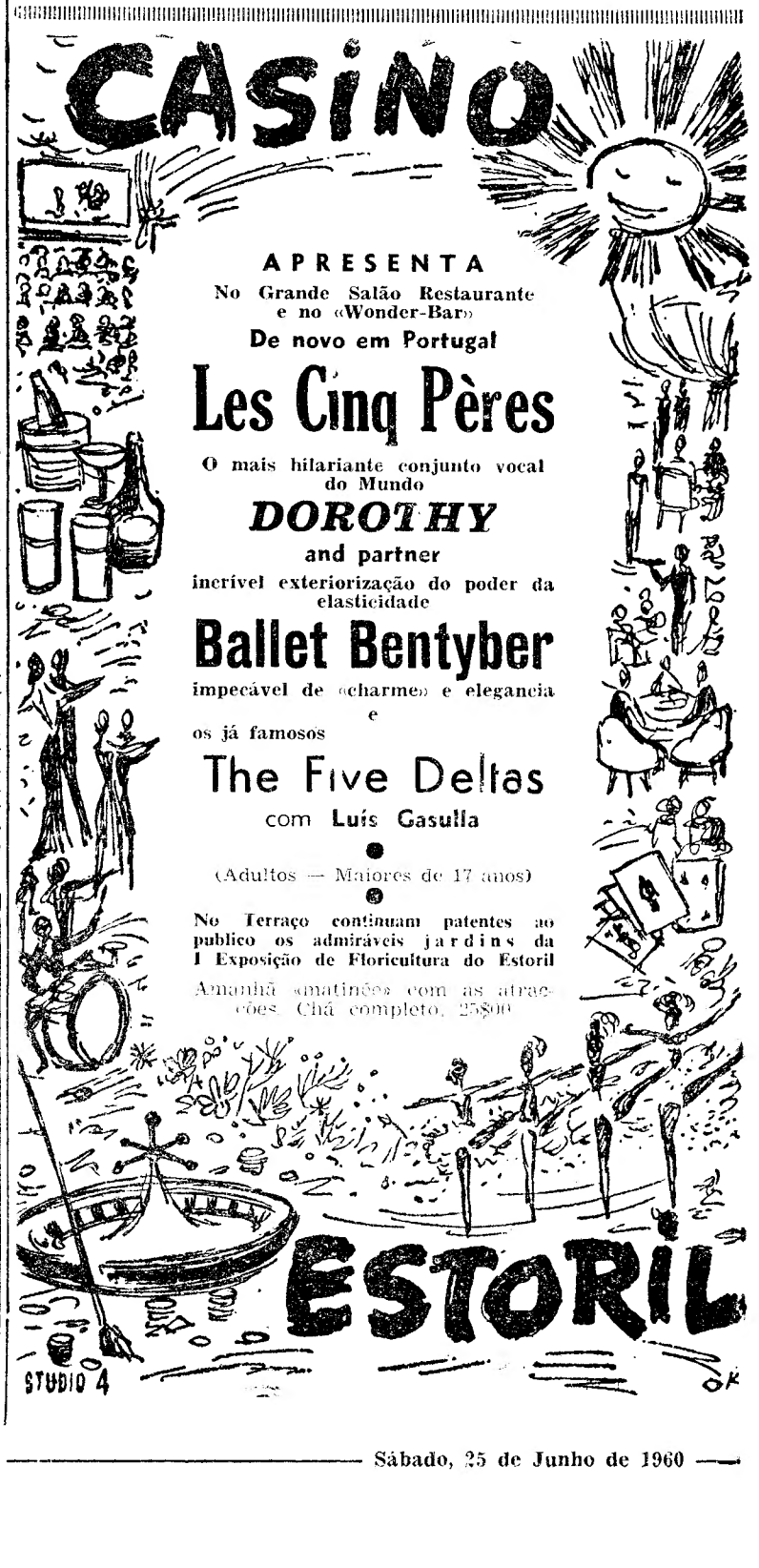
Teatro MONUMENTAL
Esp. Vasco Morgado, Lda.
T. 55133

Para maiores de 12 anos
HOJE Às 21,45 h.
Uma peça policial original e diferente

Uma nova e excelente Companhia com a colaboração de
JOÃO VILLARET

Preços normais desde 5$00
Sala com «Ar refrigerado»-20°

Amanhã, à tarde, às 16 horas



APRESENTA
No Grande Salão Restaurante e no «Wonder-Bar»
De novo em Portugal
Les Cinq Pères
O mais hilariante conjunto vocal do Mundo
DOROTHY
and partner
inerível exteriorização do poder da elasticidade
Ballet Bentyber
impecável de «charme» e elegancia
e
os já famosos
The Five Deltas
com Luís Gasulla

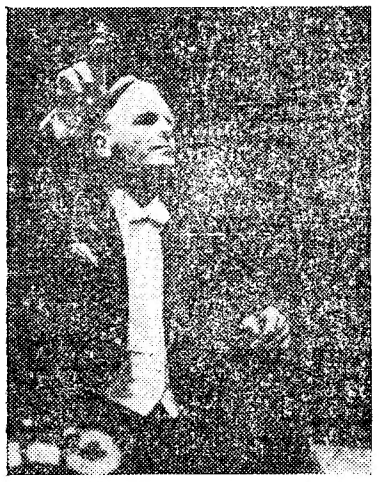
(Adultos — Maiores de 17 anos)

No Terraço continuam patentes ao publico os admiráveis jardins da I Exposição de Floricultura do Estoril
Amanhã «matinée» com as atracções. Chá completo, 25$00

Coliseu

Hoje, às 21 e 30, Quinto Concerto Sinfónico do Quarto Festival Gulbenkian de Música, para primeira apresentação em Portugal da Orquestra Sinfónica Residencial da Haia, sob a direcção do maestro Willem Van Oterloo, e com os solistas Hermann Krebbers e Theo Olof

Vinda da Holanda, chegou ontem a Lisboa, em dois aviões especiais, a grande Orquestra Sinfónica Residencial da Haia, num total de 117 elementos. Com a orquestra vieram, ainda, o presidente e dois directores do comité de Honra do Het



Maestro Willem Van Oterloo

Residentie. Todos se mostraram encantados com o sol e a cor de Lisboa, e tiveram ontem um dia de repouso e de visita á cidade.

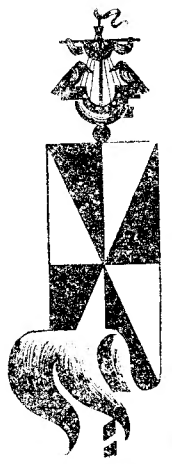
A grande Orquestra Sinfónica Residencial da Haia é, hoje, merecidamente considerada uma das melhores da actualidade. Na recente visita que fez a Inglaterra, apenas há três semanas, foi unanimemente considerada pela crítica londrina, como uma das melhores orquestras ouvidas na capital inglesa nos ultimos anos, sendo o maestro Willem Van Oterloo entusiasticamente elogiado pela sua magnífica direcção.

Willem Van Oterloo dirige anualmente cerca de 90 concertos, reservando sempre cerca de dois meses para actuações no estrangeiro. São bem conhecidas entre nós as suas gravações, não só á frente da orquestra de que é titular, como também com outras orquestras célebres, como a Sinfónica de Viena e a Filarmónica de Berlim.

Pelo seu altíssimo nível, a orquestra vai, certamente, entusiasmar o publico português, excedendo a expectativa criada á volta da sua apresentação. A orquestra conta entre os seus elementos alguns notáveis solistas, e estamos certos que os violinistas Hermann Krebbers e Theo Olof, que hoje tocam a primeira audição do Concerto para dois violinos, de Baings, vão ser recebidos com o mesmo entusiasmo que têm encontrado em toda a parte, nomeadamente em alguns dos melhores festivais europeus.

Notemos, particularmente ainda, a inclusão de uma obra de um compositor português no programa de hoje e, ainda, a inclusão da Sinfonia Fantástica, de Berlioz, que fecha o programa, e que vai obter um êxito clamoroso.

FEIRA DE BENEFICÊNCIA DA ESTRELA



ABERTA DAS 19.30 À 1 HORA

Com todas as habituais diversões populares, como carrocéis, pistas de automóveis eléctricos, bazares, restaurantes, «stands» regionais, barracas de pim-pam-pum, bares, arraiais e muitas outras atracções de novidade em feiras do género.

4 pistas de dança com orquestra e entrada gratuita

Decorações com motivos dos Descobrimentos, iluminações feéricas.

NO RECINTO DE ESPECTACULOS

HOJE e AMANHÃ: a comédia de Molière «O BURGUES FIDALGO», pelo Teatro Experimental de Lisboa.

HOJE, ENTRADA GRATUITA. Amanhã 5$00

No domingo à tarde, passatempo infantil com palhaços, ilusionistas, etc., com entrada gratuita.

De segunda a quarta-feira o famoso GRUPO FOLFLÓRICO DE SANTA MARTA DE PORTUZELO

ENTRADA GERAL: 2$50

4.º FESTIVAL GULBENKIAN DE MUSICA

HOJE ÀS 21.30 NO COLISEU M/6 ANOS

5.º CONCERTO SINFÓNICO

DIRIGIDO PELO NOTÁVEL MAESTRO VAN OTTERLOO

EXCEPCIONAL TEMPERAMENTO ARTISTICO CONSIDERADO UM DOS PRIMEIROS DA EUROPA

COLABORAÇÃO DOS EXTRAORDINÁRIOS VIOLINISTAS HERMAN KREBBERS e THEO OLOFF

ESPECIALMENTE REPRESENTANTES DA MODERNA GERAÇÃO DE ARTISTAS

Orquestra Sinfónica Residencial de Haia

UMA DAS MAIS FAMOSAS DA ACTUALIDADE

2.ª FEIRA 6.º CONCERTO com o grande violinista DAVID OISTRACH

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II

TODAS AS NOITES, ás 21 e 45 — (17 anos)

E AOS SÁBADOS, EM TARDE POPULAR A PREÇOS REDUZIDOS

Maribel e a Estranha Família

COMÉDIA DE M. MIHURA. VERSÃO DO DR. JOSÉ GALHARDO

RITZ CLUBE

EMPRESA RITZ CLUBE (Adultos—Maiores 17 anos)

Musica de baile por VILAÇA E SUA ORQUESTRA

NO SALÃO TÍPICO: CEIAS, FADOS E GUITARRADAS

O "DANCING" FAVORITO DE TODOS E SEMPRE EM FESTA

TODAS AS NOITES: ENCHENTES E GRANDES EXITOS

BALLET SUZAN

10 ESCULTURAIS BAILARINAS

EMILIO Y SU MURENAS

ROSITA DE ESPAÑA | ISA MARTINEZ

JULITA MANSANAREZ

OS DOIS SALOMAR

TRAFARIA

TODOS OS DOMINGOS PARTIDAS DO

Cais do Sodré

DE HORA A HORA, DAS 7.30 ás 17.30

EM FERREIRA DO ALENTEJO, O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NA TABACARIA «A CHIC».

ALMOCE ou JANTE no

Hotel da Nazaré

e delicie-se com alguns dos pratos regionais da sua ementa

AMANHÃ DOMINGO, AO ALMOÇO

LAGOSTA À GUILHIM

(Caldeirada especial deste hotel)

Sardinha assada á portuguesa

Cabrito assado á trasmontana

são especialidades do Restaurante do

HOTEL DA NAZARÉ

situado no 4.º andar com vista deslumbrante sobre o Oceano

FIM DE SEMANA

(Condições especiais)

Informações e reservas — Telef. 46311 e 46312

UMA PEGA 6$50

um Ribatejo 10$00 — Café de Balão

DOÇARIA CASEIRA

no BAR RIBATEJO — Praça do Areeiro, 11-D

Todas as Casas de Cinema

SÃO LUIZ — Telefone 27172 — 15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (17 anos) — O filme policial PASSOS EM FALSO

A 1200 metros sobre o «Grande Canyon» uma luta de morte sem possibilidades de fuga.

EM CINEMASCOPE com Cornel Wilde e Victória Shaw

EDEN — Telefone 20768 — 15.30 - 18.30 e 21.45 Adultos — 17 anos — Um filme de «suspense»

SEM DÓ NEM PIEDADE

com MICKEY ROONEY

Um «gangster» que luta com desespero até ao ultimo minuto de vida.

CONDES — Telefone 22523 — 15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M. 17 anos)

A PAIXÃO DE AFRODITE

com Belinda Lee

Um filme de amor e aventuras, em colorido.

AVIS — Telefone 47163 — 15.30 e 21.45 (Adultos)

HOMEM SEM RUMO

com Kirk Douglas e Jeanne Crain

Na série parada de êxitos

ROYAL — Telefone 865037 — 21.00 (M. 12 anos)

SOL NO CORAÇÃO

No progr.: HOMENS SEM MEDO

ESPLANADA PORTUGÁLIA — Telefone 47663 — 21.30 (12 anos)

Romy Schneider em A MIUDA

AMEAÇA DE MORTE

com Fred Mac Murray

CASINO ESTORIL — 21.30 (M/17 anos)

O VELHO E O MAR

com Spencer Tracy

TIVOLI — Telefone 50503 — A's 3 e 6.30 da tarde e 9.30 da noite (M. 17 anos)

Sensacional comédia em Cinemascope

O HOMEM QUE COMPREENDIA AS MULHERES

com Leslie Caron e Henry Fonda

POLITEAMA — Telefone 26305 — 15.15 - 18.15 e 21.30 (M. 17 anos)

GRANDIOSO EXITO

A odisseia de um «comando» nazi que se infiltrou entre os exércitos aliados.

O ÚLTIMO COMBATE

com Van Johnson e Kerwin Mathews

ALVALADE — Telefone 763080 — 15.15 (p. r.) e 21.30 (M. 17 anos)

O filme policial e de «suspense»

PASSOS EM FALSO

com Cornel Wilde e Vitória Shaw

ODEON — Telefone 26283 — 15.15 - 18.15 e 21.30 Adultos, maiores de 17 anos

Mais um grande triunfo em 3.ª Semana de SARITA MONTIEL

O AMOR NÃO SE VENDE

Temperatura agradável, devido a melhoramentos de ventilação.

CAPITOLIO — NO TERRAÇO 21.30 (M. 17 anos) Preços populares

A DOIS PASSOS DA FORCA

com Fred Mac Murray

MEIA NOITE DO AMOR

com Jane Wyman

RESTELO — Telefone 610375 — 21.15 (M. 17 anos)

Em Cinemascope SETE LADRÕES com Edward G. Robinson

IMPERIO — Telefone 55134/5 — 15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M. 17 anos)

LINO VENTURA na vibrante realização da série negra

MORTE DE UMA TESTEMUNHA

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 PLATEIA 54153 — 15.15 - 18.15 e 21.30 (M. 17 anos)

Maria Felix — Arturo de Cordova — Pedro Armendariz — Mari Blanchard em

CANASTA

Cinemascope — Eastmancolor

A maior produção mexicana de todos os tempos!

MONUMENTAL — Telefone 55131 — 15.15 - 18.15 e 21.30 (M. 17 anos)

O romance imortal de Tolstoi

RESSURREIÇÃO

Numa magnífica interpretação de Miryam Bru e Horst Bucholz

ROMA — Telefone 727778 — 15.15 e 21.45 (12 anos)

OURO, MULHERES E MARACAS

Um filme deslumbrante que nos apresenta todo o fascínio das terras da América do Sul.

TIVOLI — Telefone 48560 — 21.00 (M. 17 anos)

A MULHER E O FANTOCHE

O QUINTETO ERA DE CORDAS

CINEMA REAL — Telefone 24194 — 21.00 (M. 17 anos)

VÍCIO DE MATAR

RELATÓRIO CONFIDENCIAL

TERRASSE — Telefone 20917 — 21.00 (M. 17 anos)

CASINO DE PARIS

A MAIS BELA DO MUNDO

A visita do Chefe do Estado ao Norte do País

(Continuação da 1.ª página)

constituídos por pequenas enfermarias de 3 camas e 22 quartos particulares, importou em 12.080 contos.

Na cerca do edifício, centenas de alunos dos seminários e crianças das escolas saudaram o Presidente, cobrindo-o de flores.

A banda dos Órfãos de São Caetano executou o Hino Nacional. Na parede externa do novo edifício, coberta com a bandeira da Misericórdia, o Presidente da Republica descerrou uma lápida, em bronze, comemorativa da inauguração do edifício, que comporta camas para 220 doentes, algumas das quais já estão ocupadas. No átrio, o Chefe do Estado foi recebido por toda a Mesa e pelo presidente da Junta de Província, pelo director clínico do Hospital, pelo delegado de Saude e pelo eng.º Maçãs Fernandes, presidente da comissão organizadora das construções hospitalares.

O Chefe do Estado visitou, depois, todo o vasto edifício, em cujos corredores se alinhavam as religiosas da ordem de S. José de Cluny e as enfermeiras da Escola de Enfermagem de Braga, que o saudaram carinhosamente.

Na sala dos benfeitores do velho hospital de São Marcos, ligada ao novo edifício, efectuou-se uma sessão solene presidida pelo Chefe do Estado, que tinha a ladeá-lo os ministros das Obras Publicas e da Saude, o governador civil, o provedor da Misericórdia e outras individualidades. Falou em primeiro lugar o padre Aloísio.

O Chefe do Estado foi nomeado irmão benemérito da Misericórdia de Braga

O p.e Aloísio de Sousa, representante da mesa da Misericórdia na inauguração do Hospital Regional, usou da palavra para saudar o Chefe do Estado e exprimir o regozijo da Santa Casa pelo melhoramento festivamente inaugurado, que capitulou de «grandiosa realização no campo da assistência».

«Senhor Presidente, muito obrigado e que Deus lhe pague» — disse.

Cumprimentou o arcebispo-primaz de Braga e seu auxiliar a presença da Santa Igreja. Agradeceu aos ministros das Obras Publicas e da Saude e ainda ás autoridades locais a conjugação de esforços de que resultou a transformação daquele sonho em realidade. Tornou ainda extensivos os seus agradecimentos á Fundação Gulbenkian, que ao Hospital de Braga ofereceu o avultado donativo de alguns milhares de contos para a construção da Escola de Enfermagem e do seu lar anexo

Por ultimo, dirigindo-se ao sr. Presidente da Republica, disse que a mesa da Misericórdia, considerando o alto significado da presença do Chefe do Estado nesta festa inaugural, entendera dever significar ao Supremo Magistrado da Nação tudo o que lhe ia na alma e que gostaria de exteriorizar de forma bem eloquente. Por isso decidira, em sessão extraordinária, nomear o Chefe do Estado irmão benemérito da Santa Casa da Misericórdia e Hospital de São Marcos.

Foi então entregue ao Chefe do Estado pelas mãos do provedor da Misericórdia o diploma que em pergaminho se escreveu e de onde consta que a partir de agora ele é irmão benemérito da Santa Casa da Misericórdia de Braga.

Foi, seguidamente, dado conhecimento a todos os presentes de que o comendador Nogueira da Silva, grande benemérito da cidade de Braga, oferecera 50 contos para a compra de um aparelho de raios X para o Serviço de Cirurgia de homens.

Usou, seguidamente, da palavra, o sr. ministro das Obras Publicas.

O discurso do ministro das Obras Públicas

O sr. ministro das Obras Publicas começou por saudar o Presidente da Republica, o arcebispo-primaz e o ministro da Saude, agradecendo o carinho e simpatia dispensados pelo sr. almirante Américo Tomás ás actividades do departamento do Estado a seu cargo. Sublinhou a hospitalidade com que capricha a população de Braga, cidade que, «tendo visto atendidos um após outro, os seus legítimos anseios», podia oferecer — disse — um exemplo impressionante de valorização e de progresso.

Nessa auspiciosa trajectória considerou que a inauguração do novo pavilhão do Hospital de São Marcos era mais um importante passo, que vinha preencher uma justificada aspiração da cidade, cujo desenvolvimento, apesar da diligência da Misericórdia, acarretava a insuficiência das suas instalações hospitalares.

Referiu-se à orientação dada pelo sr. Presidente do Conselho ao plano de transformação radical do conjunto existente e á construção do magnífico edifício hoje inaugurado, onde ficam instalados os mais importantes serviços do hospital regional.

Anunciou que o plano geral delineado prosseguiria com a remodelação das velhas instalações. «Mas — insistiu — não há dúvida de que, com as primorosas condições do novo pavilhão, capaz de acolher por forma impecavel 222 doentes, podem considerar-se definitivamente ultrapassadas as sérias dificuldades que nos afligiam e que nos propuhamos vencer».

E acrescentou: «Assim, neste distrito como em todos os demais do País, se vai progredindo sensivelmente na execução do plano de reorganização hospitalar promulgado pelo Governo em 1946. Ao abrigo desta fecunda medida, cujo estudo ficámos a dever ao ilustre ministro Trigo de Negreiros, foram já construídos 69 hospitais regionais e postos hospitalares, ascendendo ao mesmo número neste momento — por mera coincidência — os que foram profundamente remodelados e ampliados». E anunciou:

«Encontram-se, além disso, em construção mais 11 hospitais desta categoria. São, pois, ao todo, 149 unidades hospitalares sub-regionais que por todo o Continente e Ilhas Adjacentes consubstanciam o esforço do Governo no sentido de renovar no mais curto prazo possível a estrutura material da assistência hospitalar no País, e dão a medida do êxito já assegurado neste sector das nossas preocupações, graças á conjugação dos esforços do Estado e das meritórias Misericórdias locais».

Lembrou depois o valor de realizações porventura menos espectaculares, mas igualmente importantes como as do hospital regional de Braga, e dos hospitais regionais de Setubal e de Angra do Heroismo; e, ainda, as vultosas obras de reforma e de ampliação que se encontram já concluídas ou em curso adiantado nos hospitais regionais de Aveiro, Evora, Viseu, Lamego e Horta e nos grandes hospitais centrais de D. Estefania e de Santa Marta, em Lisboa.

Neste balanço da actividade desenvolvida pelo Estado, aludiu aos hospitais escolares de Lisboa e do Porto, em pleno funcionamento; e, ainda, aos numerosos estabelecimentos para a luta contra a tuberculose — sanatórios, preventórios, dispensários e abrigos — aos hospitais psiquiátricos, aos estabelecimentos do foro da oncologia e aos demais hospitais de carácter especializado.

«Temos ainda á nossa frente— disse mais adiante — longo caminho a percorrer para que possamos deter-nos na contemplação da obra feita ou, sequer, abrandar a nossa marcha. Há, decerto, muitos problemas importantes ainda a resolver e teremos de fazer o possível por intensificar o nosso labor, sobretudo nos sectores de hospitais regionais e centrais. Todavia, a obra realizada, em que vão despendidos cerca de 1 milhão e meio de contos, tem já dimensões consoladoras que interessa dar a conhecer á Nação». E afirmou que o Ministério das Obras Publicas se orgulhava da contribuição que lhe fora possível prestar a esta obra.

Renovou, perante o ministro da Saude e Assistência, a promessa de que o Ministério das Obras Publicas continuaria a prestar-lhe a mais dedicada colaboração. Cumprimentou, num publico louvor, o eng. inspector Raul Américo Maçãs Fernandes, como dirigente da Comissão de Construções Hospitalares e bem assim a cooperação valiosa da Camara Municipal de Braga e da Santa Casa da Misericórdia.

Terminou, dirigindo-se ao Chefe do Estado: «Mercê da esplêndida contribuição de todos, sem esquecer os empreiteiros e fornecedores e os seus operários e trabalhares, pode a cidade de Braga orgulhar-se desta obra que ficará a partir de hoje como mais um documento a atestar o carinho com que o Governo da Nação vela pela sua prosperidade, conduzido pelo pulso firme do seu Chefe e sob a égide de Vossa Excelência, senhor Presidente da Republica».

O discurso do ministro da Saúde

Após o sr. eng.º Arantes e Oliveira, falou o sr. dr. Martins de Carvalho, ministro da Saude, que se associou ás palavras de louvor do Presidente aa Republica, que bem traduziam o sentir da população minhota. Saudou os estudantes presentes, a mocidade de Portugal e, de um modo geral, todos aqueles que lutam pelo progresso da Nação.

Dirigindo-se ao sr. ministro das Obras Publicas, disse que ainda há duas semanas visitara a obra hoje inaugurada, parecendo-lhe problemática a sua conclusão até á presente data.

Considerou tal resultado um verdadeiro milagre realizado pelo ministro das Obras Publicas, pela administração do Hospital e pelo respectivo corpo clínico, pois não só tudo estava a postos, pronto e perfeito, mas até ali se viam já doentes internados.

Aludindo a um apelo feito pelo representante da Santa Casa da Misericórdia, disse ter a satisfação de poder afirmar que o ministro das Finanças dentro de breves dias enviará áquela Misericórdia auxílio subtancial para a ajuda da sua caridosa missão.

Referindo-se á obra do seu colega da pasta das Obras Publicas, o sr. dr. Martins de Carvalho anunciou, ainda, para muito breve a inauguração de vários hospitais e pavilhões, dos quais salientou a importante obra de ampliação das instalações do Hospital Rodrigues Semide.

E toda a propósito, várias quadras do poeta António Correia de Oliveira e uma frase de Eça de Queiroz sbore as angustias da Humanidade.

Palavras do Chefe do Estado

O Chefe do Estado encerrou a sessão, exaltando a obra do Governo de protecção ás Misericórdias e evocando a figura da Rainha D. Leonor. Quanto aos elogios de que fora alvo, aceitara-os apenas porque a única coisa que se podia levar da terra era a satisfação de minorar os sofrimentos alheios e, de facto, tinha a consciência de haver toda a vida feito esforços nesse sentido.

O diploma que lhe fora entregue pelo provedor da Misericórdia, aceitava-o de todo o coração, embora viesse criar-lhe as maiores dificuldades, que procuraria vencer. Se outro mérito não tivesse, tinha pelo menos o da sinceridade do seu coração enternecido.

Salvas de palmas estrondearam apos estas palavras do Chefe do Estado.

Quando o Presidente da Republica saía do novo edifício hospitalar, os sinos de Santa Cruz tocaram o hino nacional.

O sr. almirante Américo Tomás dirigiu-se depois para o novo edifício, que inaugurou, da Junta de Província, no Rocio da Sé, onde já funcionam o Instituto e o Tribunal do Trabalho.

O Chefe do Estado encaminhou-se depois para a estancia do Bom Jesus do Monte, cujo templo visitou.

Assinou o livro de honra e recebeu o diploma de irmão honorário da confraria. A sr.ª de Américo Tomás foi oferecida uma prenda em filigrana de ouro.

Seguiu-se um almoço ao ar livre, sob o frondoso arvoredo. Nele tomou parte o sr. subsecretário da Educação Nacional.

Aos brindes, usaram da palavra diversos oradores, entre eles o presidente da Camara Municipal de Braga.

O sr. comendador António Dias Junior, bracarense radicado no Recife, no Brasil, fez entrega ao Chefe do Estado de um cheque no valor de 250 contos, destinado á cantina das escolas da Sé. O Chefe do Estado entregou esse cheque ao governador civil. Seguidamente, uma senhora octogenária, D. Maria Aurora Calheiros Valença, avó de um estudante a quem há pouco tempo o presidente da Republica entregara um premio escolar, entregou ao sr. almirante Américo Tomás, para sua esposa, uma pulseira de ouro com mais de cem anos.

O sr. almirante Américo Tomás encerrou a serie dos brindes.

A chegada do Chefe do Estado ao Porto

PORTO, 25 — (Pelo telefone). — Pelas 16 horas, o sr. almirante Américo Tomás chegou a esta cidade, ao cruzamento da Via Norte com a estrada da Circunvalação, em companhia dos srs. ministros das Obras Publicas e do Interior e subsecretário da Educação Nacional. Aí, recebeu os cumprimentos do sr. presidente da Camara e outras individualidades civis e militares.

O Chefe do Estado iniciou as suas visitas a importantes melhoramentos de interesse publico e obras de carácter social, começando pelos bairros de Fernão de Magalhães.

Por volta das 16.10, inaugurará o bairro do Outeiro, onde será descerrada uma lápida e um morador lhe apresentará cumprimentos, e o de Agra, do Ameal, as escolas dos bairros do Carvalhido e Boavista e finalmente o bairro da Pasteleira. Nessa cerimónia, usarão da palavra os presidentes da Camara Municipal e da comissão distrital da U. N. e o ministro das Obras Publicas.

Terminada esta cerimónia, o Chefe do Estado dirigir-se-á para Vila Nova de Gaia, onde, na estação das Devezas, embarcará em comboio especial, com destino a Lisboa.

O regresso do Chefe do Estado

Em comboio especial, de regresso da sua viagem a Guimarães, a Braga e ao Porto, o sr. Presidente da Republica chega ás 0.28 á estação de Santa Apolónia.

Atropelamento mortal

GUIMARÃES, 25 (Pelo telefone) — Um automóvel, conduzido pelo padre Joaquim Pinto Dias da Costa de Tavares, residente em Santa Marta de Penaguião (Vila Real) atropelou mortalmente, no Largo do Toural, a sr.ª O. Otolinda Candida da Cunha Fernandes, de 78 anos, viuva.

Operário electrocutado

Quando o caldeireiro Francisco Bernardino Neto, de 32 anos, de Leceia (Barcarena) trabalhava com um berbequim eléctrico na empresa Sorefame, na Amadora, sofreu um choque tão violento que morreu electrcoutado. Tendo chegado, pois, já sem vida ao Hospital de São José, foi o seu corpo levado para o Necrotério.

Reunião de médicos

A reunião de confraternização de médicos combatentes da primeira Grande Guerra, em Africa, no mar e em França, que estava marcada para hoje, foi adiada para dia a indicar.

MORTE TRÁGICA de duas crianças num incêndio

FUNDÃO, 25 — (Pelo telefone) —Causou profunda consternação nos lugares em redor a morte das duas crianças, carbonizadas num incêndio provocado por uma delas, quando brincava com uma caixa de fósforos, que, sem ninguém se aperceber tirara do bolso do casaco do pai, pendurado numa barraca de arecadação, enquanto o homem, Virgílio Lucas Brás, e sua mulher, Maria Angelina Monsanto, andavam entregues ao amanho das terras, no sítio do Caniçal, da freguesia de Dornelas do Zêzere. A pequenina Maria de Lourdes Brás, de 25 anos, e seu irmãozito, Floriano, de 15, tiveram morte horrorosa, no incêndio, que, provocado, inconscientemente, pela Maria de Lourdes, e ateado num monte de palha, reduziu a cinzas a arrecadação, que servia de residência á pobre gente, duranta a faina agrícola.

O funeral das inditosas crianças realizou-se hoje e teve o acompanhamento de muitos habitantes dos lugarejos em redor.

Linha de CASCAIS

Cinemas

ALGÉS — Stadium — A's 21: «Hércules e a rainha» e «Totó, Fernandel e a lei» (12 anos)

CARCAVELOS — Vitória — A's 21 e 30: «Um crime por dia» (17 anos).

CASCAIS — S. José — A's 21 e 30: «A grande difamação» (17 anos).

ESTORIL — Casino — A's 21 e 30: «O velho e o mar» (17 anos); Associação dos Bombeiros — A's 21 e 30: «A amada infiel» (17 anos).

PAÇO DE ARCOS — Cine-Teatro — A's 21 e 15: «Eddie, agente secreto» e «A mulher que não pecou» (17 anos).

PAREDE — Royal — A's 21 e 15: «Joselito, o pequeno saltimbanco» e «Sinfonia da Primavera».

Farmácias de serviço

ALGÉS — Miramar — R. Ernesto Silva, 81. Tel. 012048.

CASCAIS — Misericórdia — R. Regimento 19, 41. Tel. 080141.

ESTORIL e MONTE — Suiça — no Cruzeiro. Tel. 060087.

OEIRAS — Central — R. Condè Ferreira. Tel. 043058.

PAÇO DE ARCOS — Godinho — Av. Patrão Joaquim Lopes, 4. Tel. 042039.

PAREDE — Artur Brandão — Av. Republica, 77 C. Tel. 047054.

Não há confusão possivel...

...é Milo

Na gama dos inúmeros fortificantes e reconstituintes o **Milo tónico NESTLÉ** tem um lugar àparte.

MILO, reconhece-se imediatamente entre todos os outros pelo seu fino sabor, verdadeiramente natural e muito mais agradável.

MILO, apresentado com um rótulo moderno, é um produto moderno de concepção científica, destinado a:

- **Combater o cansaço**
- **Aumentar a capacidade de trabalho**
- **Fornecer energia para todo dia**

Milo reconhece-se de olhos fechados

Atenção: Só o **Milo** lhe oferece uma lata de leite condensado açucarado **Nestlé** contra **3** rótulos das latas grandes ou **6** das pequenas.

MILO TEM A GARANTIA DA MARCA NESTLÉ

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal Continental, o vento era fraco a forte de Norte, o céu estava geralmente limpo por acção de uma massa de ar continental seco transportada na circulação conjunta de um anticiclone, centrado a Oeste de Portugal e de uma depressão de origem térmica, centrada sobre Sevilha.

TEMPERATURAS ÀS 9 HORAS (T. M. G.) — Coimbra, 18°; Lisboa, Portalegre e Funchal, 20°; Faro, 27°.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu geralmente limpo, vento fraco a moderado de Norte, por vezes forte durante a tarde, junto á costa Oeste, a Sul do abo Mondego.

ÀS 10 HORAS, NA COSTA DO SOL, REGISTARAM-SE AS SEGUINTES TEMPERATURAS: No ar, 20°,5; na água do mar, 15°,1.

No julgamento de Santa Clara

começou esta tarde a inquirição das testemunhas de defesa

No Primeiro Tribunal Militar Territorial de Santa Clara prosseguiu, esta tarde, o julgamento dos oficiais e civis incriminados por implicados no movimento que esteve para sair na noite de 11 para 12 de Março de 1959.

ENRICO EMANUELLI

As audiências foram suspensas na quarta-feira, depois de o promotor de justiça ter prescindido das restantes testemunhas de acusação, no fim do depoimento do agente da P. I. D. E., sr. Mário César Pedro Ferreira.

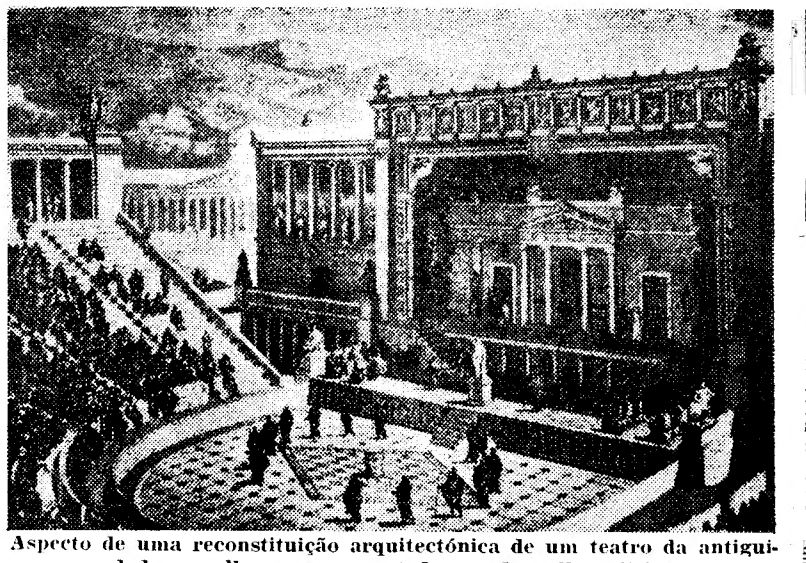
O adiamento das audiências teve por fim convocar as testemunhas de defesa dos vários réus.

A audiência de hoje começou ás 14 horas, sob a presidência do sr. coronel Rui da Cunha, e com a habitual constituição do tribunal.

Os trabalhos de hoje

Estão presentes todos os reus. Antes de começar o depoimento das testemunhas de defesa, foi ouvida a ultima testemunha de acusação, Abílio Marques da Silva, o «Peixinho». Disse não ter sabido que a camioneta por ele alugada andara ao serviço do movimento.

A camioneta foi contratada para estar na Rua dos Anjos. Ali esperaram para cima de uma hora. Da Rua dos Anjos foi mandado seguir para junto da igreja dos Anjos, onde lhes foi dada ordem para seguirem para a Sé por volta da meia-noite, de onde seguira para os Jerónimos. A pessoa que os acompanhava disse-lhe que devia estar ali outro carro e não estava. Passado tempo disseram-lhe que já não era preciso. O serviço foi de 270$00 dos quais o «Peixinho» guardou 120$00 para ele.



Aspecto de uma reconstituição arquitectónica de um teatro da antiguidade semelhante, no seu todo ,ao da velha Olisipo

E' possível reconstruir

o teatro romano que existiu em S. Mamede ao Caldas

— na opinião do arquitecto Cassiano Branco

As escavações efectuadas num terreno da Rua de S. Mamede ao Caldas, onde se pretende erguer um prédio, levantam, de novo, o problema da reconstrução do teatro romano ali construído, no ano 57 da era cristã, por Caio Haio Primo e dedicado a Nero.

A possibilidade de reconstruir esse monumento, o incalculável valor arqueológico e histórico do empreendimento têm interessado, desde há longos anos, o arq. Cassiano Branco, uma das figuras mais representativas da nossa arquitectura contemporanea. O arq. Cassiano Branco, que estudou a evolução das construções deste tipo através da antiguidade clássica, baseando-se nos mais recentes ensaios arqueológicos e em toda a teoria de teatros clássicos descobertos, realizou um plano de reconstituição arquitectónica do teatro romano de Lisboa, a partir da medição do diametro do fuste da coluna remanescente do edifício, que se encontra na loja do prédio n.º 2 da Rua de S. Mamede.

A complexidade da solução arquitectónica da reconstituição deste monumento obedece ao estudo retrospectivo de outros modelos de teatros existentes em Espanha e Norte de África.

Conhecendo estes valiosos trabalhos arqueológicos, procurámos o arq. Cassiano Branco, no «atelier», para recolher o seu importante depoimento.

A indiferença das entidades oficiais quando da descoberta das ruinas

Quisemos saber quando foram descobertas as ruinas do teatro romano de Lisboa.

— Em 1798, ao serem efectuadas escavações para a construção de um prédio no local onde se encontram as ruas de S. Mamede e da Saudade.

— A descoberta provocou o interesse das autoridades?

— Não. Apenas o alvoroço de eruditos, pouco numerosos e com escassas possibilidades financeiras. Em 1815, o professor de latim, Luís António de Azevedo, publicou um livro revelando que as ruinas pertenciam a um teatro romano de meados do primeiro século da era cristã. Precisamente de 57, erguido por Caio Haio Primo e dedicado a Nero.

Colunas jónicas à porta do ferro-velho

— No entanto, a voz do professor de latim mal foi ouvida.

— Naturalmente. O nenhum interesse que suscitou a aparição deste monumento arquitectónico ás entidades oficiais, decerto absorvidas por transcendentes planos da governação publica e, ainda, a incultura da grande massa, permitiram que as ruinas aparecidas fossem aproveitadas na construção de alguns prédios que se encontram naquele local. Por exemplo, os fustes de colunas estriadas que servem de apoio aos arcos do piso térreo do prédio da Rua de S. Mamede, n.º 2. Se observarmos com cuidado os edifícios vizinhos vêem-se, nas pilastras de limite de outros prédios, cantarias de cor rosada. Nota-se, também, o aproveitamento de colunas da ordem jónica num prédio já mais distante, junto ao Chafariz de Dentro.

— São esses os unicos vestigios do antigo teatro?

— Não. Luís António de Azevedo referia dois silenos, deitados sobre odres. Uma das estátuas encontra-se guardada no Museu Etnológico de Belém. A outra, porém, acha-se num quintal de uma casa apalaçada na Rua das Portas de Santo Antão.

— Dada essa indiferença, as ruinas foram esquecidas?

— Cobriram-nas. Em 1798 foram assentes sobre as ruinas alguns prédios de habitação. Estranha é a repetição do gesto, em 1960, quando a Camara Municipal possui serviços culturais, certamente conhecedores da importancia arqueológica, histórica, artística do monumento. Como li no jornal «O Século» do dia 19, a Camara Municipal autorizou a construção de um prédio sobre as ruinas da peça arquitectónica de maior valor arquitectónico que Lisboa possui.

O teatro na Roma imperial

— Crê que o teatro erguido na

(Continua na 11.ª página)

O escritor italiano Enrico Emanuelli

Prémio Bagutta de 1960 *vai escrever sobre Portugal*

Enrico Emanuelli é um escritor já grandemente afirmado em Itália. Foi-lhe atribuido, justamente, em Abril passado o Prémio Bagutta de 1960, um dos máximos galardões conferidos anualmente a escritores italianos. Emanuelli começou a sua carreira pelo jornalismo. É ainda hoje enviado especial de «La Stampa» de Turim. Afirmou-se assim, primeiramente, através da reportagem e da crónica, escrevendo sempre sem retórica, sem fáceis efeitos, fugindo á imediata popularidade, visando uma arte pura e sincera. Assim se foi repartindo pela literatura e pelo jornalismo, reunindo por vezes ambos na mesma obra. Tem, na sua obra livros de viagem, de meditação e de experiência, excelentes. O seu «Giornale Indiano», por exemplo, foi destinado pelo seu editor, Mondadori, à colecção dos grandes narradores italianos e não á colecção dos livros de viagens, porque não havia ali simples apontamentos dispersos, mas um conto estupendo: a India em toda a sua amplitude.

Pois Emanuelli, que já correu quase o Mundo inteiro — América do Sul e do Norte, África, quase toda a Europa e boa parte da Ásia — veio a Portugal fazer, talvez, o seu ultimo serviço como enviado especial. É ele quem explica:

— Não sei se poderei dar-me ao luxo de ficar agora tranquilamente em casa a escrever os meus romances. Viajar cansa. Não fisicamente. Mas os olhos cansam-se e, por vezes, é de temer que já não apreendam tão prontamente os aspectos ocultos da realidade, o bem e o mal. Talvez me fizesse bem descansar uns três anos, e depois, recomeçar. Mas esta insistência de viagens é intolerável e penso, de facto, pôr-lhe ponto final. É curioso: o meu primeiro serviço jornalistico vim fazê-lo a Espanha em 1930. O ultimo suponho que venho fazê-lo agora a Portugal, 30 anos depois... Era uma viagem que já tinha prometido a mim mesmo há muito tempo. Lisboa era sempre para mim um ponto de passagem. Foram bem umas sete vezes que a vi apenas do alto do avião, cheia de manchas verdes de jardins, e dizia sempre comigo: «Um dia hei-de vir propositadamente visitar Portugal».

— Veio agora propositadamente aqui?

— Sim. Vim directamente de Itália e volto depois directamente para Itália. Desta vez vim apenas a Portugal.

Emanuelli confessou-se encantado com o nosso país e a nossa gente e para declarar que Lisboa é ainda muito mais bonita vista cá em baixo do que lá de cima, do alto de um avião. Por enquanto — encontra-se aqui há uma semana e estará ainda mais oito dias — não tem passado de Lisboa, Cascais e qualquer outra «moldura» dos arredores, excepto um salto a Fátima.

Voltando aos princípios da sua carreira, Emanuelli contou com um sorriso:

— Eu queria viajar. Meu pai conhecia o director do jornal «Il Lavoro», de Génova. Foi, portanto, aí que comecei. Carregaram-me num petroleiro e assim fiz as minhas primeiras viagens, em 1929. Belíssimas viagens. A primeira á Russia, a segunda ao Congo Belga. Um ano depois publicava o meu primeiro livro, de título absolutamente pretensioso: «Vita, morte e miracoli di un uomo». É preciso na verdade ter vinte anos para esta ingenuidade...

Hoje Emanuelli tem já uma boa lista de livros: «Radiografia di una notte», «Una educazione sbagliata», «Teatro personale», «Un viaggio sopra la terra», «La congiura del sentimenti», «Giornale Indiano», «Il pianetta Russia», «Lascina é vicina» e «Uno di New York», que lhe valeu o «Bagutta» deste ano.

— Tinha deixado de escrever romances há já uns anos. Foi Mondadori que insistiu comigo para que lhe entregasse um romance. Pus-me então a escrever «Uno di New York», que é a história de um emigrante de regresso á sua terra natal, onde todos sonham com o «paraíso» da América. Ele, porém, sabe que a felicidade não está em Nova York, porque, para vencer teve de trair-se a si mesmo, descer a ignóbeis compromissos, destruir todas as suas ideias e apagar inteiramente a sua sensibilidade.

— Novos livros em vista?

— Sim. Mesmo tomei compromisso com o Mondadori de lhe entregar um livro todos estes próximos cinco anos, compromisso pesado e que não devia ter assumido. Logo a seguir ao prémio, tive, aliás, de lhe entregar um pequeno conto, «Una lettera del deserto», publicado justamente há uma semana. O próximo romance tem, desde já, um título escolhido, que remonta a Plutarco: «Vite parallele». Pretendo dar três personagens que vivem, paralelamente, no mesmo período e reagem de maneira diversa perante os acontecimentos. As suas histórias partem de um «memorandum».

Um grande industrial, que foi militante socialista, preenche essa folha para um dicionário, género «Quem é». E quando vê cinco linhas para resumir a sua vida, diz consigo: «Seria preciso muito mais de cinco linhas para escrever a minha história». E põe-se a contá-la. Do mesmo modo a segunda personagem, um antigo fascista, depurado, tem de preencher idêntico papel quando procura um emprego. E ainda a aristocrata que pretende inscrever-se num círculo cultural. Todos eles viveram paralelamente os acontecimentos que se desenrolaram em Itália desde 1918 a 1950, todos eles, porém, os encararam de maneira diversa.

Os factos aparecem assim vistos sob prismas antagónicos. Dois homens foram á guerra, serviram ideias opostas na sua vida, reagiram opostamente, mas, de qualquer forma, sentiram o problema daqueles anos. A aristocrata, essa não sentiu nem compreendeu coisa alguma. O livro vem a dar, portanto, estas três vidas paralelas e tão diversas.

(Continua na 11.ª página)

O DIA DE S. PEDRO

feriado municipal em Évora

EVORA, 25. — Por comunicação directa do sr. ministro do Interior ao sr. presidente do Município, foi considerado feriado municipal o dia 29 de Junho (Dia de São Pedro).

Há sete anos que a edilidade esperava ver realizada esta sua aspiração.

PASTA MEDICINAL Couto
EVITA estomatites
TRATA doenças da boca

A famosa precisão dos relógios braceletes
Junghans
Ultrapassou tudo quanto se esperava deles!
Compre nas relojoarias e ourivesarias do País

As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos últimos modelos
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
Rua da Prata, 257

AVISO AOS EX.mos SENHO ALTERAÇÃO DAS TAXA GUESES PARA OS PORT

As linhas abaixo indicadas info as taxas de frete no tráfego dos porto (Northbound) e North Continent Por de 26 de Setembro de 1960.

Durante o mês de Julho próxin disposição dos Senhores Carregadores Agentes.

Lisboa, 25 de Junho de 1960.

Constantine Lijn (Cornelders' Scheepv TERDAM

Lusitania Lijn (Hudig & Pieters Alge Maatschappij N. V.), ROTTERDA

Portugal Lijn (van Nievelt Goudria TERDAM

Companhia Colonial de Navegação, L Companhia de Navegação Carregadores TA DELGADA & LISBOA

Det Forenede Dampskibs-Selskab S/A (affiliated member)

Dampfschifffahrts-Gesellschaft «NEP Deutsche Dampfschifffahrts-Gesellsch BREMEN

Express Lines (Armement L. Herma WERP & BRUGES

Gibson Rankine Line, LEITH

Koninklijke Nederlandsche Stoomboot V., AMSTERDAM

Oldenburg Portugiesische Dampfschiff Heitmann & Cie. K. G., HAMBUR

Sociedade Geral de Comércio, Industi S. A. R. L. — LISBOA

Dois biliões de cruzeiros

pagará o Estado de S. Paulo por 130.000 hectares de terra que em 1911 comprou por dois milhões

RIO DE JANEIRO, 25. — Quatro Brasileiros — um farmaceutico, um telegrafista e duas donas de casa modestas — herdeiros de um tal Aristides Alvares da Cruz, colono português dos fins do século passado, vão receber 2 biliões de cruzeiros do Estado de S. Paulo.

Com efeito, o Supremo Tribunal Federal reconheceu que os descendentes de Aristides Alvares da Cruz são proprietários de 137 000 hectares de terras na região cafézeira mais rica do Estado, terras em que foram edificadas a vila de Palmital — 6800 habitantes — uma central eléctrica e uma via férrea importante.

Ao dar a sentença, o Tribunal considerou que as terras pertenciam ao seu primeiro ocupante legal. A boa fé dos plantadores de Palmital, igualmente possuidores de títulos de propriedade perfeitamente em regra, não foi posta em duvida, mas a sentença não é por isso menos categórica: ou todos os plantadores serão expropriados, ou o Estado de S. Paulo terá de resgatar aos herdeiros os seus 137 000 hectares.

Tendo a população de Palmital ameaçado defender os seus haveres de armas na mão e, se preciso, marchar sobre S. Paulo, as autoridades preferiram pagar.

A responsabilidade deste caso singular cabe, de resto, em grande parte, ao Estado de S. Paulo. Com efeito, em 1889, Aristides Alvares da Cruz comprou a região de Palmital que, ao tempo, mais não era de que uma savana deserta onde Portugueses e Indios travavam combates intermináveis.

Uma vaca, um mosquetão e algumas moedas foi o preço pago pelos 137 000 hectares de terras. Em 1911, um oficial reivindicou a propriedade dos terrenos, apresentou documentos que pareceram convincentes e vendeu a «propriedade» ao Estado de S. Paulo por 2 milhões de cruzeiros. Então, as terras foram parceladas e distribuidas sob forma de «lotes de colonização» aos pais dos actuais fazendeiros. Mas Alvares da Cruz não desistiu por isso dos seus haveres e levantou um processo no Tribunal cuja decisão não chegou a conhecer, pois veio a falecer em 1921, aliás, na miséria. Um dos genros persistiu na causa empreendida, encontrou advogados prontos a defendê-la gratuitamente, na esperança de receberem 50 % do que os herdeiros, se vencessem, receberiam.

A vitória, agora, está garantida e os herdeiros, depois de entregarem 1 bilião de cruzeiros aos seus defensores, distribuirão entre si o bilião restante. — (F. P.).

JOHN T'HOMAS

voltou a bater

o «record» do salto em altura, fixando-o em 2m,182

BAKERSFIELD (Califórnia), 25 — A «esperança» olímpica americana, John Thomas, bateu a sua própria melhor marca mundial no salto em altura com um salto de 2,182 metros, ontem, á noite, nesta cidade.

O Russo Yuri Stepanov estabeleceu há cerca de 3 anos o «record» mundial oficial de 2,16 metros. Mas Thomas, um estudante negro de 19 anos de idade, da Universidade de Boston, bateu este «record», por duas vezes, nos ultimos dois meses. No dia 30 de Abril, saltou 2,17 metros e no dia 21 de Maio 2,177. Nos ultimos 17 meses o atleta saltou vinte vezes a fasquia a 2,133 metros, sendo algumas das suas provas disputadas em pista coberta.

Thomas, que mede 1,94 metros, conseguiu o seu salto de 2,18 metros á segunda tentativa, quando disputava o campeonato amador americano de atletismo.

Parry O'Brien, campeão olimpico do lançamento do peso, bateu a sua própria melhor marca do campeonato americano com um lançamento de 19,04 metros.

Harold Connolly, campeão do martelo, classificou-se igualmente com facilidade para as provas de apuramento para a equipa olímpica americana, que se realizam no próximo fim de semana, vencendo esta prova com um lançamento de 68,38 metros. — (R.).

As duas «misses» despedem-se dos amigos e dos admiradores

A caminho da América

as «misses» de Portugal e Espanha levam ao Novo Continente

uma mensagem de beleza

No aeroporto da Portela embarcaram, ontem, duas representantes da beleza feminina peninsular — Maria Teresa Mota Cardoso, eleita há meses «Miss Portugal», e Maria Teresa del Rio, que ostenta o título de «Miss Espanha». Ambas vão aos Estados Unidos participar, com as representantes de outros países, na eleição de «Miss Universo».

A simpática portuguesa levava um vestido verde e branco, e sapatos brancos. No rosto, quase sem «maquillage», transparecia o nervosismo da partida, que não a impediu de declarar aos jornalistas:

— Foi tudo resolvido muito à pressa, mas parto muito contente. Não quis recusar o convite ao sr. Mellaro, que há 10 dias veio a Portugal para me renovar o convite que me fizera em Londres. Espero alcançar uma boa classificação.

Maria Teresa Mota Cardoso, que mantém as medidas que lhe valeram o título de «Miss Portugal», disse, ainda, aos jornalistas que, depois de regressar dos Estados Unidos voltará á sua vida normal e que os seus sonhos maiores continuam a ser o Teatro e o Cinema.

— Sou feliz — afirmou por fim — sobretudo, pela oportunidade desta viagem e, até, porque em Bogotá, terei oportunidade de conhecer todas as «misses» da América Latina que, como eu, colaborarão na festa a favor das vítimas do cataclismo que se deu no Chile.

«Miss Espanha» vai segura da sua beleza. E' morena, alta, elegante e senhora de uns olhos cálidos e de um sorriso encantador. Quando lhe dizem que é bonita agradece e responde:

— «Miss Portugal» também é bonita...

Admiradora fervorosa do teatro e do «ballet», Maria Teresa del Rio pensa dedicar-se á carreira artística, após o seu regresso de Miami. Mas, por enquanto, tem um só objectivo — vencer a competição em que vai participar.

Por entre sorrisos e votos de felicidades lá se foram as duas «misses» a caminho da América, levando para o lado de lá do Atlantico uma mensagem de beleza do Velho Continente.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Dos srs. António José Vidal Baptista e Raul Francisco de Carvalho, directores da Biblioteca-Museu de Vila Franca de Xira, recebemos um ofício, agradecendo as referências feitas, pelo «Diário de Lisboa», ao 1.º Salão de Artes Plásticas, promovido por aquela instituição.

— A direcção do Ateneu Comercial de Lisboa enviou-nos expressivos agradecimentos pelo noticiário do nosso jornal sobre o aniversário da prestimosa instituição, a sua piscina em construção e a sua obra de divulgação da cultura, instrução técnica e desporto.

O sr. dr. Eduardo Santos

aprovado por unanimidade especialista de cardiologia

Perante um juri da Ordem dos Médicos, constituído pelos srs. profs. João Porto e Fernando Pádua e drs. Rocha da Silva, Artur de Oliveira e Teixeira Basios, prestou provas para especialista de cardiologia o sr. dr. Eduardo Macedo dos Santos, interno dos Hospitais Civis de Lisboa. Após uma brilhante discussão do relatório das suas provas práticas, o juri decidiu aprovar o candidato por unanimidade.

Um novo vulcão ameaça Valdivia

SANTIAGO DO CHILE, 25—Dois novos abalos telúricos foram sentidos a noite passada na cidade mártir de Valdivia. Não se anunciou haver vítimas.

Um novo vulcão, que entrou anteontem em actividade, foi localizado na província de Valdivia, perto do lago Rinihue, durante uma inspecção aérea feita por um aparelho da aviação argentina.

O capitão Oscar Veliz declarou que aterrara com o seu helicóptero perto da aldeia de Curinanco, onde, afirmou, um forte ruído subterraneo anunciara o aparecimento de um novo vulcão.

As águas do lago Rinihue sairam do seu leito em consequência das grandes chuvadas que cairam recentemente, mas estão a ser retidas por uma barreira de terras e de rochas que os ultimos sismos desprenderam. — (R.).

VIOLENTO TORNADO NOS ESTADOS UNIDOS

SCHENECTADY (Nova York), 25 — Um tornado varreu ontem esta pequena cidade industrial, causando prejuizos avaliados em 87 mil contos. Até agora, não há vítimas a assinalar. — (F. P.).

OS «SEIS» E OS «SETE»

devem aproximar-se

a bem da unidade europeia

VIENA, 25 — O ministro dos Negócios Estrangeiros britanico, Selwyn Lloyd, falando esta noite no Instituto de Politica Externa austriaco, disse estar convencido de que é necessário unificar a Europa.

No entanto, disse, a Inglaterra não tomará nenhuma decisão unilateral de aproximação com os «seis», sem atender aos seus associados na Associação Europeia de Comércio Livre. Prosseguindo, o secretário do Foreign Office acrescentou: «Cremos que num Mundo que assiste ao aparecimento de nações tão grandes como a União Soviética e a China, a Europa tem de cerrar fileiras. Não devemos destruir-nos mutuamente, como as antigas cidades gregas. A unidade dos «seis» e portanto uma coisa boa, como o é a organização dos «sete». Agora o que é preciso é aproximá-las». — (F. P.).

Dr. Hermano Neves

Com uma bolsa do Instituto de Alta Cultura, parte hoje para os Estados Unidos o sr. dr. Hermano Neves, chefe do laboratório da Clínica de Dermatologia da Faculdade de Medicina de Lisboa e assistente do Dispensário de Higiene Social, que vai estagiar durante alguns meses no serviço de micologia médica da Duke University, de Carolina do Norte, e noutros centros daquela especialidade.

NOVO PACTO

internacional do estanho

NAÇÕES UNIDAS (NOVA YORK), 25. — Uma conferência dos países produtores e consumidores de estanho, patrocinada pela O. N. U., aprovou, na noite passada, por unanimidade, um novo pacto internacional do estanho, após negociações secretas que se prolongaram durante um mês. — (R.).

TERMAS DE CALDELAS

tratamento do aparelho digestivo, especialmente intestinos

Abertas de 1 de Junho a 10 de Outubro

TOME BANHO NA PISCINA DO TAMARIZ

*

TRATAMENTO DE AGUA SOB A DIRECÇÃO TÉCNICA do Eng. químico B. de Mesquita

.mos SENHORES CARREGADORES E RECEBEDORES

DAS TAXAS DE FRETE DOS PORTOS PORTU-
RA OS PORTOS DO NORTE DA EUROPA E VICE-
-VERSA

o indicadas informam os Ex.mos Senhores Carregadores e Recebedores que
ráfego dos portos abrangidos pelas Portugal North Continent Conference
Continent Portugal Conference (Southbound) serão alteradas a partir
1960.
de Julho próximo, as taxas aplicáveis a partir daquela data estarão á
es Carregadores e Recebedores, nos escritórios das linhas ou nos dos seus

nho de 1960.

nelders' Scheepvaart Mij.), ROT- ..... — Norton & Co., Ltd. — Calçada do Sacramento, 28, 1.º — LISBOA
& Pieters Algemene Scheepvaart V.), ROTTERDAM ..... — James Rawes & Co. Ltd., Rua Bernardino Costa, 47 — LISBOA
Nievelt, Goudriaan & Co.), ROT- ..... — Garland, Laidley & Co., Ltd., T. do Corpo Santo, 10-2.º — LISBOA.
e Navegação, LISBOA
ção Carregadores Açoreanos, PON- LISBOA ..... — Manuel Pinheiro Chagas, Praça Duque da Terceira, 24 — LISBOA
kibs-Selskab S/A, COPENHAGEN r) ..... — Johan Beckmann, Rua dos Fanqueiros, 83 — LISBOA
ellschaft «NEPTUN», BREMEN — Marcus & Harting, Rossio, 50, r/c. — LISBOA
fahrts-Gesellschaft «HANSA», ... — Marcus & Harting, Rossio, 50, r/c. — LISBOA
ment L. Hermans S. A.), ANTS ..... — Sepulchre, Ltd.a, Calçada de Santos, 19-2.º — LISBOA
LEITH ..... — Johan Beckmann, Rua dos Fanqueiros, 83 — LISBOA
lsche Stoomboot-Maatschappij N. ..... — Wiese & Co., Ltd., Rua do Alecrim, 12-A — LISBOA
che Dampfschiffs-Rhederei Kusen, K. G., HAMBURG ..... — Marcus & Harting, Rossio, 50 r/c. — LISBOA

omércio, Industria e Transportes
BOA

CAPITAIS!!!

A CONFIDENTE tem sempre capital para colocar em hipotecas sobre Prédios em Lisboa, Porto e Província ao juro da lei. Facilitam-se amortizações semestrais ou anuais.

A CONFIDENTE

(A Maior Organização do País)

PORTO — Rua Passos Manuel, 14 — Telf. 20344/5/6 — P. P. C. A.

LISBOA — Rossio, 3 — Telf. 29384/5/6 — P. P. C.

Dos dois, há um que está mais... á beira...

DESPORTOS

A «TAÇA DE PORTUGAL»

Esta noite: Benfica-Sporting

BELENENSES-F. C. PORTO, amanhã, no Restelo

Novamente, o adepto terá o ensejo de «saborear» mais um Benfica-Sporting e isso equivale a dizer-se, desde já, que o Estádio da Luz, agora com um considerável reforço de lugares, promete encher-se, a comprovar, afinal, o extraordinário interesse que as pugnas entre os dois rivais costumam provocar. A desta noite tem a particularidade de proporcionar ao Benfica a possibilidade de se manter na «Taça» desde que, evidentemente ultrapasse a diferença de três golos — a grande vantagem do Sporting Clube de Portugal.

Como é óbvio, aos «leões» também se depara idêntica oportunidade. Aliás, os três golos conquistados no jogo da 1.ª mão constituem um forte estímulo para as legítimas pretensões dos sportinguistas— e talvez seja uma das razões plausíveis para que se atribua favoritismo ao grupo de Alvalade, no aspecto, de se conservar na prova.

O jogo, independentemente destes factores, é daqueles que desperta as emoções mais escondidas. Com efeito, a categoria dos dois «quadros», qualquer deles recheado de bons valores individuais (dos melhores que actuam, em Portugal), é susceptível de propiciar um bom espectáculo futebolístico. Oxalá, tal aconteça, em nível superior áquilo que se viu no encontro de Alvalade.

A outra meia-final da «Taça» efectua-se, amanhã, no Estádio do Restelo.

O Belenenses, com dois golos de vantagem (3-1), têm a seu favor a circunstancia de actuarem no seu campo, além de que a sua forma sugere um comportamento á altura da categoria que a equipa tem revelado no torneio, onde, com excepção do Sports Clube de Portugal (Benguela) teve por adversários sómente clubes da 1.ª Divisão.

Os nortenhos, em natural fase de adaptação aos métodos do novo treinador, devem lutar com o brio que lhes é peculiar e já que na «Taça» tudo pode acontecer não será inoportuno lembrar uma possibilidade que a ninguém custa reconhecer como válida — desde que o Belenenses consinta.

Equipas prováveis

BENFICA — Costa Pereira; Angelo e Mário João; Saraiva ou Inácio, Artur e Neto; José Augusto, Santana, Águas ou Mendes, Coluna e Cavém.

SPORTING — Sá; Lino e Hilário; Mendes, Morato e Julio; Hugo, Faustino (ou Carlos Manuel), Vadinho, Diego e Seminário.

ÁRBITRO — Caetano Nogueira, do Porto.

BELENENSES — José Pereira; Rosendo e Moreira; Vicente, Pires e Castro; Dimas, Carvalho, Tonho, Matateu e Iauca.

F. C. PORTO — Acursio; Virgilio e Barbosa; Sarmento, Arcanjo e Paula; Carlos Duarte, Hernani, Montaño, Teixeira e Perdigão.

ÁRBITRO — José Alexandre, de Santarém.

PROVAS DA F. P. F.

Uma final em Leiria

e mais seis jogos

A actividade da Federação Portuguesa de Futebol, á parte a importancia dos jogos da «Taça», está a valer mais pelo interesse dos encontros do que pela sua quantidade.

Dos despiques de amanhã, o de maior expectativa — ou não se tratasse de uma final — é o de Leiria, a terra das finais, pela sua situação ao centro do País. Ali se defrontarão, amanhã, ás 17 horas, as equipas do Sport Benfica e Castelo Branco e do Sacavenense, para decidirem a conquista do título de campeão nacional da 3.ª Divisão — que a promoção á 2.ª Divisão já está certa.

Cremos bem que nunca as duas equipas se encontraram. Isto é, ao mesmo tempo, motivo de curiosidade e da maior expectativa. Ninguém conhece as possibilidades de uma equipa em relação ás da outra. E só o conhecimento do grau de desenvolvimento do futebol da região a que cada um dos grupos pertence conduz a uma previsão, que não consideramos, todavia, bem fundamentada.

A ideia dominante é a de que o Sacavenense levará a melhor. Mas... uma final é sempre uma final e tudo pode acontecer.

*

Principia o «Torneio de Competência» da I/II Divisões, aliás, bem tardiamente e com evidente prejuízo para os clubes que nele participam, sujeitos, sem culpa própria, a uma inactividade mais ou menos prolongada, que pode ter influído nas suas possibilidades.

Disputam-se os encontros

Atlético-Marinhense
Sporting Braga-Oriental

Como se verifica, os dois desafios realizam-se nos campos dos clubes que disputaram a 1.ª Divisão. Por esse motivo e porque o Atlético e o Braga são equipas com melhor cotação, é legítimo conceder-lhes favoritismo que os adversários se esforçarão por contrariar com o pensamento no jogo da 2.ª volta.

A ideia bem presente de que, em torneio com as características deste, um ponto ganho fora é meio caminho andado para o êxito final, não deixará de influir no espírito dos jogadores e no rendimento das equipas.

*

E, finalmente, o Torneio da II/III Divisões, com o começo da «reprise». A prova tem a sua quarta jornada, começando, portanto, a 2.ª volta. Manterão os clubes da III Divisão a supremacia até agora revelada? Ou darão as equipas da II Divisão novo rumo ao despique em que todos andam empenhados?

Temos que o jogo de maior importancia é o de Évora e que, de um modo geral, os grupos visitados são favoritos.

HÓQUEI EM PATINS

O G. D. Mundet

aumentou a sua vantagem

O campeonato do Sul de hóquei em patins prosseguiu ontem, com quatro encontros: Paço de Arcos-C. Ourique, Cuf-F. Benfica, Mundet-Ass. Oeiras e Cascais-Sintra.

A partida de maior expectativa desenrolou-se em Paço de Arcos, pois tanto a equipa local como a lisboeta pensam, muito sèriamente, no problema do título.

O desfecho foi o empate a quatro bolas, com 3-2, a favor do Campo de Ourique, no fim do primeiro tempo.

Dentro de uma bitola modestíssima, o Paço de Arcos ainda foi o melhor, sendo Pompeu o «furo» da equipa, porquanto os quatro tentos transformados por Barreto foram muito consequência das facilidades consentidas pelo excelente defesa da Costa do Sol, que teve, ontem, uma «noite-não», fenómeno que sucede ao mais pintado...

O Campo de Ourique também esteve mal, aliás, como se deduz da circunstancia de sua cotada defesa ter permitido quatro golos.

Sob a arbitragem de Octavio Andrada, alinharam e marcaram:

P. ARCOS — Norte, Pompeu, Virgilio (3), Nelson (1), Lemos e C. Santos.

C. A. C. O. — Freitas, V. Guedes, Bernardino, Barreto (1), Julio e Pires.

*

Os restantes jogos forneceram os seguintes resultados: Cascais, 4-Sintra, 5; Cuf, 2-F. Benfica, 2; Mundet, 4-Ass. Oeiras, 1.

A classificação actual é a seguinte:

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
Mundet	7	6	1	—	21-11	20
C. A. C. O. ...	7	4	2	1	22-19	17
P. Arcos	7	4	1	2	27-20	16
Benfica	6	3	2	1	25-18	14
Oeiras	7	3	1	3	20-12	14
Sintra	6	4	—	2	20-12	14
Cuf	7	2	2	3	20-27	14
Sporting	6	3	—	3	20-15	12
Cascais	6	2	—	4	21-24	10
F. Benfica ...	7	1	1	5	13-25	9
Parede	6	1	—	5	9-18	8
Sp. Torres ...	6	1	—	5	13-38	8

Várias provas de amanhã

ATLETISMO — Continuação dos campeonatos nacionais de juniores, na pista de Alvalade, ás 9.30 e ás 16 h.

CICLISMO — Continuação das provas de selecção, com vista ás provas de amadores.

— Prova em Grandola, para corredores independentes.

DESPORTO CORPORATIVO — 1.ª prova do 6.º campeonato distrital de pesca desportiva do Mar, em Cascais.

FUTEBOL (A. F. L.) — Final do «Torneio Popular», entre o Águias e o Liberdade, no Campo Grande, ás 10.30 h.

— 2.ª «mão» da 4.ª eliminatória da «Taça de Lisboa», entre o Pinheiro de Loures e o U. Povoense, em Pinheiro de Loures, ás 16.30 h.

HANDEBOL — Continuação dos campeonatos regionais (de onze). *Divisão de Honra*: Almada-Oriental, no «Pragal», ás 9 e ás 10.30 h.; Sporting-Glória, em Alvalade, ás 9.30 h.; Belenenses-C. da Piedade, no Restelo, ás 14.30 h.; Liberdade F. C.-Benfica, no Pragal, ás 11.45. *1.ª Divisão:* Hóquei-Ginásio do Sul, no E. Nacional, ás 9 h.; e Almada-Império, em Alhandra, ás 10.30 h. *Juniores:* Benfica-C. D. U. L., no Campo Grande, ás 9 h.; C. F. Benfica-Oriental, em Benfica, ás 9.30 h.

HIPISMO — Começa o 11.º Concurso Hípico de Évora, com as provas: «Conde de Vilalva», ás 10 h.; «Francisco B. Fragoso e Mira», «Dr. Almeida Margiochi» e «Ministério do Exército», a partir das 17 horas.

— Corridas de cavalos, ultima jornada da Primavera, ás 16 h., no Campo Grande.

HOQUEI EM CAMPO — Começo do campeonato nacional. Em Lisboa: Atlético-Futebol Benfica, na Tapadinha, ás 9.30 h.

MOTORISMO — 1.ª Gincana dos Casapianos em «Pina Manique», ás 15 horas, para automóveis, motos e «scooters».

NAUTICA — 15.º Festival Náutico de S. Pedro, nas festas do Seixal, com provas de remo, vela e natação, a partir das 15 h.

REMO — Campeonato Regional de Juniores, em Vila Franca de Xira, ás 11,30 e 15,45 h.

TIRO AOS PRATOS — Provas do Clube dos Caçadores do Concelho de Cascais, incluindo o Campeonato da Costa do Sol, em Cascais, ás 10,30 e 15 h.

O «NACIONAL» DE JUNIORES

Quatro equipas buscam o título

A 2.ª eliminatória da 2.ª fase do 20.º Campeonato Nacional de Juniores, limitada a quatro clubes — F. C. Porto, Académica, C. U. F. e Benfica — principia amanhã e destina-se a apurar os finalistas da prova.

Esta simples indicação, reflecte bem o interesse que os desafios de amanhã estão a suscitar. O sistema de eliminação torna cada desafio de «vida ou de morte» para as aspirações dos clubes, donde poder concluir-se que cada equipa vai dar tudo por tudo para alcançar um resultado que, pelo menos, lhe dê tranquilidade para o encontro da 2.ª «mão».

*

No grupo Norte, a Académica recebe a visita do F. C. Porto. Embora a circunstancia das duas equipas terem tido, até agora, adversários diferentes não permita a existência de pontos de contacto, a sensação é a de que os Portuenses formam melhor equipa. Pelo menos, o F. C. Porto esteve mais perto da sua habitual actuação na prova (não esqueçamos de que foi finalista em 1958 e 1959) do que a Académica (sem o fulgor de algumas épocas atrás).

O facto do jogo se realizar em Coimbra pode estabelecer um maior nivelamento de possibilidades, tornando a tarefa dos Portuenses mais difícil. O vaticínio complica-se, por isso, e, consequentemente, a ideia é a de que o resultado não poderá ser desnivelado.

*

No Grupo Sul, o Benfica, ainda com a tarefa de defender a posse do título que lhe assenta muito bem, recebe a visita da C. U. F. há 3 dias forçada a um desafio extra, para assegurar a sua presença no desafio de amanhã.

O favoritismo vai para o Benfica, sem sombra de duvida, melhor equipa e, por certo, lembrado de que deve amanhã alcançar um resultado que lhe dê para o que der e vier, no desafio a disputar no Barreiro.

CICLISMO

Os «nacionais» de equipas de juniores e iniciados vão ser anulados?

Conquanto a Federação ainda não se tenha pronunciado sobre o assunto, chega-nos a informação de que o conselho técnico daquele organismo deu provimento ao protesto do Académico do Porto sobre a prova do campeonato de clubes da categoria iniciados, que foi conquistado pela equipa do Sporting, o qual, como oportunamente escrevemos, não registou a quilometragem regulamentar. Consta também que idêntica decisão será tomada em relação ao torneio de juniores, em virtude do pouco claro enunciado do itinerário ter induzido em erro algumas das equipas concorrentes, as quais percorreram maior número de quilómetros.

TRÊS CICLISTAS

que concorrem à Volta à França foram roubados

LILLE, 25 — Foi completamente desprovidos de dinheiro, de todos os seus documentos de identidade e do seu equipamento desportivo, que os corredores dinamarqueses Arne Jonsson, Deif Hammel e o sueco Goran Karlsson chegaram a Lille para tomar parte na Volta à França.

Os três homens foram, com efeito, vítimas de um roubo em Paris. As suas malas que se encontram num automóvel, desapareceram — (F. P.).

Cerimónia adiada

no Clube Naval de Lisboa

Por motivos imprevistos, não se efectua hoje a anunciada cerimónia da entrega dos troféus ganhos por Frederico Burnay e seu filho ao Clube Naval de Lisboa.

A referida cerimónia realizar-se-á em data a divulgar oportunamente.

NATAÇÃO

Mais "records"!...

Os festivais de natação da presente temporada, tardios em aparecer estão, agora a surgir mais frequentemente.

O de ontem, á noite, em S. Bento, foi o quinto da época que decorre e denominou-se «Dia Olímpico», tendo, por conseguinte, sido incluido nas comemorações do Comité Olímpico Português.

Os nadadores lisboetas habituaram-nos já ao bater de *records* em todas as reuniões e, ainda, não foi ontem que o «encanto» se quebrou... Isto não impede que acrescentemos que não foi dos melhores o festival de ontem... sem qualquer nota especial digna de relevo.

O programa foi vasto e cumpriu-se com a maior regularidade.

Apontamentos recolhidos:

— todas as provas de iniciados, na distancia de 100 metros e nos quatro estilos foram ganhas por nadadores do Algés e Dafundo, numa afirmação eloquente de que o clube continua empenhado na obra de «fabricar» nadadores;

— a presença do Pedrouços, sempre agradável e a das esperanças de que podem vir melhores dias para o simpático clube;

— que sem terem actuação fulgurante foram, ainda, Cerqueira, Vaz Jorge, Felga Ribeiro, J. M. Fonseca e António Bessone Basto, os nadadores que mais se distinguiram; e só não citamos Eduardo Sousa porque ele não esteve presente, aliás, justificadamente:

— que as honras da reunião pertenceram a Maria Luísa Bessone Basto, estabelecendo novo «record» nacional absoluto dos 200 metros livres, em 2 m. e 52,1 s., batendo o seu próprio máximo de 2 m. e 52,4 s., feito em 1959; e a António José Santos — este do C. N. N., fazendo 100 metros costas, em 1 m. e 13,7 s. e destronando, assim, Otão Marques (de Lourenço Marques), por 0,2 segundos.

E foi tudo. — *D. D.*

Dois novos «records» mundiais estabelecidos por nadadores americanos

LOS ANGELES, 25 — No torneio de natação de Los Angeles foram batidos ontem dois «records» mundiais.

George Harrison percorreu os 400 metros, quatro estilos (Medley); individual, em 5 m. 08 s. 8/10. O «record» anterior pertencia a Gary Heinrichs, com 5 m. 13 s. 3/10, estabelecido em 1959.

Lynn Burke fez os 200 metros em 2m. 36 s. 3/10, batendo o «record» mundial estabelecido em 1959 pelo japonês Tanaka, com 2 m. 37 s. 1/10. — (F. P.).

O teatro romano

que existiu em S. Mamede ao Caldas

(Continuação da pagina central)

Olisipo [illegible] império romano teria um excepcional valor artístico?

— Desde os primeiros séculos do império romano, o teatro constituía o tipo de construção arquitectónica de maior esplendor. Possuía grandiosas colunatas de mármore colorido. O plano vertical da cena era enriquecido com séries de colunas sobrepostas tambem em mármore de cor. Até as havia de vidro com luz interior. As bancadas e cadeiras eram de mármore polido. Estátuas de bronze e mármore completavam a decoração do conjunto. Foi Pompeu, no ano 55 A. C., quem primeiro construiu um grandioso teatro de mármore, que constituiu um dos mais ricos edifícios de Roma. Não devemos esquecer que as construções de mais importancia do mundo romano foram

No interior do estabelecimento de ferro-velho na Rua de S. Mamede ao Caldas, endossado na argamassa de uma parede, pode ver-se o fuste de uma coluna do teatro romano que existiu precisamente naquele local

sempre as de utilidade publica. A importancia de Olisipo, o seu valor como centro comercial e até como ponto estrategico são indiscutíveis. Porque as proporções e a riqueza dos teatros dependiam da categoria das cidades onde eram erguidos, é lógico que o teatro romano de Lisboa seja um monumento vasto e de grande interesse artístico.

O teatro foi destruido por um terramoto

— Como explica que o monumento tenha sido soterrado e quando calcula que tal se deu?

O arquitecto Cassiano Branco responde:

— Lisboa encontra-se numa zona sísmica e é natural que um terramoto [illegible] provocado o soterramento do teatro. Devido a cataclismos deste genero, o morro onde se situa o castelo de S. Jorge modificou-se. Os terramotos anteriores á fundação da nossa nacionalidade e os registados em 1344, 1356, 1531, 1597 e 1755 provocaram quedas de pedras e de grandes volumes de terra pelas encostas do monte do Castelo até atingir a parte baixa dos seus contornos. E' natural que á data da fundação da nossa nacionalidade já o teatro estivesse soterrado pois nenhum dos nossos cronistas se refere á existência deste monumento.

Teatros no Império romano

— Existem em Lisboa ou em outros pontos de Portugal ruinas de teatros da epoca da dominação romana?

— Só se conhecem as do teatro [illegible] em Atenas; de Argos, no Pelo [illegible] problema levou-me a reunir elementos sobre os teatros construidos durante a antiguidade clássica. Estudei cinquenta e dois teatros gregos, especialmente os de Dionísios [illegible] de Leneo, na encosta da Acropole em Atenas; de Argos, no Peloponeso; o de Assos, em Troade; de Delfos, na Focia; de Epidauro, na Argolia; de Esparta, na Laconica; de Mileto, na Jónia; de Pergamo, na Micia, e de Siracusa, na Sicilia. Em Roma quero distinguir os riquíssimos teatros de Marcelo, Pompeu, Scaurus, Balbo e Vila Adriana. Na Itália destacam-se os de Herculano, Pompeia, Tusculano, Fiesole, Verona, Milão, Aosta, Lecce, Lunco, Tindari e Taormina.

No Norte de Africa, citarei os teatros de Tongad e Dugga, na Argelia, de Khamissa, de Guelma, de Tebessa e de Sabratha, proximo de Tripoli. Nas suas provincias do Oriente, Roma construiu os teatros de Amman, na actual Transjordania, de Palmira, Baalbek, Bosra e Petra na Siria, de Gesara, na Palestina e de Balbura, na Licia.

— Diversos países europeus possuem, devidamente reconstruidos, teatros romanos?

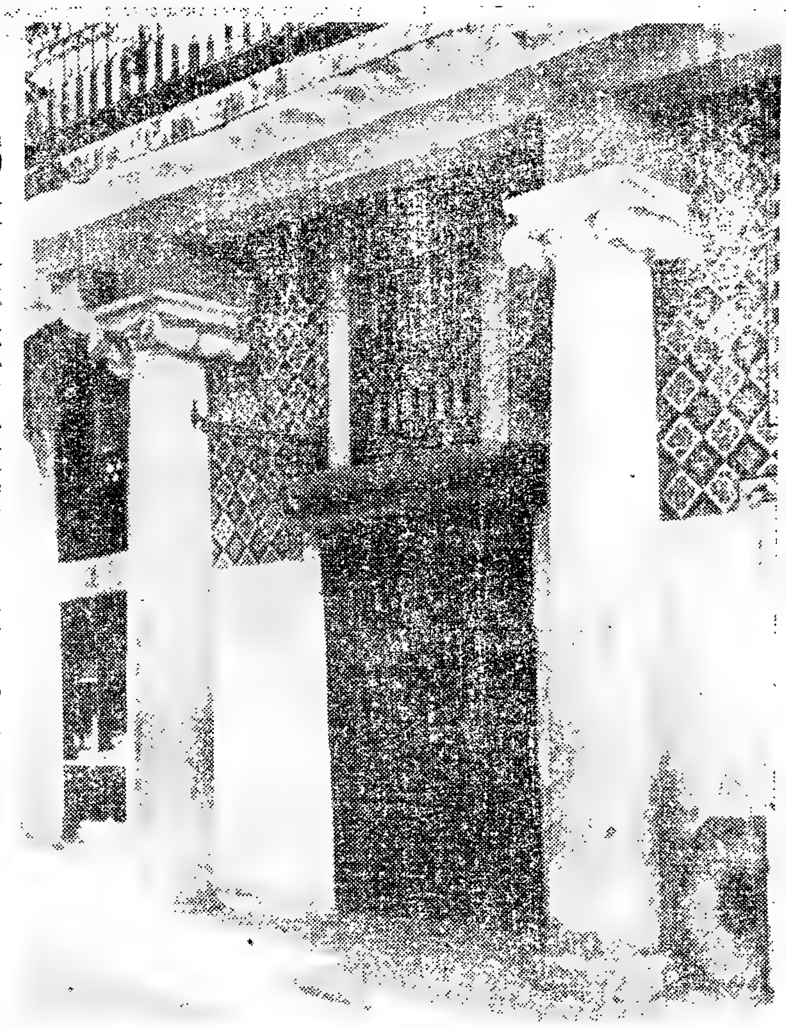
— Exactamente — Em França estudei trinta e dois, como os de Arles, de Champlieu, [illegible] Fréjus, d'Autun, [illegible] especialmente o de Orange.

[illegible] Augusta [illegible] margem sul do Reno, [illegible] actual Basileia, estudado por Felix Stahelin e de Aventicum, a actual Avenches, entre Berne e o Lago Morat. Destacam-se, na Espanha, o de Merida, reconstituído segundo o notavel estudo do arqueologo D. Ramon Mélida, e os de Sagundo, Ronda, Clunia e Itálica. Em Inglaterra, o unico teatro da epoca do domínio romano identificado e o de Verulamium estudado por miss K. M. Kenyon, secretária do Instituto de Arqueologia.

O vandalismo moderno

Todos estas construções são consideradas monumentos nacionais?

— Sim. Defendem-nos contra os modernos vandalos, que os outros, os autênticos, ninguem os podia sustar. O inapreciável valor do Teatro soterrado, a possibilidade de o reconstituir, com o auxílio dos arqueólogos de todo o Mundo que acorreriam ao nosso País de-



A' porta de uma casa de pasto, junto ao Chafariz de Dentro, erguem-se duas elegantes colunas jónicas tiradas das ruínas do teatro romano. Eis um símbolo pitoresco daquela do Império Romano

vem interessar a Câmara Municipal de Lisboa. Monumento da Velho como o que nos legou a época de Quinhentos, o teatro romano de Lisboa não pode permanecer soterrado, com um prédio amorfo a marcar o triunfo da indiferença e a constituir a lápida de uma corpo de mármore [illegible].

É urgente reconstituir o monumento

— O que propõe para [illegible] grave problema?

O arq. Cassiano Branco [illegible]

— A [illegible] local. Deve constituir-se uma comissão de arqueologos e de individualidades de reconhecida competencia e isenção que, pelo seu interesse e amor á cidade, defenda os monumentos que o passado nos deixou.

«Esta comissão deverá angariar fundos que permitam efectuar perfurações e várias pesquisas locais no terreno, trabalhos a realizar após estudos arqueológicos bem fundamentados.

E' evidente que os predios das ruas de S. Mamede e da Saudade devem ser adquiridos para demolição de forma a pôr a um todo o complexo arquitectónico do teatro, o que a fazer-se, implicaria um outro estudo, de arranjo do local.

«A importancia do momento, a possibilidade de dar a Lisboa uma magnifica peça arquitectónica da antiguidade clássica, justificam esta realização ainda que complexa, vasta e dispendiosa.

E termina:

— Não é, realmente civilizado permitir que as ruínas sejam esquecidas, [illegible] em [illegible]. E hoje equipas de arqueólogos de diversas nacionalidades, subsidiadas pelos seus governos, são enviadas a outros países para realizarem uma obra de interesse universal. Missões inglesas, francesas, americanas e alemãs trabalham na Grécia há dezenas de anos trazendo á luz inúmeros monumentos e documentos de importancia decisiva para o estudo da ciência e técnica, [illegible] [illegible]. Não [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] de Lisboa.

TAUROMAQUIA

Manuel dos Santos, no Montijo

Manuel dos Santos reaparece amanhã no Montijo depois dos grandes exitos obtidos no Mexico, para onde regressa após esta sensacional corrida em que lidará touros dos irmãos Oliveira, de Samora Correia, alternando com o Venezuelano Curro Giron. São cavaleiros, D. Francisco de Mascarenhas e David Ribeiro Teles e o grupo de forcados é o dos amadores de Santarém. Tão extraordinário espectáculo começa ás 18 e 15 e estão assegurados os meios de transporte desde Lisboa.

Visita a Portugal

de Enrico Emanuelli

(Continuação da pagina central)

As duas primeiras estão quase terminadas falta agora apenas a terceira.

Emanuelli fala-nos depois de um pequeno livro que escreveu — «Ad un mescolatore di Dry Martini» — livro idealizado numa noite de completa solidão humana, num bar de Nova York.

— O texto são dez páginas, mas as notas são 200 paginas.

São lembranças que ocorrem num momento de solidão ao balcão de um bar, lembranças isoladas, por vezes numa frase, numa expressão, que terão a sua história depois nas «notas» finais, que vem a ser o autêntico corpo do livro.

— Não sei se o publique — diz Emanuelli — acho-o talvez demasiado pessoal. Para satisfazer o compromisso com o Mondadori penso entregar-lhe antes uma selecção dos meus contos e outra de alguns artigos. Ser-me-ia absolutamente impossível escrever um romance todos os anos.

Emanuelli confessa que através dos seus livros — sobretudo do futuro «Vite porcelle» vai um pouco da sua autobiografia, a sua experiência dos factos e dos sentimentos.

— Emanuelli — perguntamos — que pensa da China? Em 1957 publicou «La Cina è vicina». Que pretende dizer com esse «vicina»?

— Pretendo dizer que a China, dentro de 10 a 15 anos, condicionará inteiramente a politica mundial. A [illegible] que o historiador [illegible] a escrever sobre os [illegible] 50 anos deste século terá de [illegible] o [illegible] da [illegible] mais importante do [illegible]. Muito mais importante [illegible] da energia atómica [illegible] China — como aliás [illegible] absolutamente só, fora [illegible] independente tanto [illegible] se pode ser. A China [illegible] umas 10.000 pessoas [illegible]. Não era [illegible]

Fala-se rápidamente de literatura italiana moderna. Emanuelli [illegible] se traduziram entre nós belíssimas obras de escritores italianos e que é cativante o interesse dos vários tomando pela literatura do seu país. Fala de três nomes de entre os mais novos: Arpino, Giorgio Bassani (vem a Portugal ainda este mês) e Sarmonti.

Arpino acaba de publicar um livro maravilhoso «La senora giovane». Qualquer deles são escritores com que se deve contar.

no gabinete doW mtrBio:oieonvai

Emanuelli, com quem falámos no gabinete do director do Instituto Italiano, prof. Guido Burgada, voltou depois para o seu hotel, o «Europa». Procurará conhecer-nos melhor nos 8 dias que lhe restam.

ZUNDAPP

COMUNICA A TODOS OS SEUS ESTIMADOS CLIENTES QUE TEM À SUA DISPOSIÇÃO UM TÉCNICO DA FÁBRICA, NAS OFICINAS DO SEU REPRESENTANTE GERAL:

J. CASAL

AVENIDA DA REPÚBLICA, 99-B — LISBOA

O CENTENÁRIO

da empresa da Mina de S. Domingos

MINA DE SÃO DOMINGOS, 25 — Comemora hoje o seu centenário a empresa desta mina, Mason and Barry, Limited. As festas começaram de manhã, com alvorada pela filarmónica da mina e houve depois recepção ao chefe do distrito, ao bispo de Portalegre e a outras entidades, seguindo-se missa campal, no parque junto da escola masculina, por alma de antigos dirigentes e mineiros. Apos o almoço volante oferecido aos convidados, foi inaugurada e benzida pelo prelado a Cantina Escolar «Rainha D. Leonor», sendo servida merenda aos alunos da escola da mina.

À tarde, haverá um desafio de futebol entre as equipas da Mina de São Domingos e da Companhia União Fabril; e á noite, fogos de artifício na Tapada n.º 1, e baile no recinto do Centro, com a colaboração da Orquestra Pax-Julia, de Beja.

Helena Marques do Carmo

FALECEU

Eduardo António do Carmo e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua estremosa esposa, cunhada e tia, e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 26, pelas 11 horas, da Igreja de Alcantara, para o cemitério da Ajuda.

NECROLOGIA

Dr. Francisco Rodrigues Mingaxos

CUBA, 25 — Constituiu sentida e expressiva manifestação de pesar o funeral do sr. dr. Francisco Rodrigues Mingaxos, que durante 40 anos aqui exerceu clínica e foi subdelegado de Saude e médico municipal. Contava 78 anos e era natural da Lousã.

Tendo sido contínuo da Universidade de Coimbra, ali conseguiu, mercê das suas qualidades de inteligência e de trabalho e de uma notável persistência, formar-se em Medicina.

Era casado com a sr. D. Maria Fortunata Lucas Mingaxos e pai do sr. dr. Henrique Lucas Mingaxos, professor do ensino secundario.

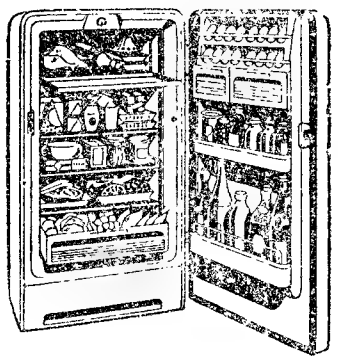
FALECIMENTOS

D. Helena Marques do Carmo

Faleceu ontem a sr.ª D. Helena Marques da Silveira do Carmo, de 44 anos, natural de Lisboa, casada com o sr. Eduardo António do Carmo.

O funeral da desditosa senhora, que era muito estimada pelas suas excelsas qualidades de carácter e extrema bondade, realiza-se amanhã, ás 11 horas, da igreja de Alcantara para o cemitério da Ajuda.

Frigoríficos BOSCH

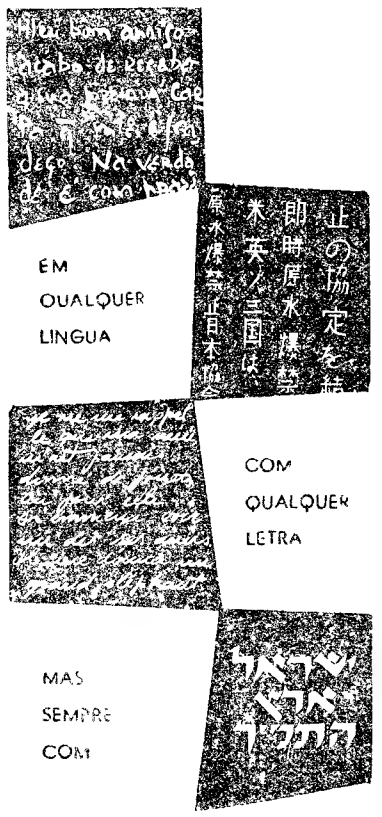


Na vanguarda da técnica alemã
7 modelos da mais alta qualidade desde Esc. 5.790$00
Consumo reduzido
Aproveitamento máximo

AGENTE OFICIAL

ELECTRO-LISBOA, LDA.

246 Rua Augusta 248



TINTA ESTILOGRÁFICA
CINNE
TRIC
1950

EM PRIMEIRO LUGAR HIGIENE E CONFORTO NO LAR...

Vactric ORGULHO DA INDÚSTRIA INGLESA AO SERVIÇO DA ECONOMIA DOMÉSTICA

À VENDA NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS EM PORTUGAL:

AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA.

AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 45 - 1.º TLF 733111 Novo (4 LINHAS)

Delegação em Coimbra
Av. Fernão de Magalhães, 32-2.
Telef. 25829

No Sul:
AGÊNCIA COMERCIAL DE FARO, LDA.
Rua de Santo António 45/47
Telef. 76 FARO

Sociedade Hidro-Eléctrica do Revuè

S. A. R. L.

Sede: Rua Joaquim António de Aguiar 15 2.º Dt.º

LISBOA

Capital realizado: 200 000 000$00

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

1.ª Emissão de 30 000 contos — 5% — 1954
2.ª Emissão de 25 000 contos — 5% — 1955

No dia 27 do corrente mês de Dezembro, pelas 10 horas, proceder-se-á, na Sede Social, ao sorteio de 384 obrigações da 1.ª Emissão e de 305 obrigações da 2.ª Emissão.

Estas obrigações serão amortizadas pelo seu valor nominal a partir de 1 do próximo mês de de Julho, conforme consta do respectivo quadro de amortização e juros.

Lisboa, 26 de Junho de 1960

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

CONCURSO FOTOGRÁFICO FERROVIÁRIO

O «Boletim da C. P.» — publicação da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses — está promovendo um grandioso concurso fotográfico de temática ferroviária, válido até 30 de Setembro.

Serão atribuídos 12 valiosos prémios aos mais classificados e muitos outros prémios para todos os concorrentes admitidos.

Todos os amadores ou profissionais de fotografia podem concorrer, com provas a preto e branco ou a cor.

As fotografias admitidas a concurso serão expostas na Estação do Rossio.

O Regulamento do certame será enviado gratuitamente, a quem o solicitar àquela Revista — Estação de Santa Apolónia — Lisboa.

FEIRA E FESTAS DE S. JOÃO nos dias 22 a 29 de Junho de 1960 em Badajoz

A C. P., em combinação com a Rede Nacional dos Caminhos de Ferro Espanhóis (RENFE), vende, nas estações de Abrantes, Crato, Elvas, Entroncamento, Lisboa (Santa Apolónia), Marvão-Beirã, Portalegre, Santarém, Tomar, Torre das Vargens, Entroncamento, Vila Franca de Xira, bilhetes especiais de ida e volta, a preços reduzidos, para a estação de Badajoz por ocasião das festas daquela cidade.

Validade dos bilhetes:
à ida de 17 a 29 de Junho
à volta de 22 de Junho a 4 de Julho

Para informações nas estações atrás referidas.

BANCO LISBOA & AÇORES

S. A. R. L.

Capital e Fundos de Reserva Esc. 180:000.000$00

O pagamento por conta do dividendo do exercício de 1960, na importância de Esc. 20$00 por cada acção, cativa de impostos, efectuar-se-á a partir do dia 1 de Julho próximo.

A importância líquida por cada acção NOMINATIVA é de Esc. 16$70, por cada acção ao PORTADOR-REGISTADA é de Esc. 17$00 e por cada acção ao PORTADOR-NÃO REGISTADA é de Esc. 13$40.

Lisboa, 24 de Junho de 1960.

OS ADMINISTRADORES

a) Anthero Augusto Leal Marques
a) Alexandre Carlos de Magalhães de Almeida Fernandes

LA UNIÓN Y EL FÉNIX ESPAÑOL

Companhia de Seguros Reunidos, Sociedade Anónima — Sede em Madrid

RESUMO DO BALANÇO GERAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 1959

ACTIVO		PESETAS	PASSIVO		PESETAS
CAIXA		4:754.666,55	CAPITAL SOCIAL SUBSCRITO		53:000.000,00
BANCOS		704:830.641,22	RESERVAS PATRIMONIAIS:		
VALORES MOBILIÁRIOS:			Estatutárias	9:000.000,00	
Fundos públicos espanhóis e estrangeiros	838:050.831,23		Legais e outras	296:433.808,83	305:433.808,83
Valores industriais espanhóis e estrangeiros	941:983.365,07	1:780.034.196,30	RESERVAS TÉCNICAS LEGAIS:		
IMÓVEIS		379:244.374,00	Matemáticas — directos e aceites	712:406.205,26	
EMPRÉSTIMOS:			Riscos em curso — directos e aceites	816:066.333,19	
Hipotecários	23:131.122,94		Sinistros, vencimentos e rendas, por liquidar directos e aceites	1:102.942.070,95	
Sobre apólices	48:124.149,42	71:255.272,36	Comissões de prémios pendentes de cobrança	77.431.609,81	
USUFRUTOS E NUDAS PROPRIEDADES		770.652,24	Benefícios a segurados por liquidar	84.917,63	2:408.931.136,84
DELEGAÇÕES E AGÊNCIAS		119:862.391,71	PROVISÕES DIVERSAS		95:927.043,16
RECIBOS DE PRÉMIOS PENDENTES DE COBRANÇA		205:687.531,31	RESSEGURO ACEITE:		
RESSEGURO ACEITE:			Saldos credores das Companhias Resseguradas		869.385,91
Depósitos em poder das Companhias Resseguradas	153:950.049,35		RESSEGURO CEDIDO:		
Saldos devedores das Companhias Resseguradas	72:865.051,45	226:815.100,80	Depósitos em nosso poder dos Resseguradores	1:047.235.555,95	
RESSEGURO CEDIDO:			Saldos credores dos Resseguradores	69:193.626,86	1:116.429.182,81
Reservas Matemáticas dos Resseguradores	304:796.328,04		COMPANHIAS CO-SEGURADORAS		37:253.112,72
Reservas de riscos em curso dos Resseguradores	269:309.235,67		CREDORES DIVERSOS		272:867.309,47
Sinistros, vencimentos e rendas, por liquidar, dos Resseguradores	655:274.155,50		CREDORES POR VALORES EM DEPÓSITO		26:867.805,91
Saldos devedores dos Resseguradores	42:542.656,63	1:271.922.375,84	GANHOS E PERDAS		61:750.438,88
DEVEDORES DIVERSOS		44:216.192,62			
RENDAS E JUROS VENCIDOS, PENDENTES DE COBRANÇA		7:208.431,31			
FIANÇAS		829.592,36			
CONTAS DE VALORES EM DEPÓSITO		26:867.805,91			
		4:344.329.224,53			4:344.329.224,53

Pela Companhia «La Unión y El Fénix Español» Os Agentes Gerais em Portugal Unix Seguradora Lda. (a) Eulogio Uribarri

Além dos muitos e valiosos prédios de que esta Companhia é proprietária em Espanha, França e Bélgica, possui também em Lisboa um importante edifício situado na Rua Augusta, 110 a 122 e Rua de S. Nicolau, 58 a 64, onde se encontram instalados os seus escritórios.

Faça os seus seguros na «La Unión y El Fenix Español» que trabalha em Portugal os ramos: Vida — Acidentes Pessoais — Fogo — Agrícola — Quebra de Vidros

TELEFONES 22079 - 31664 — TELEGRAMAS «UNIX»

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da 1.ª página)

impondo que a importância dos «referidos legados» fosse dividida em três porções iguais, pertencendo duas delas ao Hospital Real de S. José da Cidade de Lisboa, e outra porção aos restantes Hospitais, existentes nos Arcebispados e Bispados do Reino, Ilhas e Domínios das Conquistas, «respectivamente ao cúmulo que cada um deles produzir».

Pio VI determinou depois que os legados não cumpridos tivessem aplicação mais lata, devendo excepturar-se da «geral aplicação aquelas Capelanias que dizem respeito a certas e determinadas pessoas».

Os enfermos pobres e os expostos do Hospital Real de Lisboa tiveram sempre preferência (o número e as necessidades eram maiores), consoante se prova pelos documentos abaixo transcritos. Um deles diz respeito «à controvérsia, que se excitou com os Monges de S. Jerónimo do Mosteiro de Belém a respeito das Capelas existentes na Igreja do referido Mosteiro». Nesses tempos não existiam Fundações particulares, e os legados constituiam apreciável fonte de receita.

Jakobovits, num artigo intitulado «Rabbis, Priests and Physicians», escreve:

«Medecine, for its part, is indebted to religion for its hospitals, its control of the conscientious physician, its spiritual assistance in the mitigation of pain and distress, and its emphasis on the value of human life and health».

*

«Eu A Rainha Faço saber aos que este Alvará virem: Que havendo Eu pelo outro Alvará de cinco de Setembro de mil setecentos e oitenta e seis próximo precedente, acordado o Meu Real Auxílio, e Real Beneplácito para a execução das Letras Apostólicas «Dives in Misericordia Dominus», expedidas pelo Santo Padre Pio VI, ora Presidente na Universal Igreja de Deos, à instância do Provedor, e mais irmãos da Santa Casa da Misericórdia da Cidade de Lisboa, auxiliada pela Minha Real Recomendação, e Instância: Ordenando que fossem observadas como Leis as Disposições das mesmas Letras Apostólicas, para o efeito de se extender a aplicação geral dos Legados não cumpridos, até então restrita ao Patriarcado de Lisboa, a todos os Arcebispados, e Bispados destes Reinos, Ilhas, e Conquistas sujeitas ao Domínio da Minha Coroa; ficando no seu antigo estado, e forma, a que já se fazia na dita Cidade de Lisboa, e nas Comarcas do Patriarcado dela; e declarando a nova forma, e aplicação, que devião ter os referidos Legados não cumpridos nos outros Arcebispados, e Bispados, a que de novo se extendia naquela concessão: Me foi ora presente que o mesmo Santo Pio VI, deferindo a outra instância dos sobreditos Provedor, e mais Oficiais da Santa Casa da Misericórdia, por Mim também auxiliada, lhes concedeo, e declarou, por efeito das gravissimas causas, que lhe representaram, que das duas partes de toda a importância dos referidos Legados não cumpridos nos Arcebispados, e Bispados de novo concedidos; e que segundo o teor daquelas Letras Apostólicas ficavam pertencendo ao Hospital Real de S. José da dita Cidade de Lisboa, ficasse uma só parte pertencendo ao referido Hospital Real, e a outra se aplicasse inteiramente á Casa dos Expostos: Determinando pelas Letras Apostólicas, que começam «ustis votis assensum», dadas aos vinte e seis de Novembro de mil setecentos, oitenta e quadro; que pela parte, que ficava pertencendo ao dito Hospital de S. José, fosse socorrido, quanto coubesse na possibilidade, o Hospital dos Inválidos de Nossa Senhora do Amparo: e pela outra parte aplicada à Casa dos Expostos fosse na mesma conformidade socorrido o outro Hospital dos Incuráveis, chamado de Santa Ana. E porque o conteúdo nas ditas Letras Apostólicas «Justis votis assensum» é em tudo conforme à instância, por que foram expedidas, e à Minha Real Recomendação: Acordando-lhes o Real Beneplácito, e Régio Auxilio, para que tenham a sua inteira execução: Hei por bem declarar, que as sobreditas Letras Apostólicas «Dives in Misericordia Daminus», roboradas pelo referido Alvará de cinco de Setembro do ano próximo passado, devem ser entendidas, e observadas, em quanto à aplicação das mencionadas duas partes, pela maneira e forma com que elas são novamente aplicadas pela disposição das ditas Letras Apostólicas «Justis votis Assensum», ficando em tudo o mais em sua observância, e vigor, e com a mesma roboração, e força que se acha ordenada pelo sobredito Alvará.

«E este se cumprirá tão inteiramente, como nele se contém, sem dúvida, ou embargo algum. E Mando à Mesa do Desembargo do Paço; Regedor da Casa da Suplicação; Conselhos da Minha Real Fazenda, e do Ultramar; Mesa da Consciência, e Ordens; Governador da Relação, e Casa do Porto, ou quem seu cargo servir; e a todas as Relações dos Meus Domínios Ultramarinos; e bem assim a todos os Magistrados, e Justiças dos Meus Reinos, e Senhorios, que o cumpram, guardem, façam cumprir, e guardar tão inteiramente, como nele é conteúdo, para que assim sejam cumpridas, e executadas umas, e outras das referidas Letras Apostólicas. E ao Doutor José Ricalde Pereira de Castro, do Meu Conselho, Meu desembargador do Paço, e Chanceler-mor destes Reinos: Ordeno que o faça publicar na Chancelaria, registar nos Livros dela a que tocar, e remeter os Exemplares deles a todas as Cabeças de Comarcas, e Lugares, a que é costume, debaixo do Meu Selo, e seu sinal: remetendo-se uma Cópia autêntica dele com as ditas Letras Apostólicas Originais ao Arquivo da Santa Casa da Misericórdia da Cidade de Lisboa; e este Original ao Meu Real Arquivo da Torre do Tombo. Dado em nove de Março de mil setecentos oitenta e sete. RAINHA». Visconde de Vila Nova da Cerveira.

*

O outro Alvará, a que se refere o presente, dado aos cinco de Setembro de mil setecentos e oitenta e seis, diz o seguinte:

«Alvará, pelo qual Vossa Magestade, acordando o seu Real Beneplácito, e Régio Auxílio às Letras Apostólicas: «Dives in Misericordia Dominus», e «Cum ad universos Christi Fidelis», manda observar como Leis as Disposições das mesmas Letras Apostólicas, para o efeito de se extender a aplicação dos legados não cumpridos, em benefício dos Enfermos Pobres, e Expostos do Hospital Real de Lisboa, a todos os Arcebispados, e Bispados dos Reinos, Ilhas, e Conquistas, sujeitas ao Domínio de Vossa Magestade; declarando a nova forma desta aplicação nos ditos Arcebispados, e Bispados, e ficando em seu antigo vigor, e actual a que já havia na Cidade de Lisboa, e nas Comarcas do Patriarcado dela: e toborando a Regra invariável, que nas ditas segundas Letras Apostólicas se constitui a respeito das Capelanias erectas em certas, e determinadas Igrejas, com as tres expressas excepções à referida Regra, tudo na forma acima declarada».

Foi registado em 2 de Abril de 1787, e publicado na Chancelaria-mor da Corte, e Reino, em 24 de Julho de 1787.

A. d'E.

ALMOÇOS
Rodoviário do Oeste
MALVEIRA
ao Domingo
Frango na grelha
Dobrada á Rodoviária
Telef. 046520

Como noticiámos, chegou ontem a Lisboa, em dois aviões da K. L. M., a Orquestra Sinfónica Residencial da Haia que hoje, no Coliseu dos Recreios, se apresentará no 5.º concerto sinfónico do IV Festival Gulbenkian de Musica. No aeroporto estiveram a receber os 117 membros da Orquestra, os srs. dr. Constantino Varela Cid, pela Fundação Gulbenkian; dr. Franken, director administrativo da Philips Portuguesa, e dr. Mário Gonçalves de Castro, secretário da Administração da Philips, para a qual a Orquestra grava exclusivamente as suas obras; dr. L. Webb, director da K. L. M.; Manuel Sande e Castro, director comercial; Madame Antoinette Levecque de Freitas Branco e representantes da Embaixada e do Consulado dos Países Baixos em Portugal

VIDA MUSICAL

Exposição «Evocação de Beethoven»

A exposição «Evocação de Beethoven», que a Fundação Gulbenkian organizou, com grande êxito, no Palácio Foz, incluída no seu IV Festival de Musica, continua a ser muito visitada.

Constituída por uma colecção recolhida pacientemente pelo pintor hungaro prof. G. L. de Baraniay, a exposição, além de proporcionar aos admiradores de Beethoven oportunidade para admirar e aprofundar os seus conhecimentos sobre o ambiente real em que viveu o mestre, é, também, uma fonte de descobertas felizes para os conhecedores e apaixonados de Arte, dada a raridade e beleza de muitas obras expostas.

O belíssimo catálogo da exposição «Evocação de Beethoven» impresso na Alemanha, e que já está á venda e contém magníficas reproduções de gravuras patentes no certame, está a despertar grande interesse por parte do publico.

Concertos Pro-Arte

A delegação da Pro-Arte em Matosinhos promove, depois de amanhã, mais um concerto da presente temporada, com o prof. Vítor Macedo Pinto (piano) e D. Catarina de Avelar (recitação).

Na delegação da Covilhã haverá também, depois de amanhã, um concerto comemorativo do 150.º aniversário do nascimento de Chopin e cujo programa será inteiramente preenchido com obras do famoso compositor, interpretadas pela pianista prof.ª D. Helena Moreira de Sá e Costa. Dirá algumas palavras sobre Chopin e a sua obra o sr. dr. José Carlos Picoto.

As delegações da Pro-Arte em S. João da Madeira e Vila da Feira organizam concertos nos dias 1 e 2 de Julho, com a pianista e compositora D. Berta Alves de Sousa e a cantora D. Maria Fernanda Salgado.

COMEMORAÇÕES HENRIQUINAS

Uma exposição na Escola Elementar Pedro de Santarém

Na Escola Técnica Elementar Pedro de Santarém inaugura-se na quinta-feira, ás 18 horas, uma exposição de trabalhos escolares, incluída nas comemorações henriquinas, a qual ocupará oito salas, duas das quais exclusivamente dedicadas ao Infante de Sagres. Presidirá ao acto inaugural o sr. subsecretário de Estado da Educação Nacional e assistirão, além do corpo docente da escola, o director-geral do Ensino Técnico e directores de outras escolas técnicas.

A exposição estará patente ao publico, durante o mês de Julho, todos os dias uteis, das 10 ás 12 horas e das 14 ás 17, á excepção dos sábados.

Acto de variedades

no Progresso Clube de Mem Martins

O Progresso Clube, de Mem Martins, comemora hoje o seu 28.º aniversário com um interessante sarau em que participam as seguintes atracções: o ilusionista Max Lossafan, Teresinha do Montijo, o ventriloquo Oiligrin, os palhaços Vasquito e Lisboa, o animador Luís Valentim e a pianista Elvira Ruas.

O espectáculo que se efectua ás 21 e 30, está a despertar grande interesse.

HIDRO-ELÉCTRICA DO DOURO

S. A. R. L.

RUA DO BOLHÃO, 36 — PORTO

CAPITAL: 580 000 CONTOS

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

Conforme anuncio oportunamente publicado nos jornais, procedeu-se no dia 20 do corrente ao sorteio, para efeito de amortização, de 923 obrigações desta Sociedade, tendo sido sorteados os seguintes títulos:

1.ª EMISSÃO 5% — 1955 — 1.º SORTEIO

(último cupão pagável — n.º 10)

TÍTULOS DE 1

77	115	135	136	167	239	289	317	437	499
645	716	795	840	897	969	1243	1248	1363	1386
1490	1567	1673	1783	2095	2128	2142	2144	2225	2504
2509	2570	2669	2906	3006	3162	3212	3394	3477	3505
3568	3604	3647	3898	3928	4286	4328	4464	4495	4498
4582	4591	4751	4837	4952	5294	5311	5315	5338	5381
5422	5637	5688	6058	6083	6094	6115	6251		

TÍTULOS DE 5

6396	6555	6636	6692	6853	6928	7014	7209	7293	7410
7499	7618	7730	7810	7813					

TÍTULOS DE 10

7891	8147	8214	8228	8304	8499	8549	8555	8698	8718
8799	8842	9022							

TÍTULOS DE 25

9078	9115

TÍTULOS DE 50

9175	9312	9346	9505	9540	9556	9774	9793	9794	9870
9888	9941								

O pagamento das obrigações sorteadas, pelo seu valor nominal, poderá ser efectuado a partir de 1-7-60 em cada um dos seguintes estabelecimentos de crédito:

— CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS, CRÉDITO E PREVIDÊNCIA
— BANCO DE FOMENTO NACIONAL
— BANCO ALIANÇA
— BANCO BORGES & IRMÃO
— BANCO BURNAY
— BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
— BANCO FONSECAS, SANTOS & VIANNA
— BANCO JOSÉ HENRIQUES TOTTA
— BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
— BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
— BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
— CRÉDIT FRANCO-PORTUGAIS
— MONTEPIO GERAL

Porto, 21 de Junho de 1960.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

CLIPPERS A JACTO PAN AMERICAN DE LISBOA PARA

NOVA YORK • BARCELONA • NICE • ROMA • AÇORES

Construidos pela Douglas expressamente para o serviço aéreo transatlântico, os Clippers a Jacto DC-8C de 925 km/h. da PAN AM têm um raio de acção superior a qualquer outro DC-8

Voe no DC-8C... o mais moderno dos Gigantescos Clippers* a Jacto da Pan Am!

AGORA, pode utilizar um Clipper a Jacto a partir de Lisboa e voar para Nova York, com conforto, sem vibrações... à velocidade de 925 km/h. A PAN AM inaugura também o serviço de Clipper a Jacto DC-8C para Roma, via Barcelona e Nice. E, a partir de Roma, a PAN AM oferece a maior frequência em Gigantescos Jactos para o Próximo, Médio e Extremo Oriente.

Em cada voo no Clipper a Jacto tem à sua escolha o serviço de primeira classe «President Special» ou o serviço «Rainbow» de preços mais económicos. Faça já uma reserva para o seu voo a Jacto na linha aérea com mais aviões a Jacto para mais destinos em todo o Mundo que qualquer outra. Verifique por que razão os Jactos da PAN AM são preferidos por mais de 300.000 passageiros internacionais.

* Marca registada da Pan American World Airways, Inc.

A LINHA AÉREA
DE MAIOR EXPERIÊNCIA
SERVE PORTUGAL HÁ MAIS DE 21 ANOS.

PAN AM

PAA TRAVEL AGENT

Para um mais completo plano de viagem, consulte o seu Agente de Viagens ou a PAN AMERICAN na Praça dos Restauradores, 46, Lisboa — Telefone 3 21 81

BOLETIM DO DIA

EFEMÉRIDES

No dia 25 de Junho de 1841 nasceu o paladino da guerra de Cuba, Guilherme Moncada.

HA TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» dedicava — no dia 25 de Junho de 1930 — ao jornalista brasileiro dr. Candido de Campos uma página assinada pelo dr. João de Barros que exaltava a magnifica obra de melhor entendimento luso-brasileiro levada a cabo por aquele que então nos visitava. O dr. Candido de Campos fora logo no dia da chegada, levar flores ao túmulo de Columbano e estivera presente na inauguração do bronze de António José de Almeida no cemitério do Alto de S. João. Os dois actos enterneceram pela pureza da intenção do dr. Candido de Campos que durante uma semana visitava depois alguns museus, seguindo para Paris, em viagem pela Europa.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — *Programa «A»* — 451 m. — 655 kc./s. — Às 17, Visita do Chefe do Estado ao Norte do País; 18, Noticiário; 18 e 10, Musica de dança; 18 e 40, Rádio Rural; 19, Cançonetas portuguesas; 19 e 15, Musica de filmes; 19 e 45, Trechos em piano; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, Orquestras típicas; 20 e 30, Geografia musical; 21, Junção dos emissores — Noticiário — Comentário; 21 e 20, Desdobramento — Trechos em piano; 21 e 30, O Infante D. Henrique na aurora dos tempos modernos; 21 e 45, Transmissão, do Estádio da Luz, do relato do desafio de futebol Benfica-Sporting; 23 e 30, Orquestras ligeiras; 23 e 45, Junção dos emissores — Noticiário; 23 e 58, Desdobramento; 1, Encerramento.

Programa «B» 397 m.—755 kc./s. — Às 19, 4.º programa da série integral dos quartetos de Bela Bartok; 19 e 25, 2.º acto da ópera «Fausto», de Gounod; 19 e 50, Noticiário regional; 20, Programa de musica portuguesa; 21, Junção dos emissores; 21 e 20, Desdobramento — Separador; 21 e 30, Concerto, pela cantora Mentzell-Kettler e pela organista Marie Louise Martin; 22, Musica sinfónica, de Schumann; 22 e 30, Programa de musica dinamarquesa, em gravações oferecidas pela Radiodifusão Nacional Dinamarquesa; 23, Obras de Debussy; 23 e 45, Junção dos emissores; 23 e 58, Desdobramento; 0, Encerramento.

RÁDIO CLUBE—Às 17 e 30, Cançonetas; 17 e 46, Teatro de brincar; 19, Orquestras e canções; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Motivos portugueses; 20 e 30, Onda desportiva; 21, Solistas; 21 e 30, Lingua inglesa; 21 e 50, Curso de língua inglesa; 22, Ritmos de baile do Casino Estoril; 22 e 30, Cultura Espanhola; 22 e 45, Cançonetas; 23, Concerto, programa de divulgação; 23 e 30, Gwen Gatley; 23 e 45, Noticiário; 2, Fecho.

Estação de Miramar — Às 17 e 1, Musica pelo caminho; 17 e 50, Viagens da nossa terra; 18 e 18, Cançonetas; 18 e 30, Cantos e recantos de Portugal; 19, Palestra da língua portuguesa; 19 e 15, Braga capital do Minho; 19 e 30, Boletim informativo; 20 e 30, Curso da língua inglesa; 20 e 40, Vida desportiva; 21, Noticiário; 21 e 15, Um artista; 21 e 45, Brasil; 22 e 15, Intermédio musical; 22 e 30, Artistas portugueses; 23, Operetas ou zarzuelas; 23 e 45, Solistas; 0, Ritmos de baile; 0 e 58, Sumário; 1, Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA — Às 18, e 15, Noticiário; 18 e 20, Migalhas doutrinais; 18 e 30, Terço e bênção; 19 e 5, Boletim religioso; 19 e 10, Sobre os ramos da azinheira; 19 e 25, Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30, Chuva de estrelas; 20, Musica para o seu jantar; 20 e 30, Noticiário; 20 e 55, Meditando; 21, A cultura brasileira; 21 e 30, O julgamento do fado; 21 e 40, Rádio Rural; 22 e 35, Musica de «ballet»; 23, A 23.ª Hora; 23 e 55, Noticiário; 0, Fecho.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 19 e 30 ás 22, Voz de Lisboa; 22 ás 2, Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, ás 20 e 30, abertura; 20 e 32, telejornal (1.ª edição); 20 e 50, Programa Juvenil; 21 e 45, Gianni Ales e o seu conjunto; 22 e 5, «Companheiros de quarto», com Maureen O'Sullivan; 22 e 30, teledesporto; 22 e 50, telejornal (2.ª edição); 23 e 5, «Naquele tempo...».

CINEMA

No S. N. I., encerramento da III Retrospectiva do Cinema Mudo Português, ás 21 e 30.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

MONUMENTAL — Às 21 e 45 — «A ratoeira».
NACIONAL — Ás 21 e 45 — «Maribel e a estranha família».

CINEMAS

S. LUIZ — «Passos em Falso».
TIVOLI — «O homem que compreendia as mulheres»
IMPÉRIO—«Morte de uma testemunha».
S. JORGE — «Canasta».
EDEN — «Sem dó nem piedade»
MONUMENTAL — «Ressurreição»
ODEON — «O amor não se vende»
CONDES — «A paixão de Afrodite»
POLITEAMA—«O ultimo combate»
ALVALADE — «Passos em falso»
AVIS — «Homem sem rumo».
ROMA—«Oiro, mulheres e maracas»
OLIMPIA—«O terror da fronteira».
RESTELO—«Sete ladrões».
IDEAL — «Vício de matar».
JARDIM — «Máscara vermelha».
CAPITOLIO — «A dois passos da forca».
PROMOTORA — «O caso de uma adolescente».
ESPL. PORTUGALIA—«A miuda».
CAMPOLIDE — «Os tubarões do Pacífico».
S. JOSÉ — «Epopeia dos mares».
MOSCAVIDE — «Os crimes de Jack o estripador».
ODIVELAS — «A ponte do rio Kwai».
S. L. BENFICA — «Os gigantes da floresta».

MUSICA

No Coliseu, concerto sinfónico do IV Festival Gulbenkian de Musica, ás 21 e 30.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Haverá festas com bailes e atractivos diversos, entre outras, nas seguintes agremiações, esta noite: Casa Pia Atlético Clube, Centro Español, Clube Arte e Sport, Casas do Algarve, da Sertã e de Arganil, Sociedade Filarmónica João Rodrigues Cordeiro, Liga dos Melhoramentos e Recreios de Algés. Amanhã, á tarde: Cooperativa Militar, Casa Pia A. C., Estrela Azul F. C.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO E — Marques — Estrada de Benfica, 648, Tel. 780098; Sousa — Estrada de Benfica, 424-431, Tel. 780027; Aguiar — Avenida Columbano Bordalo Pinheiro 98-A, Tel 764629; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, Tel. 780181; Universitária — Rua D. 29-D, Bairro Santos (Próximo ao Hospital de Santa Maria), Tel. 778953; Alameda — Alameda das Linhas de Torres, 201-B, Tel 790942 Rainha Santa — Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B, (Junto á Avenida Brasil), Tel 765262, Farmácia—Estrada da Portela, lote 5-A, a Alvalade (Pote de Agua), Tel 710131; Cartaxo — Avenida da Igreja, 21-C, Tel 776358; Avis — Avenida de Roma 56-B-C, Tel 776070; Nova Lisboa — Rua Guilhermina Suggia, 12, Tel 727721, João XXI — Avenida João XXI, 16-A, Tel. 726462; Fátima — Aven de Berna, 24-B (junto á igreja de Fátima) Tel 763107, Sá da Bandeira — Avenida Duque de Avila, 203-B, Tel 41961; Cardeira — Avenida Duque de Ávila, 32-C, Tel 43495, Oliveira Viegas — Rua Viriato, 29-29-A (Próximo da «Maternidade» e do «Avis Hotel»), Tel. 48966; Mundial—L. D. Estefania, 9, Tel. 45578; S. Jorge — Av. Rovisco Pais, 32-A, T. 734027; Ascenso — R. 27, 41 (Bairro da Encarnação), Tel 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel 389237; Ducal — Avenida Duque de Loulé, 21, Tel 48946; Salter — Rua de Xabregas, 63-65, Tel 381185; Luzmar — Rua 2 16-A Bairro de Santa Engrácia (á Picheleira), Tel. P. P. C. 728395-720703; Oriente — Rua Lopes, 120, Tel 843381, Nunes — Rua Angela Pinto, 32, Tel 49756; Europa — Avenida General Roçadas, 25-A Tel 843880; Santo António — Rua Leite Vasconcelos, 72-C, Tel 862333; Rosa & Veigas — Rua de S. Vicente 31, Tel 864351; Nacional — Rua de S. João da Praça, 26, Tel 863632; Matos — Rua Alvaro Coutinho, 10, Tel 40471; Lab — Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101-A, Tel 682333; Salutar — Rua B, 75-A-B, Bairro da Liberdade, Tel 683694 Pátria — Calçada dos Mestres, 30-A (Junto á Rua das Amoreiras), Tel 680627; D. João V — Rua D. João V, 16-C, Tel 682772; Castro Fonseca — Rua 4 de Infantaria, 28-A, Tel 688857; Ourique — Rua Freitas Gazul, 32-B, Tel 671667; Rodrigues & Aires — Rua da Lapa, 52-54, Tel 662246; Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM, 3, Tel 610256; Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz, 20-C-D; Remisio — Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel 631699; Sepol — Calçada da Boa Hora, 94-A, Tel 631958; Teles — Rua João de Barros, 2, Tel 638249; Nogueira — Rua da Creche, 2, Tel 631635; Carrasco — Rua Presidente Arriaga, 39, Tel 667460; Modelar — Largo Dr. António de Sousa Macedo, 7-A (Poço Novo), Tel 27896; Véritas — Rua da Misericórdia, 132, Tel 24554; Capuchos (Dos) — Rua Luciano Cordeiro, 2-A, Tel 52076, Nacional — Rua do Salitre, 7, Tel 46858; Costa — Praça da Figueira, 6-B-C, Tel 28381; Barral — Rua Aurea, 126, Tel 31535.

Por se ter encravado a arma o autor do crime de Evora não matou outro componente do circo

EVORA, 25. — (Pelo telefone). — A população desta cidade, pacífica e ordeira, ficou profundamente emocionada com a tragédia ocorrida, ontem á tarde, no Circo Mariano, instalado na Feira de São João.

Enquanto na pista decorria um animado espectáculo, fora do circo, mas junto aos camarins dos artistas, desenrolava-se o drama sangrento, que teve três protagonistas: o encarregado do circo, Francisco Correia Araujo, de 49 anos, de Famalicão, casado e com dois filhos, o artista Carlos da Costa Monteiro, de 40, casado, natural de Lajeosa, que trabalhava com um grupo de cães amestrados, e o servente, José Torres, de 38, solteiro.

O Carlos Monteiro, conhecido pelo seu feitio irascível e vingativo, discutiu com o encarregado, por motivo de umas estacas de ferro das quais abusivamente se utilizava, acabando o Araujo por mandar o Torres buscar as referidas estacas onde o Monteiro as tinha ao seu serviço. Imediatamente este entrou no seu camarim e, aparecendo de pistola em punho, alvejou, á queima-roupa, com um tiro nas costas, o encarregado, o qual, ao voltar-se, surpreendido e aflito, foi atingido por mais três projecteis, no peito e no ventre, tombando, morto, num charco de sangue. Então, o Monteiro apontou a pistola ao Torres, no intuito de o alvejar, também, o que não conseguiu por a arma se ter encravado.

O criminoso foi preso pela P. S. P. e vai ser enviado a juizo.

Ao contrário do Araujo, que era estimado e considerado nos meios circenses, o assassino era temido e mal visto pelos colegas, pois, frequentemente, assumia atitudes ameaçadoras e violentas.

O corpo da vítima, que está depositado na casa mortuária do Hospital da Misericórdia, deve ser autopsiado ainda hoje, realizando-se, em seguida, o funeral.

Semana do contribuinte

TITULOS DE ANULAÇÃO

— Prazo da sua validade.

Por despacho do sr. ministro das Finanças de 4 de Outubro de 1958, foi esclarecido:

Que o prazo de validade dos títulos em referência é de *cinco anos* a contar da data do pagamento da contribuição ou imposto anulado, ou do ultimo pagamento na hipótese de o mesmo haver sido efectuado em prestações, salvo quando esse pagamento haja sido feito antes da data do transito em julgado da sentença ou despacho anulatório, caso em que o aludido prazo se deve contar desde esse transito.

Sobre a prescrição dos títulos em referência, foi pelo mesmo despacho ministerial esclarecido:

Tratando-se de contribuição ou imposto que não haja sido pago e de que tenha prescrito a obrigação do seu pagamento, os respectivos títulos de anulação perdem a validade no dia em que se deu essa prescrição.

IMPOSTO COMPLEMENTAR

Liquidações eventuais de imposto sobre capitais provenientes de baixas.

Por despacho do sr. subsecretário de Estado do Orçamento, de 20 de Junho de 1959, foi esclarecido:

Que os rendimentos — quer as baixas se realizem antes ou depois das operações do englobamento normal — sejam apenas consideradas, para efeitos de imposto complementar, no englobamento do ano seguinte, uma vez que, quanto a este imposto, os rendimentos a ter em conta são os respeitantes ao ano anterior, em virtude de se tratar de um imposto cobrado atrasadamente.

E que, como é óbvio, tais rendimentos, dada a sua natureza eventual, não têm de ser incluídos na declaração modelo 2 (de rendimentos), em virtude do que esclarece o n.º 10.º das «Observações e instruções para o preenchimento desta declaração», impressas na ultima página da mesmo declaração.

Apresentação da declaração modelo 2 depois de levantado o auto de transgressão.

Uma vez apresentada a declaração m/2, depois de levantado o auto de transgressão por falta da sua apresentação ou renovação, mas antes de o arguido ser dele notificado, a multa a aplicar ao caso é a prescrita no artigo 48.º do Regulamento aprovado pelo decreto n.º 40 788, de 28 de Setembro de 1956, entendimento também firmado pelo Supremo Tribunal Administrativo em acordãos ainda não publicados no «Diário do Governo».

Despacho do sr. subsecretário de Estado do Orçamento de 17 de Julho de 1959.

Nota — Decreto n.º 40 788, de 28 de Setembro de 1956, art.º 48.º — A inexactidão das declarações..., bem como ás transgressões não especialmente previstas, são aplicadas as multas de 500$00 a 10 000$00, graduadas conforme a gravidade da falta, sem prejuizo da liquidação do imposto que se mostrar devido.

Novas instalações do Mobil Clube

Na próxima terça-feira, a direcção do Mobil Clube apresenta aos representantes da Imprensa, Rádio e Televisão, entidades sindicais e F. N. A. T. as novas instalações do clube, situadas na Rua das Chagas, 20, em Lisboa.

Compre o «DIARIO DE LISBOA», em ALMADA, na Tabacaria Gracinela, Rua Bernardo Francisco da Costa, 66.

Diário de OUTRA BANDA

OS FESTEJOS
de S. João em Almada

Em Almada continuam, com grande animação, os tradicionais festejos de São João. As «marchas» e grupos folclóricos percorrem as principais ruas da vila, vistosamente ornamentadas e ostentando, á noite, profusas e coloridas iluminações. Esta tarde, a banda da G. N. R., sob a regência do maestro, tenente Manuel da Silva Dionísio, deu um concerto e, das 21 ás 22 horas, haverá um animado desfile de «marchas» luminosas, no qual tomam parte os grupos musicais das Sociedades Incrível, Academia Almadense e União Artística Piedense, que executarão os melhores trechos dos seus vastos e escolhidos reportórios.

Das 22 á 1 da madrugada, o grupo Folclórico de Coimbra e os grupos infantis de variedades da Incrível e da Academia Almadense exibir-se-ão com os seus trajos característicos, prosseguindo o arraial, além dos atractivos originais na feira típica.

O encontro de futebol entre dois grupos mistos do Benfica e do Belenenses, marcado para amanhã, no Campo do Pragal, que se devia realizar ás 16 horas, efectua-se ás 18.

A FEIRA FRANCA DO MONTIJO foi inaugurada hoje

MONTIJO, 25 — (Pelo telefone). Ao princípio da manhã, a vila foi acordada por uma salva de vinte e um morteiros, ao mesmo tempo que saía para as ruas um grupo minhoto de «zés-pereiras, cabeçudos e gigantones».

Ao meio-dia, houve uma recepção á Imprensa, Rádio e Televisão, nos Paços do Concelho. Usaram da palavra o sr. presidente da Camara, sr. Francisco dos Santos Gouveia, e, em representação das entidades presentes, o jornalista José Baião, redactor do nosso prezado colega «O Século». Aos jornalistas foi, depois, oferecido um almoço pela Comissão das Festas.

O governador civil de Setubal inaugura oficialmente, á hora de saída do nosso jornal, a Feira Franca. A' noite, efectuam-se concertos pela Banda Democrática 2 de Janeiro, do Montijo, e pela banda da Academia Musical União e Trabalho, de Sarilhos Grandes.

Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe de Setúbal

Recebemos um ofício da direcção do Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe de Setubal, agradecendo-nos em nome dos agremiados o interesse dispensado pelo «Diário de Lisboa» ao problema do imposto «ad-valorem» que onera as mercadorias exportadas pelo porto daquela cidade, colocando-o em manifesta situação de desigualdade, quanto a encargos, em relação a outros portos do País.

Futebol em Almada

Amanhã, no campo do Pragal, em Almada, realiza-se um jogo de futebol entre duas equipas mistas do Belenenses e do Benfica.

Cinemas

AMORA — Cine-Teatro — Às 21 e 15 «Eddie, o sedutor» — (17 anos).

BARREIRO — Cinema Ginásio C. U. F. — Às 21, «O segredo do culpado» e «A ingénua e o solteirão» — (17 anos).

PORTO BRANDÃO — Cinema — Às 21 «A bola e os gangsters» e «A irmã S. Sulpício» — (17 anos).

COVA DA PIEDADE — União Artística Piedense — Às 21 e 45, «O inferno debaixo de água» — (17 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — Farmácia Nunes — Largo António S. Jorge — Tel. 034100.

ALMADA — Farmácia Nuno Alvares — Avenida Nuno Alvares Pereira, 39-C — Tel. 070504.

BARREIRO — Soares — Avenida da Republica, 1 — Tel. 023023.

COVA DA PIEDADE — Cerqueira — Praça 5 de Outubro 1910, 18— Tel. 070254.

MOITA — União Moitense — Praça da Republica.

MONTIJO — Higiene — Rua José Joaquim de Matos.

SESIMBRA — Leão — Rua da Republica, 51 — Tel. 029025.

SETUBAL — Oliveira — Rua da Misericórdia, 10 — Tel. 22488.

TRIBUNAIS
Condenada por infanticídio

COVILHÃ, 25. — Em audiência colectiva, presidida pelo corregedor dr. Artur Moreira da Fonseca, que tinha como auxiliares os srs. drs. Adalberto Vieira de Castro e António Tavares de Almeida, respectivamente, das comarcas da Covilhã e do Fundão, sendo delegado do Ministério Publico o sr. dr. Zeferino Faria David, foi julgada Maria da Conceição Garcia, viuva, por ter depositado no cemitério local uma criança que recentemente nera á luz.

Foi condenada a dois anos de prisão maior, imposto de Justiça e acréscimos legais, atendendo a ter muitos filhos e ser operária. Teve como advogado de defesa o sr. dr. João de Figueiredo Vargas.

PRAIA DO SOL — COSTA DA CAPARICA

Visite e frequente esta magnífica Praia
Frondosa Mata — Acácias em flor
Modernos estabelecimentos abertos todo o ano
Servida pelos grandes e luxuosos autocarros da Empresa de Transportes Piedense.
PENSÃO S. JOÃO — RESTAURANTE FLORESTA

O atentado em Caracas

contra o presidente da Venezuela foi telecomandado

CARACAS, 25 — O detonador que serviu para provocar a explosão da carga de dinamite para o atentado contra o presidente Rómulo Betancourt deve ter sido telecomandado. E' o que se depreende dos primeiros elementos do inquérito feito pela Polícia.

Quando, cerca das 9 e 22, o presidente da Republica se dirigia ás manifestações organizadas por ocasião do «Dia do Exército», estava arrumado na parte mais estreita de uma rua por onde o presidente devia passar, em frente da Escola de Medicina, um carro «Oldsmobile», verde, modelo 1952. A's 9 e 23, mesmo no momento em que o carro presidencial chegava junto do «Oldsmobile», a cerca de 1 metro de distancia, aquele explodia, projectando para todos os lados pedaços de metal e incendiando-se imediatamente.

Ora ninguém nesse momento se encontrava nas imediações do carro estacionado. Os polícias verificaram depois ter a explosão sido provocada por uma carga de cartuchos de dinamite, cujo detonador tinha sido comandado a distancia por um posto emissor de rádio.

E' PROIBIDO ENTRAR OU SAIR DA VENEZUELA

O Governo venezuelano publicou um decreto limitando ou suspendendo certas garantias constitucionais destinadas a impedir disturbios eventuais em virtude do atentado contra o presidente da Republica.

O decreto proibe a quem quer que seja a entrada e saída do território nacional e estipula ficarem proibidas as reuniões publicas.

A suspensão ou limite das garantias constitucionais — esclarece o decreto — cessará logo que desapareça a ameaça que pesa actualmente na vida democrática da nação. — (F. P.).

AGITAÇÃO POLITICA NA DOMINICANA

CIUDAD TRUJILLO, 25 — Uma escaramuça sangrenta, em pequena escala, registou-se ontem entre membros do recentemente constituido partido antigovernamental e os simpatizantes do presidente Trujillo. Numerosas pessoas ficaram feridas.

A luta deu-se junto á sede do Movimento Popular Dominicano, na Avenida José Trujillo Valdes, no centro da cidade, travando-se o recontro, durante o qual foram empregados mesas, cadeiras e outros móveis. Entre os indivíduos que se encontram hospitalizados conta-se o chefe do Movimento Popular Dominicano, Francisco Ramos Sequero. — (A. N. I.).

O PRESIDENTE SAIU DO HOSPITAL E FEZ UM DISCURSO

CARACAS, 25 — O presidente Rómulo Betancourt, saiu da clínica ontem pela meia-noite, a despeito da opinião dos médicos que lhe haviam recomendado um período de dez dias de repouso. Depois do atentado de que foi alvo ontem pela manhã, o presidente Betancourt disse aos jornalistas que se sentia muito bem. Apenas as mãos ligadas o incomodavam.

O chefe do Estado seguiu imediatamente para o palácio de Miraflores onde proferiu um discurso em que afirmou, nomeadamente: «O atentado de ontem mostra que os inimigos nacionais e internacionais da democracia venezuelana não recuam diante de processo algum para tentarem instalar o despotismo no nosso país. Nunca desconheci os riscos que comporta a decisão inflexível que tomei de contribuir para instaurar na Venezuela uma democracia representativa e respeitadora dos direitos humanos. Continuarei a cumprir o mandato que recebi do povo venezuelano». — (France Presse).

O caso Eichmann

no Conselho de Segurança das Nações Unidas

NOVA YORK, 25. — O embaixador argentino Mário Amadeo, que participou nos debates do Conselho de Segurança das Nações Unidas sobre o caso de Adolf Eichmann, parte hoje para Bruxelas, onde vai conferenciar com o presidente Arturo Frondizi.

O diplomata argentino passa o dia de amanhã em consultas com o presidente Frondizi sobre a questão Eichmann e na terça-feira segue de Bruxelas para Leopoldville, aonde vai assistir ás cerimónias da independência do Congo. — (A. N. I.).

GOLDA MEIR VAI A WASHINGTON

WASHINGTON, 25. — O ministro dos Negócios Estrangeiros de Israel, sr.ª Golda Meir, chega amanhã a esta cidade para conversações com alguns funcionários norte-americanos e israelitas.

A sr.ª Golda Meir vem de Nova York, onde representou o seu país no debate do Conselho de Segurança das Nações Unidas sobre o caso Eichmann.

Na segunda-feira, Golda Meir conferenciará com o secretário de Estado, Christian Herter, e com o subsecretário de Estado, Douglas Dillon.

Na quarta-feira deve voltar a Nova York, onde ficará até 3 de Julho, data em que regressará a Israel. — (A. N. I.).

UMA IGREJA EM CARACOL

COPENHAGUE, 25 — Será colocada hoje a primeira pedra para a construção de uma igreja desta capital com a forma da casca de um caracol, onde os crentes se sentarão no chão.

O arquitecto dinamarquês, Holger Jensen, desenhou o revolucionário templo, destinado principalmente, ás crianças das escolas, que serão convidadas a decorarem a igreja com os seus próprios murais de assuntos bíblicos. — (R.).

PORTUGAL venceu a Espanha em handebol

ORAN, 25. — Portugal venceu a Espanha por 18 a 16, com 10 a 3 ao intervalo, no jogo disputado aqui, ontem, á noite, a contar para a Taça Latina de Handebol. — (A. N. I.).

OS BOMBEIROS foram chamados seiscentas vezes em 45 minutos!

PARIS. 25 — Os bombeiros foram chamados 600 vezes num período de 45 minutos por pessoas cujas residências ficaram inundadas quando uma violenta tempestade assolou na noite passada, a área desta capital.

Foi suspenso o transito, nas áreas suburbanas por as ruas terem ficado inundadas. — (R.).

Desapareceu um avião com 48 pessoas

RIO DE JANEIRO, 25 — Quarenta e oito pessoas, entre as quais uma criança e cinco tripulantes, encontravam-se no aparelho «Convair», 340 da companhia brasileira «Real Aerovias», que desapareceu entre Belo Horizonte, capital de Minas-Gerais, e esta cidade. Vários deputados que regressavam de Brasília encontravam-se entre os passageiros do avião.

Sabe-se que as reservas de carburante não permitiam ao aparelho manter-se no ar além das 23 horas (T. M. G.).

Os esforços das brigadas de socorro concentram-se na região do Rio de Janeiro.

Um helicóptero começou esta manhã as suas buscas, depois de se ter anunciado que tinham sido assinalados destroços na Baía, informou a autoridade da aviação civil. — F. P. e R.).

Funcionará no Cairo um «gabinete» do Movimento *Nacional Sul-Africano*

BEYRUTH, 25 — Segundo anuncia o jornal «Al Ahram», vai abrir no Cairo, no começo da próxima semana, um «gabinete» do Movimento Nacional Sul-Africano», que ficará instalado junto dos já ocupados pelos movimentos nacionalistas do Camarão, da Uganda, do Kenya e de Zanzibar.

O jornal revela ser o «gabinete» dirigido pelo «leader» negro Oliver Tambu, que se refugiou no Cairo há cerca de um ano, para escapar á Polícia de Joanesburgo.

O jornal diz que a legação da União Sul-Africana na Republica Arabe Unida quis protestar contra o asilo concedido a Tambu e a outros cinco refugiados, mas o ministro dos Negócios Estrangeiros do Governo do Cairo rejeitou o protesto.

A R. A. U. é o unico país independente de Africa que mantém relações diplomáticas com o Governo da União. — (F. P.).

AMBIENTE DE FESTA EM LEOPOLDVILLE

LEOPOLDVILLE, 25 — Elementos da tribo Abako continuam a cantar e a dançar nas ruas dos bairros indígenas de Leopoldville, para festejarem a eleição de Joseph Kasavubu para o cargo de presidente da Republica congolesa.

Desde ontem, ranchos de homens e mulheres exteriorizam o seu contentamento, transformando os arredores da cidade em campos de intermináveis batuques.

Kasavubu é o chefe do Partido que, constituído por elementos da sua tribo, a Abako, domina, incontestávelmente, na região de Leopoldville.

Observadores autorizados dizem que é de prever que a atmosfera de festividade continue, pelo menos até 30 de Junho, data marcada para a proclamação oficial da independência, mas salientam que o que acontecerá depois disso é um ponto de interrogação. — (A. N. I.).

TERMINOU A CONFERÊNCIA DE ADIS-ABEBA

ADIS-ABEBA, 25 — A 2.ª Conferência dos Estados Africanos Independentes terminou ontem os seus trabalhos com a votação de uma série de moções. As principais são:

Convite á França e ao «G. P. R. A». para procederem a negociações com vista a um armistício e aplicação da autodeterminação; apelo a todos os Estados africanos para paoiarem a Argélia material e diplomáticamente; apoio á decisão da Etiópia e Libéria de pedir ao Tribunal Internacional de Justiça, a fim de se obter a anulação do mandato da União Sul-Africana no Sudoeste Africano; convite a todos os Estados africanos para boicotarem a Africa do Sul de forma total — os Estados árabes são convidados a cessar os seus fornecimentos de petróleo, e os Estados africanos membros da comunidade, a solicitar a sua exclusão da mesma comunidade; criação de um fundo especial para auxiliar «aqueles que se batem em Africa»; pedir a dissolução da Federação da Rodésia. — (F. P.).

HAILÉ SELASSIÉ APOIA AS SANÇÕES CONTRA A AFRICA DO SUL

ADDIS-ABEBA, 25 — O imperador Hailé Selassié deu o seu apoio pessoal ás sanções contra a Africa do Sul.

O imperador afirmou que as sanções tinham o propósito, não só de constituir «um efeito material», mas também um símbolo de simpatia por aqueles que sofrem devido á discriminação racial na Africa do Sul.

O imperador teve uma conferência com a Imprensa, em que recebeu 30 correspondentes que fizeram o relato da conferência para os Estados africanos independentes. — (R.).

A SITUAÇÃO EM KATANGA

ELIZABETHVILLE (Congo Belga), 25 — O estado de emergência na rica província de Katanga, grande produtora de cobre, no Congo Belga, deverá ser levantado no próximo domingo — segundo decidiu hoje o Governo provincial ao qual preside Moise Tshombe.

O estado de emergência foi declarado no dia 14 de Junho por causa da «situação perigosa e ilegal que se está a criar na província» após as disputas entre os partidos políticos locais, que levaram á ameaça de que a província poderia separar-se do Congo para se juntar á Rodésia. — (R.).

INDEPENDÊNCIA POR CINCO DIAS

LONDRES, 25 — O 14.º Estado independente da Africa, a Somalilandia, nasce amanhã: é o território menos povoado de todo o continente negro que até hoje ascendeu á independência, pois só conta 150 000 habitantes. Cinco dias mais tarde, ligar-se-á á Somália — sob tutela italiana — cuja soberania será proclamada em 1 de Julho.

Durante a sua breve existência, o Estado da Somalilandia terá um Governo de quatro membros chefiado por Mohamed Ibrahim Egal. Não se sabe bem ainda o que sucederá a seguir, no plano governamental e constitucional. Dois candidatos, Abdulah Issa, primeiro-ministro da Somália, e Adan Abdulah, presidente da Assembleia, disputam a presidência da Republica com iguais probabilidades de êxito. Egal seria o chefe do Governo. Pela Carta, assinada anteontem em Hergeisa pelos dois grandes partidos locais, a Liga Nacional e o Partido Unificado, a nova Republica africana será um Estado islamico, neutralista. — (F. P.).

A guerra atómica podia ter começado na Coreia se a América tivesse mais bombas?

WASHINGTON, 25. — O general Omar Bradley, antigo presidente da Junta dos Chefes dos Estados-Maiores dos Estados Unidos, declarou a noite passada, pela rádio, que o comando das Nações Unidas tinha decidido não empregar bombas nucleares na guerra da Coreia «porque todo o nosso arsenal poderia não ter sido decisivo» contra a China comunista.

Concedendo uma entrevista á rádio por ocasião do décimo aniversário da guerra da Coreia, o general disse que o arsenal relativamente limitado dos Estados Unidos poderia ter sido esgotado — sem ter provocado uma derrota — enquanto uma bomba nuclear comunista em Pusan e outra em Seul poderiam destruir toda a defesa da Coreia do Sul.

O general disse ainda que se o território chinês do outro lado do rio Yalu tivesse sido bombardeado para perturbar o movimento de tropas e abastecimentos ás forças norte-coreanas, a União Soviética poderia fácilmente ter entrado na guerra.

Segundo o tratado sino-russo, os Russos comprometeram-se a ir em auxílio da China, no caso desta ser atacada.

Foi esta questão a principal causa da chamada aos Estados Unidos do general Douglas MacArthur, próximo do final da guerra. — (R.).

A CHINA POPULAR DEVIA SER CHAMADA A GENEBRA

WASHINGTON, 25. — Hubert Humphrey presidente da subcomissão senatorial do desarmamento, anunciou ter proposto ao presidente Eisenhower a admissão da China Popular nas conversações de Genebra. Sugeriu também que o Governo dos Estados Unidos proponha, como medida de desarmamento, a proibição do fabrico de bombardeiros de longo raio de acção.

Quanto á sugestão de admitir o Governo de Pequim nas conversações de Genebra, o senador esclareceu: «Seria temerário para os Estados Unidos concluir um acordo para um desarmamento substancial sem incluir a China comunista». — (F. P.).

E' essencialmente técnica a missão do enviado dos rebeldes argelinos

(Continuação da 1.ª página)

cabelo encaracolado e quase louro, é conhecido como um homem jovial e astuto. Os seus amigos chamam-lhe «Boum».

Boumendjel só aderiu aos insurrectos em 1957, depois da morte de seu irmão Ali, que estava preso na Argélia. Amigo íntimo de Ferhat Abbas, é há muito considerado como «moderado» entre os nacionalistas argelinos embora tenha por vezes seguido uma linha mais dura, principalmente em várias conferências africanas.

Em Outubro de 1956, Boumendjel foi escolhido pelo dirigente insurrecto Ben Bella para seu advogado de defesa, depois de Bella e outros dirigentes insurrectos terem sido aprisionados pelos franceses. — (R.).

MISSÃO ESSENCIALMENTE TÉCNICA

TUNES, 25 — O advogado Boumedjel, uma hora antes da partida do avião para a capital francesa, chegou ao aeródromo de Tunes-El Auina, que tinha animação desusada. Haviam sido tomadas precauções de segurança especiais. Na pista, viam-se muitos ornalistas e fotógrafos, que rodearam Boumendjel. Este encaminhou-se para o pequeno salão posto á disposição da delegação — que não tem ligação com a sala de espera dos passageiros habituais. Depois, leu a seguinte declaração:

«O Governo Provisório da Republica argelina dignou-se investir o meu jovem colega e amigo, Ben Yahia, e a mim na honra insigne e tremenda de tomar contacto com o Governo francês. A nossa missão consistirá em preparar a ida da delegação que deverá abordar os problemas de fundo. Isto é, o seu carácter é essencialmente técnico.

«Na altura em que deixamos o litoral da Tunísia, o nosso pensamento acompanha as inumeras vítimas da guerra na Argélia.

«Glória a todos os que no sofrimento, na tortura e no sangue fizeram e fazem a pátria, a nação argelina, a nação maghrebiana.

«Queiram todos os países irmãos e em primeiro lugar a Tunísia ver aqui, neste momento da História dolorosa do Maghreb, a expressão da nossa gratidão infinita».

A's 8 e 10, os emissários do «G. P. R. A.» embarcaram num «DC-4» da Tunes-Air com as cores nacionais tunisinas, vermelha e branca, e a insignia da empresa: uma gazela alada. No mesmo avião, seguiram outros passageiros, incluindo Henri Gauthier, conselheiro da Embaixada de França. — (F. P.).

JOHN SURTEES venceu na Holanda

ASSEN, 25. — No Grande Prémio Motociclista da Holanda, o campeão mundial britanico John Surtees ganhou a prova de 350 c. c. numa «M. V. Agusta».

Na prova de 250 c. c., ganhou o italiano Carlo Ubbiali, também numa «M. V. Agusta». — (R.).

IDA PARA A ROMARIA — Desenho de el-rei D. Fernando

UM MILAGRE DE S. JOÃO QUE PASSOU DE MODA

S. JOÃO! Arraiais! Baloizinhos!

Alegria das noites frescas de Lisboa! Marchas e bailaricos! Festas populares cada vez mais diluídas nesta vida agitada e difícil de viver! Como está longe e perdida a tradição! Pelo caminho ficou muita crendice á mistura com a alegria expontanea dos arraiais doutras épocas. Quem queima hoje alcachofras? Quem arrisca o preço dum ovo para saber quem lhe quer bem? Com naves espaciais ensaiando nas alturas, as viagens interestelares como pensar que alguém procure o milagre sãojoanino da cura dos

(Continua na 11.ª página)

A VERDADEIRA DAMA DAS CAMÉLIAS

Num certo dia de Outono de 1844, dois jovens «leões» de vinte anos (Eugéne Dejazet, filho dum grande comediante, e Alexandre Dumas, filho do célebre autor dos «Três Mosqueteiros», resolveram, depois dum dia de equitação na floresta de Saint-Germain, passar a noite no «Teatro des Variétés»... Devemos, talvez, a esta final e inesperada resolução, o termos, 166 anos mais tarde, vindo a conhecer o sorriso, o nome, a figura e o curto e trágico destino daquela a quem, segundo Dumas filho, chamamos «A Dama das Camélias».

Com efeito, nessa noite, num camarote de boca, com toda a sedução

(Continua na 11.ª página)

magazine

Diario de Lisbôa NÚMERO 102 Diario de Lisbôa

É BOM CASAR CEDO?

CONTINUAM a chegar-nos respostas ao nosso inquérito. Muitas delas, infelizmente, não são susceptíveis de publicação. Entre as recebidas, daremos destaque á de Catarina G. de R., porque mais ou menos concretiza muitas das outras respostas em nosso poder.

Diz-nos ela:

Tinha eu dez anos quando meus pais se divorciaram, ficando a viver em terras diferentes. Meu pai em Africa, minha mãe e eu em Lisboa, onde frequentei o liceu e fiz os meus estudos.

Tive sempre em minha mãe, uma amiga e uma camarada. Mas apesar destas optimas qualidades tinha uma maneira muito severa de ver a vida, pelo que faziamos uma vida demasiado discreta, sem festas nem grandes convivências. Um dia manifestei interesse em ir ao cinema ou ao teatro, á noite; mas minha mãe disse que como não tinhamos meu pai para nos acompanhar, não nos ficaria bem irmos sòzinhas.

Ora, se até então, eu sofrera e sentira a falta de meu pai, nesse dia, isso mais se vinculou em mim, assim como a necessidade de ter alguém que nos acompanhasse e me desse uma vida diferente.

Idealizei a vida agradável das raparigas casadas que vão para todo o lado com os maridos.

As minhas colegas quase todas namoravam já. Mas, duma maneira geral, os rapazes eram uns garotos e isso a mim não interessava. Não queria um simples namoro, mas um marido.

Chegou o carnaval e uma das minhas colegas convidou-me para um baile em casa dela. Nesse dia conheci um excelente rapaz que correspondia aos meus desejos. Pois, além do Jorge já não ser um garoto tinha o seu curso tirado e a vida organizada.

A simpatia nasceu, de parte a parte; e, embora ele tivesse apenas vinte e três anos era bastante sensato e levava a vida muito a sério. Procurou logo falar a minha mãe a respeito das suas intenções. Esta simpatizou com ele, pois percebeu que o Jorge, além de bom rapaz, tinha boas qualidades. No entanto, nunca pensara que eu havia de namorar e casar tão cedo. Ainda tentou opor-se mas, por fim, acabou por dar o seu consentimento.

Após ano e meio de convívio, resolvemos casar. Hoje, decorridos já seis anos, sinto-me feliz como no dia do meu casamento. Tenho um marido encantador e dois filhos adoráveis. Ambos são rapazes mas, se ainda tiver uma filha, o que gostaria bastante, procurarei educá-la de modo a que ela tenha pleno conhecimento da vida. Deixá-la-ei conviver e gozar a sua mocidade, claro que debaixo da minha orientação e conhecimento, para que não sinta a necessidade prematura do casamento. Considero que casei demasiado cedo e embora muito feliz, tive certas decepções e dificuldades no casamento, devido á minha pouca idade.

Catarina tem razão. A mulher ou antes, a rapariga não deve estar á espera do casamento como uma libertação que, muitas vezes, não vem. E então, torna-se a mais cruel das prisões.

É o que nos diz Maria Eduarda:

Casar muito cedo é uma asneira. Vejamos o meu caso, o meu triste caso: meus pais davam-se mal. Nunca se divorciaram porque tinham uma filha, mas a vida que levavam era bem pior para mim que a separação. Além disso, meu pai era um tirano e minha mãe uma

(Continua na página seguinte)

LUZES DA CIDADE

QUESTÕES DE TRÂNSITO

por DULCE REBELO

A idade radiosa de todo o ser humano é a da juventude, não só pelo vigor físico que a caracteriza, mas principalmente pelo desenvolvimento pleno das suas faculdades mentais que se expressam na inquietação do saber, na realização de um ideal, no brotar de nobres sentimentos, na afirmação de um carácter seguro que sabe o que pretende da vida, participando activamente nela. Estas riquezas, porém, não se mostram tão fácilmente e em tal abundancia que se possa deduzir que basta ser jovem para todas as virtudes proliferarem.

Todas as épocas têm os seus pro-

(Continua na página seguinte)

E' bom casar cedo

(Continuação da página anterior)

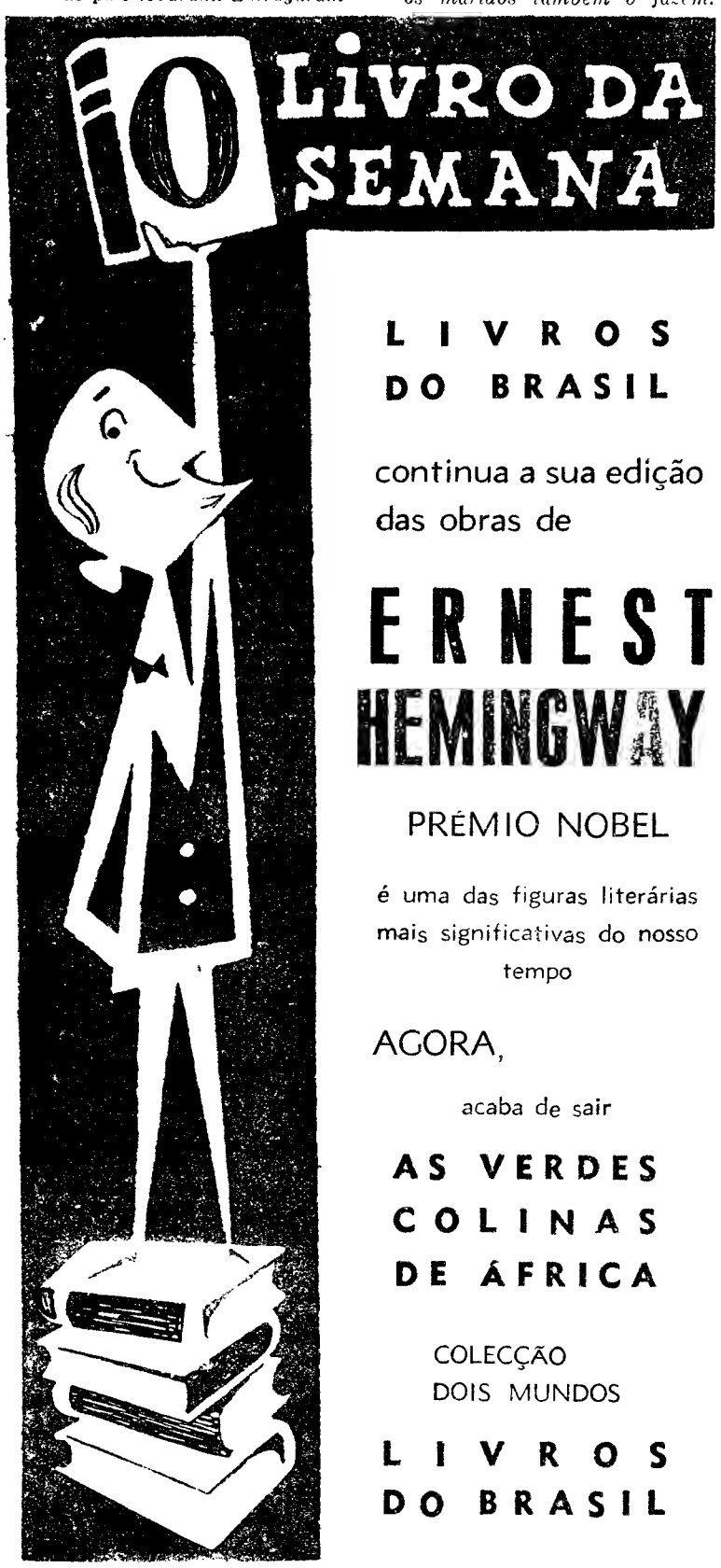
autêntica vítima. O meu ódio crescia contra os homens, embora considerasse que só o casamento me poderia libertar. Pensei arranjar cedo um marido, para me libertar. Encontrei um homem alguns anos mais velho do que eu. Não quis ouvir os conselhos de minha mãe. Esse homem era a liberdade e eu sufocava em casa. Casei. Desgraçadamente casei. Dei cabo da minha vida e da dele, e da dele, coitado, cujo único defeito era ser homem. Nunca consegui deixar de pensar que, mais dia menos dia, ele seria igual ao meu pai e a minha vida igual á de minha mãe. Julgava eu que o mal da minha pobre mãe tinha sido ser excessivamente bondosa e fraca. Por isso, tornei-me déspota e imperiosa, para não me deixar vencer por um homem. No fim de cinco anos, divorciei-me. Apenas com vinte e dois anos. Agora, sim, eu teria a liberdade. Puro engano. Estraguei a minha vida. Estou empregada e só dou graças a Deus por não ter filhos. Meu ex-marido já me procurou várias vezes, no intuito de me levar a refazer a vida com ele, mas eu sinto-me cansada. Com tão pouca idade e já cansada. Vejo todas as mulheres casadas e felizes; ás vezes, quase sinto inveja delas. Minha mãe aconselha-me a reconciliação e paciência. Mas a vida de um casal não pode ser feita de paciência. Falta-lhe qualquer coisa. E esta qualquer coisa que não tive, foi felicidade. Agora vejo bem que a minha frustração vem da vida que meus pais levaram. Estragaram a minha vida e devem sentir-se contentes com isso. Pouparam-me, não se divorciando, mas deram-me uma visão errada do que é a vida de um casal...

Irene F. da S. escreve:

Estou noiva e conto organizar uma vida exemplar. Vejo muitas das minhas amigas levarem uma vida de liberdade verdadeiramente condenável. Lá por serem casadas, pensam que podem fazer tudo. Algumas flirtam até, e dizem que isso é natural na mulher casada, pois os maridos também o fazem. Eu penso que é errado querer fazer o mesmo que eles, pois a sociedade ainda não evoluiu de forma a que tudo fique bem na mulher. Vejo que algumas fazem uma figura desgraçada. E nem pensam no exemplo que isso, um dia, representará para as filhas. Eu serei diferente. Quero ter uma vida exemplar, ainda que elas me chamem «bota de elásticos».

Fernanda Maria dá-nos o exemplo triste da sua experiência:

Minha mãe casou-se aos dezoito anos. O meu marido era um belo rapaz e um bom futuro. Mas eu não lhe tinha amor. Minha mãe era divorciada e achava que me devia arrumar «bem» para evitar preocupações. Anos depois (anos em que nunca cheguei a apaixonar-me pelo meu marido) conheci outro homem que pareceu corresponder melhor ao meu ideal. Troquei a minha vida tranquila e o meu filhinho por uma vida alegre sim, mas pouco duradoura. Para este homem, não era mais do que uma aventura, a somar ás muitas que a sua vida de médico facilitava. Não demorou muito a deixar-me. Fiquei sem nada, apenas com o amargor de não ter sabido defender a minha liberdade de solteira. Casar cedo é bom, quando se ama.



LIVROS DO BRASIL

continua a sua edição das obras de

ERNEST HEMINGWAY

PRÉMIO NOBEL

é uma das figuras literárias mais significativas do nosso tempo

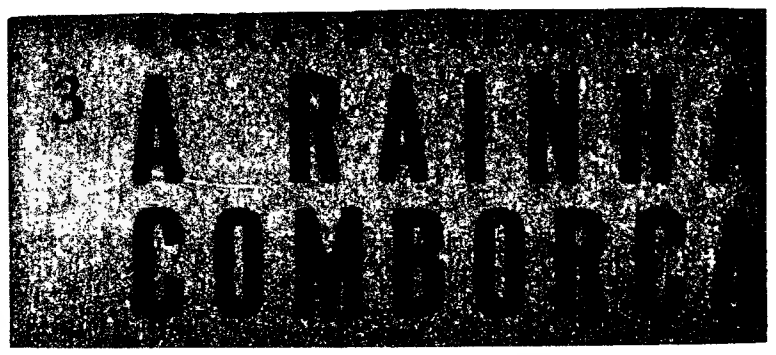
AGORA,

acaba de sair

AS VERDES COLINAS DE ÁFRICA

COLECÇÃO DOIS MUNDOS

LIVROS DO BRASIL



por AUGUSTO DA COSTA DIAS

Era uma desconhecida para o povo quando, de subito, a estranha notícia começou a insinuar-se, como um fantasma ou um criminoso, pelas ruelas turvas de Lisboa. Diziam-na a meia voz e só os olhos falavam de alto numa confusa linguagem de espanto e indignação. De princípio repeliram com nojo os alvissareiros. Mentira! El-rei não podia fazer tal! Pois não estava ele apalavrado com uma infanta de Castela, Leonor, filha de D. Henrique? E não o estivera, ainda há bem pouco, com outra Leonor, da nobre casa de Aragão? A um monarca formoso e ledo não faltavam filhas de reis, como á sua honra convinha: porque havia então de se envolver com mulher já casada e casada com um seu vassalo?

O bom povo miudo ri. Confia. Em seu entendimento simples e leal não pode conceber-se tal traição. A notícia, porém, continuou a engrossar, adubada já de pormenores que não mentiam; e, quando a evidência chegou ao rubro, como um látego que avergoasse as carnes, por toda a Lisboa pobre soou um espadanar de cólera sonora e ruidosa. Que mágoa nas gentes simples! Sentiam-se ludibriadas na sua boa fé. Em amorosa tentativa ainda procuraram salvar a inocência do seu rei: era a «aleivosa», a «má mulher», que o tinha enfeitiçado. Podiam assim entregá-lo nas mãos dela?

Anos mais tarde, ao recolher todos os indícios da grande «turvação» popular, Fernão Lopes, sempre realista, fornecer-nos-á elementos concretos que nos permitem reconstituir a reacção da «gente simpreza» contra o que, acertadamente, considerava um atentado aos interesses nacionais:

Os povos do reino, razoando em tais novas, cada um em seus lugares, juntavam-se em magotes, como é usança, culpando muito os privados del-rei e os grandes da terra, que lho consentiam; e pois que lho eles não diziam, como cumpria, era bem que se juntassem os povos e lho fossem dizer: e entre os que se principalmente nisto trabalharam foram os da cidade de Lisboa, onde el-rei então estava, os quais, falando nisto, foram tanto com seu feito por diante que se firmaram todos em conselho de lho dizer, elegendo logo por seu capitão, e por eles proponente, um alfaiate que chamavam Fernão Vasquez, homem bem razoado e jeitoso para o dizer.

Leonor Teles entrava na história, alumiada por uma revolta popular. Com a publica legalização do seu casamento perante os unicos que o poderiam apadrinhar — o clero e a nobreza — a rainha a quem o povo desprezivamente, alcunhará de «aleivosa» e de «comborça» (amancebada) começará a tecer as subtis intrigas que a tornaram célebre:

E por quanto ela era certa — *esclarece o arguto cronista* — que não prazia ás gentes miudas de ela ser rainha, segundo se mostrava em Lisboa e outros lugares, e ainda de alguns grandes duvidava muito, trabalhou-se de haver pela sua parte todos os maiores do reino por meio de casamentos e grandes cargos e fortalezas de lugares que lhes fez dar.

Isto, porém, não bastava: de um lado tinha que amedrontar o povo com uma feroz repressão, de forma a decepar-lhes os cabecilhas; do outro, urgia dar os postos de comando aos da sua família, como vimos em anteriores artigos uma das mais poderosas do reino.

Dona Leonor a quem este feito *(o levantamento popular)* muito pesava, receando-se de que por aso de tais ajuntamentos e falas poderia ser que el-rei a deixasse, dizem que mandou saber por esculcas quais eram os que nisto mais falavam contra ela, razoando mal de tal casamento; e insistia com el-rei que os mandasse prender e fazer em eles justiça; e foi assim de feito que em Lisboa foi preso depois Fernão Vasquez, aquele alfaiate que ouvistes, e outros; e foram decepados e tomados os seus bens, e alguns deles fugiram; e assim em alguns lugares do reino.

(Continua na página seguinte)

Questões de trânsito

(Continuação da página anterior)

blemas a resolver, as suas circunstancias difíceis, mas há umas mais negras do que outras, e nos momentos mais cruciantes, reveladores de crise, sempre se evidenciaram os jovens conscientes da situação histórica que atravessam, a par de outros apáticos e abulicos, que canalizam as suas forças para algo inutil e espectacular.

Assim, no nosso tempo, há uma acentuada tendência para o culto da velocidade, tal como para a perseguição ás senhoras que descuidadamente passam pelas ruas. A velocidade é o símbolo de certa juventude que copia os heróis da tela, cuja vida agitada, desviada de um objectivo sério e de interesse, se absorve num torvelinho louco de esquecimento da própria existência.

Aquele rosto fechado do efémero James Dean, os lábios cerrados de onde se escapavam apenas alguns monossílabos, e a sua loucura pelo acelerador do automóvel, guiado em más condições físicas, teve e continua a ter uma nefasta influência na juventude. A sua fama aumentou com a morte violenta e deste modo, os que o elegeram como ideal procuram a todo o momento imitá-lo nos choques, nos travões a chiarem assustadoramente nas curvas, nos equilíbrios feitos sobre duas rodas, na rapidez de bólide com que atravessam as ruas da cidade. Depois, há os que fazem a corte ás senhoras dentro do carro, parando aqui, ali, interrompendo o transito, provocando paragens bruscas, quando não um ou outro embate, só para dirigirem os seus galanteios atrevidos a quem passa. Essa caça persistente dentro do veículo que naturalmente procura substituir prosaicamente o ginete do cavaleiro da Idade Média, torna-se mais insistente quando aparecem estrangeiras, turistas que desejariam visitar a cidade com todo o sossego. Esse procedimento torna-se molesto, pois as visitantes queixam-se de tais atitudes que lhes impedem o deambular despreocupado pelos bairros populosos.

Verifica-se precisamente, quando outras nacionalidades visitam o nosso País, que existem dois factores de desagrado: as velocidades incríveis e a obsessão de perseguir as beldades. Numa das cenas do famoso filme «Os amantes do Tejo», quando Françoise Arnoud atravessava o Rossio e subia a Avenida da Liberdade no seu passo miudo e cadenciado, via-se os Portugueses seguirem-na apressadamente, numa corte inquietante como moscardos em carne fresca.

Portugal procura atrair o maior numero de turistas com as suas belezas, as suas estancias de repouso, os hoteis majestosos e caros; ora seria estranho se, devido a tais manifestações, a campanha de turismo se visse privada da vinda dos viajantes e, assim, anulados os seus esforços. No entanto, tal situação não é exclusivamente portuguesa, notando-se também em larga escala na Itália, e de tal maneira que o Parlamento italiano teve que debater a questão, porque o assunto estava a impressionar os turistas e a privar a Itália de entradas de divisas estrangeiras dos nórdicos, principalmente ingleses, que são excelentes condutores.

O Parlamento italiano apontou os aspectos que espantavam os turistas: a) o culto da velocidade que lança os veículos em vertiginosa corrida pelas ruas estreitas de Itália, com seu ar medieval, danificando muitas vezes frontarias de palácios ou monumentos, amorosamente conservados, com choques violentos; b) a mania dos jovens condutores de motocicletas circularem nas praças com o tubo de escape todo aberto, o que para eles representa prova de virilidade, não permitindo com tal ruído que os turistas estrangeiros durmam; c) outro ainda, que é também costumeira nacional, o meterem-se descaradamente na rua com as senhoras. Por muito que possa ferir as veleidades amatórias dos Tenórios, as estrangeiras maçam-se com isso, e o Parlamento chegou ao ponto de citar estatísticas de diminuição de mulheres que visitam a Itália. Assim, o Parlamento italiano teve de se dirigir aos varões do seu país, rogando-lhes, a favor do bem pátrio e das divisas estrangeiras, que se abstivessem de importunar as nórdicas beldades supostamente insatisfeitas. O barulho ensurdecedor que constantemente enche as ruas veio desiludir gravemente os turistas ingleses, fiéis á tradição dos seus poetas e escritores que partiam para Itália em busca do sol doce e da suave calma que se desprendia dos recantos históricos das velhas cidades, e agora grande parte deles prefere renunciar a tal visita e espalhar-se pelos condados do seu país a gozar a frescura dos extensos relvados, junto de algum rio murmurante. Uma tal situação «mutatis mutandis», aplica-se tanto em Itália como cá e antes que o assunto suba ao severo conclave da Assembleia Nacional, seria melhor que os Portugueses no início de uma nova era de turismo reflictam nestas considerações, pois na Assembleia há questões mais ponderosas que merecem a atenção dos nossos deputados.

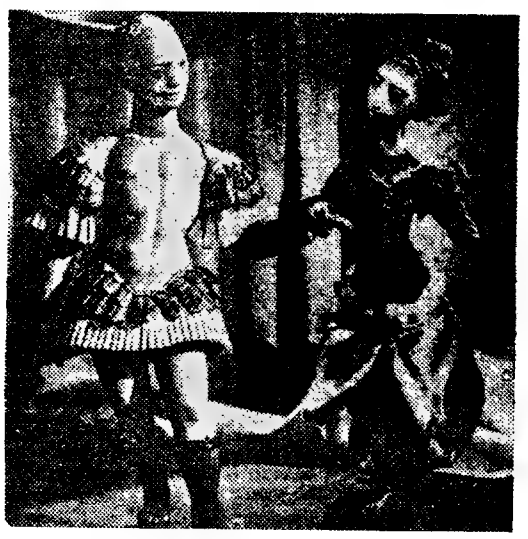
DULCE REBELO

HISTORIAS DE FANTOCHES

por MARIE ROSE

Diz-se que os «marionettes» nasceram precisamente no dia em que o homem viu pela primeira vez a sua sombra projectada numa parede rochosa. Será talvez uma forma poética de evocar a sua origem, mas está longe de satisfazer o mais curioso e prosaico dos leitores. Vamos, portanto, tentar saber mais alguma coisa do eugénico teatro de fantoches, que há milhares de anos vem divertindo pequenos e grandes.

A sua origem perde-se no tempo mas desde o velho Egipto que se podem assinalar máscaras e bonecas articuladas que são verdadeiras marionettes. Herodoto conta ter visto numa festa religiosa mulheres egípcias conduzindo bonecos articulados movidos a fios. Da Grécia nos vieram igualmente notícias de verdadeiras estátuas articuladas e em Atenas davam-se já representações de marionettes sabendo-se que um dos seus mais célebres animadores era Pothein. Xenofonte e outros falam-nos também dos marionettes gregos, alguns deles em barro cozido, braços e pernas móveis e a cabeça sustentada por uma varão de metal.



Deixaram-nos os Romanos o nome de um dos seus mais notórios personagens, um tal Macus. Era corcunda, barrigudo, com o nariz e o queixo adunco, e foi ele, verdadeiramente o pai de todos os Pogaram de levar o seu Macus a toda a parte onde chegaram as suas legiões, e assim se expandiu o teatro de fantoches.

■

O nome de «marionette» parece derivar directamente do nome de Maria, dado ás bonecas que na representação dos mistérios figuravam como anjos. Chamavam-lhe também «pequenas marias» o que vem a dar no mesmo. Da Itália nos veio também uma velha história onde os marionettes representavam o seu papel.

«Como consequência do rapto de doze jovens venezianas pelos «bárbaros» a grande Republica decidiu, para lhe perpectuar a memória, organizar uma cerimónia que tomou o nome de «Festa de Maria». Todos os anos o Doge designava doze belas raparigas que durante oito dias eram as rainhas das festas. Depois, casava-as, pagando todas as despesas, o que lhe custava bom dinheiro. Para fugir a essa despesa sem trair á tradição, em 1349 as marias foram substituidas por bonecas de madeira chamadas «Marie di Segno».

Também nas igrejas chegaram a existir cristos articulados e madonas com braços, cabeças e olhos móveis. Foi só em 1647, depois de uma visita de Luís XIV, que a rainha-mãe escandalizada com a representação dos «Mitouries de Diepje» mandou proibi-las. Expulsas embora da igreja as «marionettes» participam cada vez mais na vida profana.

Já na Renascença, vemos que os actores de madeira eram conhecidos pelos nomes de Tabary, Gehan des Vignes, Franc á Trip, etc. Mas a época era verdadeiramente italiana e por isso vemos surgir Arlequim, Pantalon e Polichinelo. Na França a palavra «marionette» designava todos os actores de madeira, mas em Itália não; haviam muitas: fantocinni (o nosso fantoche?), pupaa, burattini, etc. Em Inglaterra apenas dois nomes: puppets e maumets. Schakespeare aludiu muitas vezes aos puppets, que conhecia muito bem.

Na Alemanha diz-se que o primeiro texto do doutor Fausto foi escrito para marionettes. Na Holanda, Polónia e toda a Europa Central os marionettes são tão populares que pouco deles se fala nos livros. São esquecidos como as coisas muito habituais e de pouco interesse citar. Nas mãos dos governantes os comediantes de madeira foram admiráveis agentes de propaganda e nas mãos do povo eram o porta-estandarte das reivindicações populares.

■

Mesmo expulsos dos altares, os marionettes em França continuaram a representar peças religiosas.

Um cartaz datado de 4 de Abril de 1740 era assim concebido:

«Senhores e Senhoras, a Paixão do Nosso Senhor Jesus Cristo em figuras móveis de cera, como ao natural, representar-se-á desde o Domingo da Paixão até ao dia de Quasimodo, inclusivé».

«Este espectáculo é digno da admiração do publico, tanto pela dignidade do assunto como pelo cuidado das decorações».

A tradição ainda se mantém hoje nalgumas aldeias quando pelo Natal se representa com imóveis o acto da Natividade, ultimo e decadente vestígio da época passada.

RETRATOS REALISTAS

(Continuação da página anterior)

Mal tendo aquecido o trono, montava a sua polícia política; e não tardou que recebesse a prenda de casamento: as cabeças dos chefes populares. Agora o mais urgente era «instalar» os seus, o que sem demora pôs em obra:

Porque dois irmãos seus, a saber: a Dom João Afonso Tello, asou como fosse almirante; e Gonçalo Telles fez Conde de Neiva e de Faria, que é entre Douro e Minho; dos dois filhos do Conde Dom João Afonso, seu tio, um fez fazer Conde de Viana, que chamavam Dom João; e o outro, a que diziam Dom Afonso, foi Conde de Barcelos. E fez fazer Conde de Seia a Dom Henrique Manuel, seu cunhado; e fez como fosse Conde de Arraiolos Dom Álvaro Pires de Castro; e fez dar o mestrado de Santiago a Dom Fernandafonso de Albuquerque, que era irmão das mulheres de seus irmãos; e fez dar o mestrado de Cristo a um seu sobrinho, filho de sua irmã Dona Maria, que chamavam Dom Lopo Dias; e fez pôr todos os castelos e melhores fortalezas do reino nos que eram de sua linhagem. E porque Lisboa é o principal lugar do reino e, quem a tiver por sua entende que tem todo o reino, fez ela depois dar o castelo dessa cidade ao Conde Dom João Afonso Tello, seu irmão.

Desta forma, e patrocinando o casamento dos parentes ou de vassalos da família com membros das linhagens mais distintas do País — Leonor Teles realiza o seu magistral golpe de estado, mesmo nas barbas do real esposo. D. Fernando será, até ao fim da vida, o fácil joguete desta camarilha; a política da nação será a política da grande e pequena nobreza ligada com os Teles. Fernão Lopes não o diz, mas deixa implicita a conclusão: dos dois, Fernando e Leonor, é a esta que de direito cabe o título de grande político. Para tal, possuia todas as virtudes e manhas; em virtudes, abundava-lhe a inteligência, o sentido da oportunidade, e das decisões fulminantes, a sabedoria de esperar sem impaciências e uma inabalável pertinácia que só depunha armas depois de realizado o que trazia em mente; de manhas, não lhe mingoava nenhuma: desde a riquíssima escala de tonalidades de voz — ora mansa e doce, ou graciosa, ora impassível, ora insolente e imprudente, ora autoritária e soberana — até á complexa ciência de tecer e destecer intrigas e á descabelada falta de escrupulos, perante a qual todos os meios eram bons para atingir um fim. E sobre isto tudo, uma presença física contra a qual não havia argumentos masculinos. Eis como o velho cronista lhe esboça, a largos traços, o estupendo retrato:

Se os antigos, que louvaram as nobres mulheres, vivessem no tempo da rainha dona Leonor, muito errariam em seu escrever se a não pusessem no conto das mui famosas. Porque se o dom da formosura, de todos muito prezado, fez a algumas ganhar perpetual nome, deste dom houve ela tão grande parte, acompanhado de prazível graça, que aquela que o mais desejar pudesse seria assaz contente do que a natureza a ela proveu; e além disto, sajeza de costumes e grande avisamento; e de nenhuma coisa que a prudente mulher pertence, era ignorante.

Foi mulher muito inteira e de coração cavaleiroso *(propenso a grandes feitos)*, buscador de maravilhosas artes *(hoje diríamos manhas)* para firmeza do seu estado *(isto é, para garantir a sua posição)*.

E não escapou a Fernão Lopes este saboroso e significativo pormenor, em que Leonor Teles, como boa mestra fez escola:

Desde que ela reinou, aprenderam as mulheres a ter novos jeitos com seus maridos e as mostranças de uma coisa por outra *(eufemismo com que o cronista denunciava a «ciência da infidelidade»)* mais perfeitamente do que se acha nos anciãos tempos, e mais do que outra Rainha de Portugal.

E vêm em seguida as suas excepcionais qualidades de comediante:

Ela havia certos fundamentos para quem tinha má vontade, mas nunca os dava a conhecer; e onde entendia fazer grande dano usava mortais armadilhas com mostrança de todo o contrário. Assim, embora ela tivesse ao mestre *(de Avis, futuro D. João I)* um tão mortal ódio por causa da

(Continua na 10.ª página)

A SEMANA SANTA

Napoleão em Longwood, segundo um croquis feito em 5 de Julho de 1820

As informações militares são ás vezes transmitidas de forma estranha e com uma rapidez natural que é difícil de explicar. Fora na noite de segunda para terça-feira que o Imperador, apenas chegado ás Tuileries, tinha dicidido confiar a Exelmans a 1.ª divisão do 2.º corpo, e a ordem para esta divisão perseguir a Casa Real não pudera ser dada antes da revista do Carrousel, que acabara cerca do meio-dia e meia. Pois bem, isso não impede que ás quatro horas da tarde a notícia chegasse a dezassete léguas dali, a Beauvais, e por quem? Pelos voluntários da Escola de Direito que, esgotados, marchando desde a antevéspera, se apresentavam no posto constituido por guardas de corpo de Grammont com a roseta verde, e por guardas turcos. Dali tinham-na levado ao conde de Reiset, três ou quatro, um deles magro, alto, que falava como um moinho... Valentes rapazes! Pediu-lhes os noes e ouviu-os com aquele ar de codescendência que ás vezes tomava de boa vontade: os rapazes anunciavam os cavaleiros de Exelmans, estavam ao corrente do que aqueles próprios cavaleiros não sabiam, no momento em que os caçadores de Simonneau estavam quando muito em Chantilly, e os do coronel de Faudoas não tinham chegado a Beaumont. Tratar-se-ia de uma informação transmitida por qualquer postilhão ou passageiros do correio, ou de simples imaginação nascida do medo daqueles rapazes assustados, que já não se aguentavam de pé, e que proviesse do carácter legendário que já envolvia Exelmans, inspector de toda a cavalaria, depois da recente história a seu respeito com que Paris inteira se tinha agitado? E' difícil acreditar que assim fosse, pois eram de facto os cavaleiros de Exelmans que perseguiam a Casa Real. No entanto, não era inverosímil. Naquele falso exército em fuga, e não só entre os estudantes mascarados da Escola de Direito, ouviam-se nomes que despertavam a imaginação, o marechal Ney, Labédoyère, Lefebvre-Desnouettes, Exelmans, em que se encarnava a rebelião. Quando, na véspera á noite, os mosqueteiros que Théodore tinha encontrado tentavam imaginar o perigo, eles pensavam em primeiro lugar na proximidade das tropas de Lefebvre-Desnouettes, mas um deles tinha dito com toda a naturalidade o nome de Exelmans, não como uma certeza, mas como uma possibilidade. Como o *complot* de que ninguém duvidava. Todos os partidários do rei se teriam deixado cortar em pedaços, na certeza de que o regresso da ilha de Elba tinha sido maquinado de ponta a ponta em Paris, no salão da rainha Hortense, e indicavam-se os conspiradores, mas não hoje, já há meses. E salvo Ney, que tinha sido uma terrível surpresa, não eram eles quem se encontrava á frente dos insurrectos, ou logo a seguir ao lado do Imperador, a rainha Hortense na janela das Tuileries, Charles de Flahaut a cavalo em frente da porta, Fouché na antecamara? Na realidade, todos ou quase todos tinham sido surpreendidos pelo desembarque de Antibes e não poucos dentre eles desejavam não o regresso de Napoleão, mas uma liberalização do regime, ou o trono para os Orléans, e estavam a léguas de esperar uma aventura, que no primeiro momento os tinha aterrorizado, pois não acreditavam no seu êxito, e em primeiro lugar por si próprios, vítimas designadas da repressão. Em poucos dias tudo tinha mudado, e alguns mesmo vangloriavam-se de terem maquinado a subversão. Acreditá-los-ia o Imperador? Pelo menos pareceu que sim.

*

Mas em Beauvais o que ficava de tudo isto era que a cavalaria imperial, de todos os lados, estava lançada em perseguição da Casa Real e que Exelmans em pessoa ia chegar de um momento para o outro ás portas da cidade, e que seria preciso enfrentá-lo, nas piores condições, com esta confusão, com aqueles soldados que não o eram, a maior parte das unidades dispersas, homens cansados, rapazes e velhos que tinham voltado para o serviço, os príncipes apanhados numa ratoeira, e o rei para o Diabo, abandonado! O panico, num instante, tinha-se apossado da população civil: o quê, ia haver combate em Beauvais? E não era para brincadeiras: esta cavalaria de Exelmans era de soldados rudes, os que tinham dormido e sangrado em todos os campos de batalha da Europa, os veteranos da Revolução e os sobreviventes de Beresina, os de meio soldo que odiavam a Casa Real, furiosamente decididos a saldar de uma vez para sempre as contas com os que os tinham rechaçado do Exército, ia ser um morticínio, com a cidade por campo de batalha... já as melhores famílias se amontoavam nas carruagens, e nas ruas, os que o Sr. de Massa chamava-os «elementos incontroláveis» tornavam-se provocantes, mulheres choravam, havia um vaivém incompreensível de patrulhas, as várias companhias sem ligação entre si tomavam iniciativas... Toda a gente esperava a catástrofe?

Quem tinha trazido a notícia ao conde de Artois? Não tinha chegado primeiro a *Monsieur?* Não interessa. O certo é que ninguém duvidava da chegada iminente de Exelmans ás portas da cidade. Que ninguém verificou fosse o que fosse, nem a origem do boato, nem o seu fundamento. Os príncipes tomaram-no por uma informação militar e decidiram de acordo com ele. As ordens partiam em todas as direcções, os mosqueteiros, mais móveis do que as outras companhias, foram enviados como batedores, á frente do grosso da Casa, pela estrada de Calais, e os guardas de corpo de Gramont, comandados por Tony de Reiset, foram encarregados da retaguarda, enquadrando os homens a pé, tudo o que se podia arrebanhar de retardatários, os carros carregados á pressa de material, de homens fatigados, de feridos e de doentes, umas trinta carroças arranjadas desde manhã levavam os voluntários, e a bandeira branca das damas reféns pela qual corriam bem o risco de morrer sentados. Ainda por cima os proprietários das ditas carroças eram os próprios a conduzi-las e tinha sido preciso prometer-lhes o pagamento do aluguer em cada etapa, sem o que, arre burro! Voltariam para casa. Ah, a sublime dedicação dos Franceses á Coroa não se encontrava a cada passo!

No meio daquilo tudo, teria Sua Alteza o Conde d'Artois esquecido o guarda de corpo enviado naquela mesma manhã a Amiens para saber se daquele lado, o caminho era seguro? Era a pergunta que o duque de Richelieu fazia ao coronel Fabvier, saindo de junto do marechal Marmont, que encontrou no pátio da prefeitura. Este olhou para Richelieu e não pôde deixar de lhe perguntar que uniforme é que usava, o que teria, noutra ocasião, atingido as raias da insolência. Emmanuel de Richelieu não levou o caso para esse lado e respondeu que era a casaca de general do exército russo, e que as suas roupas estavam de tal forma molhadas que tinha tido que as mudar. Na verdade, pensaria ele já sair de França, ou julgava que as tropas de Alexandre acantonadas na Bélgica iam passar a fronteira? Isso não perguntou Fabvier.

«Mas não me respondeu, coronel...», observou Richelieu.

Tudo o que o ajudante de campo de Marmont sabia era que *Monsieur* decidira não esperar pelo batedor enviado a Amiens. De resto, tinham alguma vez pensado sériamente em esperá-lo? Se os homens de Exelmans chegassem a Beauvais, ele só teria que fugir pelos atalhos para apanhar a Casa em Poix ou Grandvilliers. E não se ia pôr em jogo a segurança das tropas e a dos príncipes, para esperar um guarda de corpo, não é? Saber se tinha havido razão para o mandarem a Amiens, era de manhã que deviam ter pensado nisso. Como Poix ou Grandvilliers? De Beauvais a Grandvilliers, quanto era? Um pouco mais de sete léguas, e onze a Poix. Ora, não é com isso que se mata a distancia! Sem duvida, mas havia por onde escolher? Era preciso dormir em qualquer parte, e a tropa estava incapaz de um grande esforço. Só havia para desejar que Exelmans não se apressasse muito, e pronto. Além disso, o alojamento dos príncipes, estava previsto para Grandvilliers, porque Poix não tinha instalações convenientes, e ali eles ficariam com a retaguarda, os cavaleiros sem cavalo e os homens mais fatigados, com a companhia do Sr. de Damas e a de Grammont, a artilharia de Mortmart, ao passo que as tropas mais rapidas passariam a noite em Poix para estabelecer desde manhã a ligação com Sua Majestade de quem se continuava sem notícias. Aliás, mesmo antes da chegada dos voluntários, na impaciencia que desde manha mostrava, *Monsieur* tinha desde as tres horas e meia enviado á frente uns cinquenta mosqueteiros. Eram eles que tinham passado pelo carro de Bernard e do Sr. Joubert.

Tinha, de resto, bastado uma hora para tomar decisões, dar ordens e preparar a partida do grupo da frente em que estava o grosso dos mosqueteiros cinzentos. Théodore tinha visto as horas em Saint-Pierre, eram cinco certas. Onze léguas para fazer, trotando bem, chegar-se-ia a Poix entre as oito e as nove. As ordens de marcha para o grosso da tropa que acompanhava os príncipes eram para seis horas, e tinham menos de quatro léguas a percorrer, mas com gente a pé a quem isso levaria bem umas seis horas, o movimento só estaria terminado pela meia-noite. Já os doentes eram postos nos carros, e Théodore viu os estudantes de Direito que esperavam a sua vez. Eram rapazes muito exaltados, que se via que estavam pouco habituados aos uniformes, que não eram feitos para eles, e, ao passar na sua frente, Géricault sentiu-se ao mesmo tempo cheio de piedade e de irritação. Havia entre estes rapazes de todos os tamanhos, aquela espécie de magreza da adolescência prolongada que faz com que no Quartier Latin a gente fique sempre pouco á vontade de os ver com raparigas, como se ainda não tivessem idade para isso. O desalinho dos cabelos, a forma de trazer as armas, uma indisciplina que era mais ignorancia do que outra coisa, tudo dava á sua presença o aspecto de uma criancice trágica. Davam-se ares de troça, depois surpreendia-se o seu olhar, os seus olhos interrogativos. Finalmente, não eram mais crianças do que o pequeno Montcorps que Géricault via a cavalo na sua frente, o mosquete ao lado, e que tinha a mesma magreza, o mesmo ar de jovem deus extraviado. Mas, embora pouco mais ou menos da mesma idade da maior parte dos Voluntários, mais largo de ombros. Era isso principalmente que surpreendia Théodore: altos ou baixos, diferentes, todo aquele amontoado de estudantes que não se tinha barbeado, e a barba num era uma penugem loira, noutro uma espécie de maquilhagem negra, nenhuma seriedade, toda aquela misturangada de rapazes vindos de toda a França tinha os ombros caídos, e contrastava por isso com a maior parte dos cavaleiros que a rodeavam, desenvolvidos pela equitação, a caça, a guerra, como se fossem de um povo diferente. Os homens da Casa Real, diferentes em muitos aspectos, tinham no conjunto uma certa unidade de altura e de compleição. E o aspecto deslocado dos recém-vindos no meio deles, agrupados e dispersos ao mesmo tempo, falando febrilmente áqueles militares como a pessoas mais velhas, sentados nas sacolas vazias, cuja correia os tinha mortificado, mostrando uns pelo seu desarranjo toda a fadiga dos ultimos dois dias, sujos, amarrotados, alguns dormindo no ombro de um vizinho, ou outros não podendo estar parados, o aspecto da mercadoria humana acumulada por negociantes pouco exigentes, tudo isto dava a Théodore a sensação de uma espécie de parvoíce e de injustiça: seria preciso então que aqueles patetas fossem arrastados numa aventura, que não era, não podia ser, a sua, liquidação de contas em que se julgavam absurdamente cavaleiros da honra e da fidelidade, quando estavam apenas em presença os filhos de família e os oficiais saídos das fileiras, os beneficiários do Império e os da Monarquia. Veio-lhe á ideia que outras pessoas poderiam censurar-lhe ter-se metido numa luta que não era a sua. A esta lembrança, encolheu os ombros. Já não era um garoto. O que fazia era sem ilusões, não defendia uma bandeira branca oferecida por damas reféns, seguia o seu destino sem lhe dar ares de cruzada, sabia-se por simples acaso alistado num grupo contra outro grupo. A sua honra não estava nas flores-de-lis, num trapo branco franjado de ouro, mas simplesmente na vergonha de mudar de campo.

Os mosqueteiros formavam coluna. O capitão-tenente de Lauriston, vindo da frente, passou, espada desembainhada, e seguido de alguns oficiais. O dia, amortecendo sob o céu cinzento, inflamou-se lá em baixo, a Oeste, para os lados de Rouen, com grandes faixas alaranjadas, e á saída da cidade viu-se voltear, por cima das árvores ainda nuas, um bando de corvos que pareciam vigiar os cavaleiros em marcha, como uma refeição que se prepara. Depois houve uma grande rajada de vento, e a chuva.

*

Estes episódios são extraídos do extraordinário romance de Luís Aragon «A Semana Santa», numa verdadeira obra-prima, pela força, o ímpeto, a vitalidade, a dimensão superior», como o classificou Emile Henriot. Neste livro superior que Publicações Europa-América acaba de lançar no mercado num louvável esforço editorial, o grande escritor francês conta-nos o que se passou em França na Semana Santa de 19 a 22 de Março de 1815, quando Napoleão regressara da ilha de Elba e Luís VII foge lançando o país numa confusão indescritível.

Entre La Mure e Vizille um batalhão do 5.º de linha quer deter Napoleão. O Imperador adianta-se para os soldados e logo se ergue um grande grito: Viva o Imperador

Batalha de Waterloo, em 18 de Janeiro de 1815

Folhetim do Diário de Lisboa

DUAS VEZES VINGA

por WILLIAM VANCE

ULTIMO CAPITULO

RESUMO DOS CAPITULOS ANTERIORES — Dune Clayton foi morto por Hobe Batson, e Dan Clayton jurou vingar-se. Perseguiu Hobe pelas montanhas sem êxito. Hobe assaltou um Banco e a perseguição continuou. Dan casou com a viuva Evalina que passou a viver só no rancho, enquanto Dan continua a perseguição.

DE VOLTA [illegible]

A intimação de Evalina fez parar Dan, momentaneamente. Voltou para ela e olhou-a uma vez e outra desde o brilho dos seus olhos até os cabelos de oiro. Sentiu-lhe as pulsações no peito. Estendeu o braço e chamou-a a si, premente. Ela tinha os lábios insensíveis, mas pouco a pouco amaciavam e depois estendeu os braços sobre os ombros dele e também ela o apertou a si.

Ambos ficaram surpreendidos. Dan depois: — Esperas aqui!

Esperando á meia-luz de Rock Corral, era como se a vida tivesse parado desde a proeza de Batson. Entrou no interior dos rochedos. Deixara o cavalo a distancia e avançara. Não fumava. Assentou-se, insensível, como o frio da noite, esperando.

Os «fora da lei» ergueram-se ao romper do dia. Hobe Batson saiu da cabana e acendeu a fogueira atirando cepos para as chamas. Ao levantar-se o Sol, ainda ele se aquecia.

Enquanto Dan velava, Hobe pegou numas pedras e começou a jogá-las ás figuras esbranquiçadas, envoltas nos cobertores que se viam do outro lado do fogo. Depois essas figuras desembrulharam-se e apareceram á luz do sol. Quando os três se encontravam em volta da fogueira, Dan preparaou a sua 0.45 e disparou. O ar sereno, o som do tiro ecoou e os quatro arrebitaram as orelhas.

— Não se mexam! — gritou Dan.

Eles olharam com cautela, mas atentamente em todas as direcções.

— Batson! caminha para trás até eu dizer o contrário! — gritou Dan. E Hobe Batson começou a andar para trás até Dan ordenar que parasse.

Dan apareceu então. Tirou a espingarda de Batson e depois com um empurrão atirou-o a terra. Ordenou em seguida aos outros para se afastarem. Tinha as armas deles no chão.

Saiu então e perguntou-lhe: — Onde é que escolheste estes camaradas, Hobe?

Batson não respondeu. Os outros olharam Dan, olhos nos olhos. De arma aperrada sobre eles, Dan olhou o fogo e afastou as roupas. Apontou a arma a um deles e depois: — Pegue nessa corda e ate os outros!

O homem obedeceu e quando Batson e os outros dois ficaram atados, Dan lançou-se sobre o homem que fizera o serviço: — Onde é que está o dinheiro que tiraste do Banco?

O homem, magro e moreno, respondeu pura e simplesmente: — Procure e encontre-o!

— E' isso que eu faço!

Dan foi andando, um olho nos homens, outro na espingarda. Lentamente ergueu a arma e depois atirou a outra com um pontapé para os pés do homem.

Olharam-se mutuamente. O homem atirou-se á arma e depois os dois envolveram-se. Um tiro soou que bateu na rocha por detrás de Dan.

Dan carregou de novo a arma e sacou também da faca e foi até um homem curvado, de cabelo cinzento, cortando-lhe parte da corda.

— Sabes onde está o dinheiro?

— Sei.

— Vais dizê-lo.

— Não digo.

— Leste a tua condenação, disse Clayton. Recuou até os rochedos e ergueu a arma, mas o homem de cabelo cinzento já estava sobre ele antes de ele poder agir. Qualquer coisa batia contra a cabeça de Dan. O homem esmurrava-o, enquanto as botas de Dan escorregavam e ele caia vendo as estrelas.

Clayton acordou com a água fria no rosto. Hobe Batson escarranchara-se sobre ele e deixava cair dezenas de moedas sobre a cabeça. Dan enrolou-se e atirou-se contra a perna de Batson, mas este resistiu e gritou:

— Sandy, traz cá o saco!

O homem de cabelo cinzento apareceu ajoujado ao peso de um saco. Batson pegou nele e gritou para Clayton: — Ora aqui tens o dinheiro, Clayton! Ainda o queres?

E despejou o saco todo sobre ele. Dan fugiu com a cabeça á enxurrada de metal e ficou com a cabeça contra a terra. Depois percebeu que Batson metia cuidadosamente moeda a moeda, no saco. Dan lutou de novo e atirou as mãos aos joelhos de Batson e este foi a terra.

Houve gritos e tiros. Dan forçava por lançar as mãos ao pescoço de Batson, mas sentiu mãos fortes em seus ombros, tentando separá-los. Depois ouviu:

— Aguento, patrão! Era Sig Fremaine que retirava Clayton de Batson e atirava este novamente a terra. E depois: — Alma do diabo que te esgano!

Clayton estava para ali, com a respiração ofegante.

Em One Steps, depois de o dinheiro ter sido restituido ao Banco e Hobe Batson entregue, com os seus homens, a Cam Johnson, Clayton foi a casa dos Madden.

Emil apareceu e disse: — Dan, eu não quero que tomes isto contra ti, mas eu não podia negar. Evalina pediu-me de novo a casa; e eu evidentemente que lha cedi.

— Está bem, Emil.

Ao sair, ficou indeciso, por momentos. Ouviu a voz de Evalina que o fixava com estranho brilho nos seus olhos.

— Então, deixaste-me?

Ela não respondeu; e ele: — Mulher rica, como todo esse petróleo, já não precisarás nada de mim!

A voz dela foi branda: — Dan! não há nada petróleo. O que ele tentava era fazer especulação.

Dan ergueu a cabeça, procurando conter-se.

— Porque é que não regressaste ao rancho?

Ela respondeu então: — Dan, eu gostaria de regressar ao rancho. Tenho as coisas no hotel.

— Eu as irei buscar.

Quando Evalina atravessou para o hotel, McDermith dirigiu-se-lhe, sorrindo:

— Está pronta a assinar o contrato, «miss» Evalina?

Ela olhou-o e respondeu: — Lamento muito, mac decidi não vender Stinking Springs

McDermith: — Mas...

E ela: — Uma mulher pode mudar de pensamento.

— Mas... esse petróleo e todo o dinheiro que pode receber...

E ela então: — Desculpe-me, mas, meu marido espera-me...

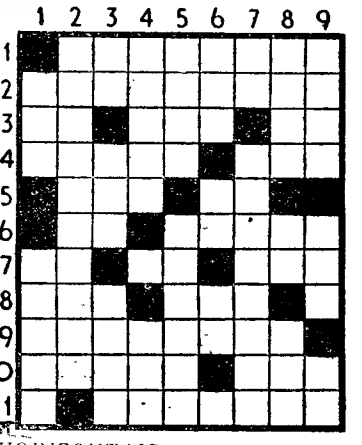
Foi buscar a maleta e dirigiu-se para Dan que a esperava e lhe sorria.

FIM

Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 1993



HORIZONTAIS: 1 — Vendedores ambulantes de fazendas, no Brasil. 2 — Sem liberdade de movimentos. 3 — Aspecto. Planeta satélite da Terra. Preposição. 4 — Faustuosos. Espaço de tempo. 5 — Laços. Simbolo químico do chumbo. 6 — Existe. Prendera. 7 — Crença. Em porções iguais (abrev. quím.). Objectivo. 8 — Graceje. Alúmen. 9 — Desbrava terreno para cultivar. 10 — Filtrara. Viscera. 11 — Estirada.

VERTICAIS: 1 — Oceano. Débil. 2 — Marujo. 3 — Prefixo de privação. Rio afluente do Douro. Cidade da Roménia, junto ao rio Maros. 4 — Construções para conservação de cereais. Roze. 5 — Interjeição de surpresa ou dor. Regulai. 6 — Amarra. Base. A mim. 7 — Alto aí! Lugar onde há água estagnada. 8 — Paraíso terreal. Escarnece. Claridade (inv.). 9 — Adiciono. Patrão. Estragada.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 1992

HORIZONTAIS: 1 — Entrapei. 2 — São. Man. 3 — Só. Turfas. 4 — A. Que. Eis. 5 — Guiseira. 6 — Are. Tez. 7 — VERDADE. 8 — Ti. Alasca. 9 — Saudar. Id. 10 — Adiada. Má. 11 — Ró. Sósias.

VERTICAIS: 1 — Essa. Avisar. 2 — NÃO. Gretado. 3 — Tó. QUER. Ui. 4 — Tui. Dadas. 5 — Amues. Alado. 6 — Par. Darás. 7 — ENFEITES. 8 — Aire. Cima. 9 — Assazonadas.

Provérbio: A VERDADE NÃO QUER ENFEITES.

FEIRAS E FESTAS A REALIZAR NO MÊS DE JUNHO

Para as estações que servem as localidades onde se realizam, no decorrer do mês de Junho, as feiras e festas que a seguir se indicam, a C. P. vende, em algumas das suas estações, bilhetes a preços reduzidos.

EVORA — Feira de São João e São Pedro, nos dias 24 de Junho a 3 de Julho.

MONTIJO — Festas de São Pedro, nos dias 25 a 30.

TORRES VEDRAS — Feira de São Pedro, no dia 29.

Os cartazes anunciadores destes serviços especiais podem ser consultados nas estações.

CAFÉ CORUJA

Restaurante típico
Coruche — Telefone 114
Pratos regionais
Caldeirada á Sorraia
Ensopado de Enguias
Lampreia com arroz á moda da casa
Filetes a Marisqueira
Lombo de Porco no Espeto
Frango de Caril á Coruja
Bifes de Vaca na Caçoila
Cabrito á Moda da Casa
Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região
(6 anos)

Blusas de algodão Francesas

Novos modelos

TORRE EIFFEL

104 — Rua do Carmo — 106

TERRENOS

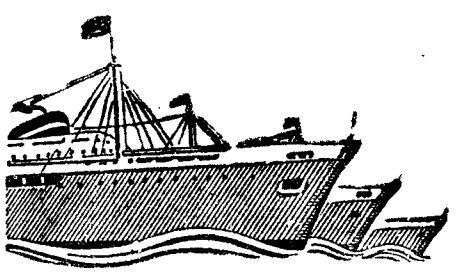
Vende lotes de terreno em Famões, a dois quilómetros de Odivelas e Pontinha, servido por bastantes carreiras diárias de camionetas.

Lotes de 500 a 5.000 metros quadrados.

Cada lote de 500 metros 12.000$00.

A PREDIAL ESTRELA DA BEIRA, LDA.

Rua dos Fanqueiros, 105-2.º
LISBOA Telef. 35070



Flota Argentina de Navegacion de Ultramar

F. A. N. U. — LINHAS DODERO

BUENOS AIRES

SERVIÇO REGULAR PARA O MEDITERRÂNEO E AMÉRICA DO SUL

PRÓXIMAS SAIDAS

«SALTA» «CORRIENTES» «SALTA»	29 Junho 30 Julho 24 Agosto	Funchal-Rio-Santos Montevideo e Buenos Aires
«CORRIENTES» «SALTA» «CORRIENTES»	14 Julho (1) 10 Agosto (2) 9 Setembro (2)	Vigo-Barcelona Nápoles e Génova

(1) Escala Vigo e não Barcelona.
(2) Escala Barcelona e não Vigo.

Para passagens e carga dirigir-se aos: Agentes Gerais
SOCIEDADE COMERCIAL, OREY, ANTUNES & CIA. LIMITADA
Praça Duque da Terceira, 4 — Telf. 22271 — LISBOA — Telgm. Ant unita
Sub-Agentes no Norte
SOCIEDADE COMERCIAL, OREY & BARROS LEITE LTDA.
Rua Nova da Alfandega, n.º 80 — Telf. 20775 — PORTO — Telgm Dorey

GIACOMO COSTA fu ANDREA

GENOVA

Para: RIO - SANTOS - MONTEVIDEO - BUENOS AIRES
T/N «FEDERICO C»
em
26 Junho
31 Julho

linea C

Para: BARCELONA - CANNES e GENOVA
T/N «FEDERICO C»
em
22 Julho

OS AGENTES GERAIS
SOCIEDADE COMERCIAL, OREY, ANTUNES & CIA. LTDA.
Praça Duque da Terceira, 4
LISBOA
Telef. 22272 Teleg. ANTUNITA

Diario de Lisboa

De uma semana para a outra

REVISTA HEBDOMADARIA DE FIGURAS E FACTOS

DIA 18

EM PORTUGAL — Os 40 delegados á reunião da Comissão Mista da Camara do Comércio Internacional e da União das Feiras Industriais visitaram a I Feira Internacional de Lisboa. ✻ Prosseguiu o julgamento em Santa Clara, com o interrogatório das testemunhas. ✻ Doze bibliotecas foram oferecidas pelo Município a onze entidades de Lisboa e ao Sporting de Luanda. ✻ Agitadores do Tanganica perturbaram a ordem num distrito de Moçambique.

NO ESTRANGEIRO — Eisenhower reafirmou na Formosa o apoio dos Estados Unidos á China insular, flagelada por milhares de tiros de canhão. ✻ O chefe do Abaka foi encarregado de formar Governo no Congo, por malogro dos esforços de Lumumba.

DIA 19

EM PORTUGAL — Cinco escolas primárias foram inauguradas pelo subsecretário da Educação Nacional na Figueira da Foz ✻ Efectuou-se a reunião anual dos telegrafistas combatentes da Grande Guerra de 1914-18.

NO ESTRANGEIRO — Eisenhower discursou em Seul, ultimo ponto de escala da sua viagem presidencial ao Extremo Oriente ✻ Kasavubu formou o primeiro governo do Congo, apoiado pelos chefes dos principais partidos políticos.

DIA 20

EM PORTUGAL — 17 500 estudantes começaram em todo o País as provas escritas do 1.º ciclo liceal. ✻ Em Vila Real, o ministro das Corporações presidiu á assinatura do acordo para construção de casas económicas e assinou o alvará que aprova os estatutos da Federação das Casas do Povo daquele distrito.

NO ESTRANGEIRO — No Parador Nacional de Mérida encontraram-se o Presidente do Conselho Português, prof. Oliveira Salazar, e o chefe do Estado Espanhol, general Francisco Franco. E' o sexto encontro entre estes dois homens políticos. ✻ Na Assembleia Nacional de Seul Eisenhower assegurou o inteiro apoio americano á Coreia do Sul. ✻ Os rebeldes argelinos aceitaram o convite do presidente de Gaulle para negociar um armistício. ✻ Violentos terramotos flagelaram de novo o Chile.

DIA 21

EM PORTUGAL — O Chefe do Estado presidiu a uma sessão solene, comemorando o 112.º aniversário da fundação da «Revista Militar». ✻ O subsecretário das Obras Publicas chegou dos Estados Unidos, onde estudou o sistema de portagem que vigorará na ponte sobre o Tejo. ✻ Um grande incêndio causou prejuizos superiores a mil contos numa floresta, perto de Oleiros.

NO ESTRANGEIRO — Prosseguiu, em Mérida, o encontro Franco-Salazar. ✻ A sorte do Congo Belga continua dependente do desfecho do duelo político Kasavubu-Lumumba. ✻ O pugilista americano Floyd Patterson reconquistou, pela primeira vez no Mundo, o título de campeão dos pesados

DIA 22

EM PORTUGAL — De regresso de Mérida, onde se encontrou com o generalíssimo Franco, chegou a Lisboa o Chefe do Governo, prof. Oliveira Salazar. ✻ A I Feira Internacional de Lisboa foi visitada pelo secretário e pelo subsecretário do Comércio.
✻ No tribunal de Santa Clara depuseram as ultimas testemunhas de acusação.

NO ESTRANGEIRO — O Governo japonês ratificou o tratado com os Estados Unidos, verificando-se em Tóquio uma greve de ferroviários. ✻ Eisenhower resolveu prolongar a sua estadia nas ilhas Hawai.

DIA 23

EM PORTUGAL — O presidente do Conselho visitou a Feira Internacional de Lisboa, onde permaneceu duas horas, manifestando o maior interesse por esta realização. ✻ O ministro da Defesa presidiu á festa de encerramento do Colégio Militar ✻ A memória de João do Rio foi homenageada pela Sociedade Portuguesa de Escritores, com a presença do embaixador do Brasil.

NO ESTRANGEIRO — Nobusuka Kishi, primeiro-ministro japonês demitiu-se ✻ Lumumba formou governo, finalmente.

DIA 24

EM PORTUGAL — O Presidente da Republica visitou Guimarães, onde inaugurou diversos melhoramentos, em companhia dos ministros da Justiça, Finanças e Obras Publicas ✻ Foi anunciado o lançamento de um empréstimo interno de um milhão de contos.

NO ESTRANGEIRO — Uma greve paralisou o porto de Liverpool. ✻ Foi nomeado o delegado argelino á conferência sobre o cessar-fogo.

Comentário Internacional

Rescaldo da visita do presidente Eisenhower ao Extremo Oriente

A lista dos bodes expiatórios da visita do presidente Eisenhower ao Extremo Oriente será, certamente, extensa. As duas primeiras vítimas do desaire sofrido pelo presidente e pelo seu país foram o chefe do Governo japonês, Kishi, e o embaixador americano em Tóquio, Douglas MacArthur II. Kishi não ignorava que a sua atitude, insistindo pela ratificação do tratado nipo-americano punha termo á sua carreira política. O embaixador, qualquer que fosse a sua responsabilidade no sucedido — e alguma, certamente, foi —, não podia ignorar que, dada a sua posição e a sua função, acabaria por ver cair sobre ele as cóleras acumuladas pelos seus compatriotas.

A demissão de Kishi foi o ponto de partida para uma crise política cujo epílogo dificilmente pode prever-se. Com ele sucumbiu uma orientação que os acontecimentos mostraram não corresponder aos sentimentos e vontade de um vasto sector do povo japonês, precisamente o mais dinamico e influente. De pouco serve afirmar que o seu afastamento, em ultima análise, significa uma violencia sobre a vontade popular manifestada através do sufrágio, ou que com ele se afundará a incipiente democracia japonesa. Perante a gravidade e repercussão dos acontecimentos esses argumentos nada podem.

Nos Estados Unidos — e é essa a mais valiosa lição a extraír do que se passou — ninguém tem ilusões sobre o verdadeiro valor do tratado, e, sobretudo, sobre as condições em que ele seria posto em prática, caso surgisse necessidade disso. Num país agitado por uma incontida fermentação revolucionária, a presença de guarnições estrangeiras constitui um incitamento incessante á rebelião, e uma justificação para ela. Não deixarão de aproveitá-la os que, em Tóquio e noutras cidades do Japão, durante as ultimas semanas, puderam manter em cheque a repressão policial e alimentar e intranquilidade social.

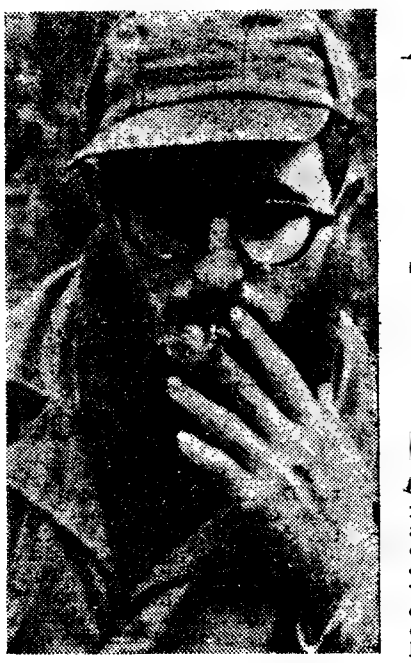
Por seu lado, os chefes militares americanos, responsáveis pela aplicação do tratado, uma vez que os políticos e diplomatas fizeram a sua obrigação em condições excepcionais, perguntarão a si próprios o que aconteceria se amanhã a situação se agravasse no Extremo Oriente, e qual seria a sorte dos soldados e aviadores americanos concentrados no Japão para o desempenho de uma tarefa que, dada a hostilidade da população local, difícilmente poderiam levar a bom termo. Se é possível, por uma série de manobras complicadas, concluir a celebração formal de um instrumento diplomático, é muito duvidosa a sua aplicação em casos como aquele de que nos ocupamos. Antes de prosseguir, os responsáveis por essa aplicação, que são os militares, precisam de ter em conta todos os factores que condicionam essa aplicação.

O caso do embaixador Douglas MacArthur II não oferece novidade de vulto, embora deva considerar-se lamentável e sintomático. Não há duvida de que até o ultimo momento aquele diplomata conservou um optimismo persistente que as realidades patentes contrariavam. Mesmo depois da partida do presidente de Washington ele continuou a aconselhar a realização da sua visita a Tóquio, tendo, principalmente, em conta os inconvenientes graves que do adiamento resultariam. Também não há duvida de que os seus relatórios influiram em alguns dos erros praticados, e que acarretaram consequências difíceis de reparar no futuro.

Mas é errado supor que só a ele deve ser imputada a responsabilidade do desaire sofrido. O secretário de Estado, perante a Comissão dos Negócios Estrangeiros do Senado, abertamente declarou que a opinião do seu presidente, senador Fullbright, que tentou opor-se á visita não assentava em razões aceitáveis. E o secretário de Imprensa da Casa Branca, Hagerty, que pessoalmente foi a Tóquio para avaliar da situação, abertamente aconselhou a realização da visita, mesmo tendo na sua frente o espectáculo das manifestações de desagrado de que foi alvo. O embaixador MacArthur é vítima de duas coisas igualmente graves — a função que desempenha e o nome que usa, o qual não constitui um excelente título de recomendação para representar a América no Japão.

FIGURA DA SEMANA

Fidel Castro



FIDEL CASTRO

O agravamento das relações entre Cuba e os Estados Unidos constitui um dos factores salientes da situação internacional neste momento. As tentativas feitas, no passado recente, para impedir ou estancar as suas consequências não deram resultado e dificilmente, no ambiente que se criou entre os governos de Washington e Havana, a situação se modificará nos tempos mais próximos. No meio das suas dificuldades os Estados Unidos não podem ignorar que junto do seu território se esboça uma ameaça que no presente o embaraça e afecta o seu prestígio, e no futuro pode reservar-lhe surpresas desagradáveis. Estas prefilam-se já no horizonte e exigem uma terapeutica que exclui os gestos inconsiderados e as atitudes impensadas.

A campanha insistente de propaganda conduzida de um e outro lado, não é de molde a facilitar uma solução satisfatória da situação que se criou no hemisfério ocidental. O envio de uma missão cubana a Moscovo e os acordos firmados durante a sua visita foram seguidos da revelação do convite feito ao chefe do Governo soviético para visitar Cuba com reciprocidade, devendo Fidel Castro deslocar-se oportunamente á União Soviética. Trata-se de um episódio capital na evolução das relações Leste-Oeste, pois, pelo primeira vez, um chefe soviético se deslocara ao continente americano contra a vontade expresas dos dirigentes de Washington.

Os que tomaram tão sensacional iniciativa poderão argumentar, para sua justificação, dizendo que Kruchtchev não há muito foi convidado a visitar os Estados Unidos e que a visita se realizou no quadro de uma política de desanuviamento que os acontecimentos ocorridos posteriormente comprometeram, mas que nem por isso, durante alguns meses, deixou de ser uma constante da vida internacional. Esse argumento não basta para consolar ou satisfazer aqueles que, do outro lado do Atlantico, consideram que a presença de Kruchtchev num país latino-americano representa uma inovação inquietante para a realização da política externa americana com a qual se quebram todos os precedentes e se desmentem as previsões optimistas que era legitimo fazer ainda há alguns meses.

VENDA DE OLIVEIRAS

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses aceita propostas para a venda de cerca de 2 000 oliveiras existentes em terrenos junto á vila do Entroncamento. No escritório da 10.ª Secção de Via e Obras, na estação de Caminho de Ferro da referida vila, será indicado o local onde se encontram.

As árvores devem ser arrancadas e retiradas para fora dos terrenos onde se encontram no prazo máximo de 30 dias a contar da data da adjudicação.

A Companhia reserva-se o direito de não aceitar qualquer das propostas apresentadas se o preço lhe não convier.

As propostas devem ser apresentadas em carta fechada até ao dia 30 do corrente mês de Junho, tendo exteriormente a indicação «*proposta para a compra de oliveiras existentes no Entroncamento*» e serão dirigidas ao Engenheiro Chefe da Divisão de Via e Obras — Estação de Santa Apolónia — Lisboa

HIPOTECAS

Sobre propriedades ou automóveis. Em todo o País. Rapidez e sigilo.

A FINANCIADORA

Companhia Nacional de Crédito

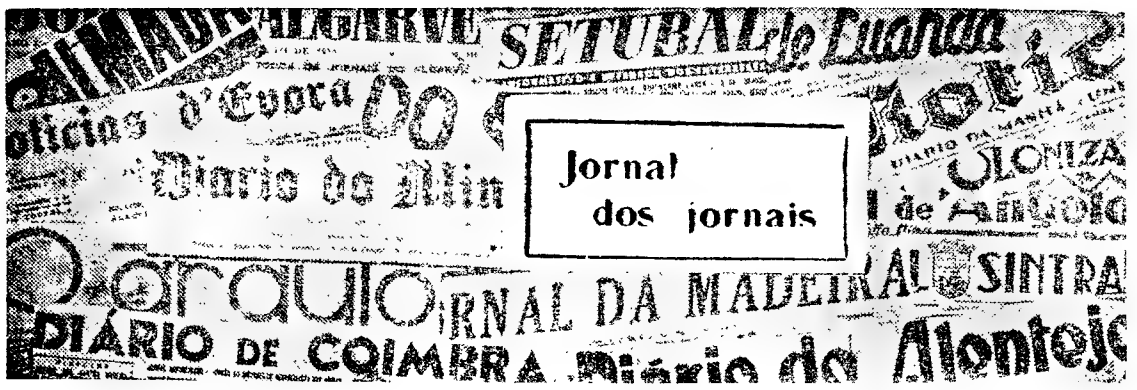
S. A. R. L.

Av. da Liberdade 3 — Tel 24448

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

UMA OFERTA DO CAFÉ "LUSO-BRASILEIRO"



Três curvas perigosíssimas ocasionam frequentes desastres em Armação de Pera

ARMAÇÃO DE PERA — Uma família de Lisboa que se deslocava de automóvel, ao passar as perigosas curvas junto ao cemitério desta localidade foi, há dias, vítima de grave acidente, pois o carro derrapou e voltou-se indo projectar-se de encontro a um valado. Não houve felizmente mortes a registar. Apenas ferimentos graves em todos os ocupantes do carro e quase completa destruição deste.

E cabe-nos perguntar: quem assume a responsabilidade de tantos desastres que se dão durante o ano nestas perigosas curvas, já que há mais de 20 anos apelamos para a extinção das mesmas?

Se o Estado por toda a parte endireita as estradas, não há razão para que numa extensão de 130 metros existam três curvas tão perigosas, que suprimidas, tornariam a estrada numa boa recta.

Mais uma vez apelamos para os nossos governantes a fim de se acabar de vez com as citadas curvas, o que evitará novos desastres de mais funestas consequências.

(«Jornal do Algarve», de Vila Real de Santo António)

Acto benemérito dum professor primário

BRINCHES — O professor do ensino primário nesta localidade, sr. Candido de Oliveira, acaba de praticar o louvável e generoso acto de comprar 900 metros quadrados de terreno junto á escola local, no valor de 2.500$00, e oferece-los á Direcção Escolar do distrito, para a construção de um edifício escolar anexo, com três salas de aula.

O benemérito gesto do sr. professor Candido de Oliveira tem sido muito louvado pela população local.

(«Diário do Alentejo», de Beja)

As Caldas de Monchique

Parece que mão fatídica escreveu uma sentença de maldição contra as Caldas de Monchique, e que nenhuma estancia superior tem poder para anular tão injusta sentença...

Depois de longos anos quase abandonadas, as Caldas de Monchique, que deviam ser as mais belas Termas do sul do País pelas qualidades ricas das suas águas e encanto do lugar, nos ultimos tempos conseguiram valioso e devido auxílio do Estado para o engarrafamento de água mineral, tendo sido instalada uma oficina com as melhores condições técnicas, que custou alguns milhares de contos.

Pois quando tal medida, e outras providências anunciadas, faziam prever o ressurgimento das Caldas de Monchique, eis que mãos misteriosas parece que entravam o seu progresso!...

Não havará ninguém capaz de esclarecer o Ministério competente?!

Ainda não perdemos a esperança!

(«VOZ DO SUL», de Silves).

Para quando uma Alfândega em Nampula?

O assunto — de extraordinário interesse — tem sido debatido por mais de uma vez, através da Imprensa de Moçambique, e da Associação Comercial, nada mais havendo a acrescentar ao muito que já se tem dito e escrito a não ser que o problema continua por resolver, com o grave prejuízo para o comércio e particulares e muito papel seria necessário para fixarmos os inumeros casos que nos têm sido contados sobre inconcebíveis demoras de encomendas postais, retidas por largos meses, na Alfandega de Moçambique.

Sabemos que o Governador do Distrito com o interesse que lhe têm merecido todos os problemas — e muitos que lhe devem ter surgido—se interessou pela mais que justa aspiração dos comerciantes e particulares de Nampula, até aqui vítimas das demoras alfandegárias a que são sujeitas as encomendas postais, em Moçambique.

Na passada semana focámos um caso que, como não seria de esperar outra coisa, teve como justificação da demora de dois meses e meio para uma encomenda vir de Lisboa a Nampula, por via aérea a retenção na Alfandega.

Mais poderíamos hoje citar.

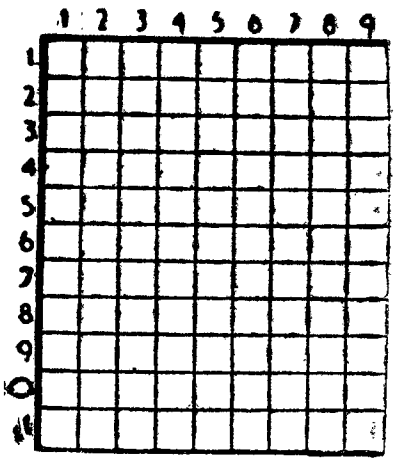
Não interessa, porém, pois que o numero superior, em muito, a uma dezena de encomendas postais que transitam pelos C. T. T. de Nampula, é, por si só mais que significativo.

Entretanto, continua no ar a pergunta: *Para quando uma Alfandega em Nampula?*

(«Diário de Moçambique», de Lourenço Marques).

Palavras cruzadas

Problema n.º 4039



HORIZONTAIS: 1 — Irmão de Rómulo. Habitação. 2 — Comparecer. Nome do Papa que sucedeu a Leão XIII. Interjeição de dor. 3 — Fosco. Gracejes. 4 — Amuradas. 5 — Macacos americanos. 6 — Semelhança. Ecoe. O mais. 7 — Cidade de Itália. Bebida usada no Peru. 8 — Nome de mulher. Ente. 9 — Pronome pessoal. Certa. Antes de Cristo. 10 — Pronome pessoal (pl.). Limpa com água. 11 — A planta do pé. A Pérsia.

VERTICAIS: 1 — Víscera. Alcatifas. 2 — Estavam. Irmão de Remo. 3 — Rio de Portugal. Nota musical. Artigo definido (ant.º). 4 — Trabalhosa. Gasta. 5 — Amarro. Preposição. 6 — Cordas delgadas. Genro de Maomé. 7 — Seguias. Artigo definido. Viração. 8 — Pronome possessivo (pl.). Limpava metais. 9 — Gemidos. Apelido.

Solução do problema n.º 4038

HORIZONTAIS: 1 — Bela. Aire. 2 — Minerva. 3 — Estio. 4 — Ia. Aia. Au. 5 — Are. Ira. 6 — Restaurar. 7 — Até. Vão. 8 — Airão. 9 — Ou. Ais. Me. 10 — Ana. Dão. 11 — Resvalara.

VERTICAIS: 1 — Piar. Doar. 2 — Em. Área. Une. 3 — Lie. Esta. As. 4 — Ansa. Teia. 5 — Ética. Rima. 6 — Ária. Uvas. 7 — Ivo. Irão. Dá. 8 — Rã. Arão. Mar. 9 — Luar. Leoa.

Apontamentos de linguística e pitorescos da linguagem

Vocábulos Convergentes

Chamam-se *vocábulos convergentes* os que, muito embora provenham de étimos diferentes, apresentam convergência fonética, ou seja, a mesma estrutura fónica. Chamam-se também *homónimos* esses vocábulos. Exemplos: o adjectivo são, que vem da forma latina *sanu* (com queda do *n* intervocálico), o adjectivo *são* (forma proclítica sincopada de *santo* e a forma verbal são (*sunt* em latim) do verbo *ser*.

São três as principais causas destas formas convergentes. Primeiramente, a coincidência da evolução fonética em dois ou mais vocábulos de étimos a princípio diversos, tais, por exemplo, fiar (no sentido de tecer), que provém de *filare* (com queda do *l* intervocálico) e *fiar* (no sentido de *confiar* do latim *fidare*, em vez de *fidere*, também com queda do *l* intervocálico). A segunda causa é a coincidência entre um derivado de um vocábulo e outro vocábulo já existente: *renda* (derivado de *render*) e *renda* (tecido), palavra de obscura origem germanica. A terceira causa abrange os empréstimos a línguas estrangeiras, que coincidem com formas castiças. Assim ao lado do vocábulo bem português *manga* (proveniente do latim *manica*) aparece-nos o nome da fruta *manga*, que passou do malaio ao nosso idioma.

Freguês

A palavra freguês aplica-se em rigor ao cliente assíduo, áquele que visita amiúde determinado estabelecimento e não a todo e qualquer que nele entre como comprador uma vez por acaso. O seu étimo é o adjectivo latino *frequens, frequentis*, que significa *frequente*. Trata-se, portanto, de alguém que frequenta uma casa ou local.

Policlínica

Os neologismos não podem ser criados sem atenção pelo espírito da língua e suas leis fundamentais. Primeiro, impõe-se que não exista, de facto, na língua forma castiça (ou vernácula) para exprimir a mesma validade. Depois, importa que o neologismo seja formado de acordo com aquelas leis fonéticas basilares.

O neologismo *Policlínica* presta-se a discussão, por que se pode admitir que seja formado com o vocábulo grego *poly* (muitos) ou com o vocábulo também heleno-latino *polis* cidade, que encontramos por exemplo em Andrinopla, Heleanópolis, etc.

Facto curioso, *policlínica* pode, de facto, significar, muitas clínicas, sentido mais usual, ou «clínica fora da cidade», como é o caso do «Hotel de Convalescentes», de Palmira.

TIRA-TELMAS

PROVE O JA FAMOSO
FRANGO NO ESPETO
A Chicote
P. do Areeiro, 3-A
Telef. 720201

Notícias ainda não publicadas

A Washington foram chamadas duas personalidades diplomáticas cuja acção se considera predominante na fase actual das relações americano-soviéticas — o chefe da delegação americana á Conferência do Desarmamento de Genebra (Conferência dos Dez) e o embaixador dos Estados Unidos em Moscovo. O primeiro, ao que parece, já há algumas semanas decidira visitar o seu país a fim de esclarecer uma posição que se tornou mais difícil depois da apresentação do novo plano de desarmamento levado a Genebra pela delegação russa.

Na sua visita a Taipé nem tudo correu, como parece depreender-se do noticiário optimista que deu conta dessa passagem da viagem do presidente ao Extremo Oriente. Este teria falado ao marechal Chang Kai Chek na necessidade de apressar a realização de duas medidas urgentes— a evacuação das ilhas do litoral chinês, onde tudo indica que nos próximos tempos se intensifique a pressão chinesa: e a representação da população da Formosa no Governo nacionalista na quase totalidade constituído por emigrados da China continental.

O estado de saude do antigo chefe do Governo turco Menderes inspira sérios cuidados na Turquia e no estrangeiro. Aquele político, que deve ser oportunamente julgado bem como o chefe do Estado do regime anterior, Celal Bayar, sofre os efeitos de uma grave depressão nervosa em consequência dos acontecimentos de que foi protagonista.

Embora as modalidades do acordo não fossem publicamente, reveladas, um dos resultados da visita recente da missão comercial cubana a Moscovo foi a venda ao Governo de Havana de algumas unidades navais russas cujo valor militar não corresponde ás exigências de uma grande potência mas que podem ser de grande utilidade para os dirigentes de Cuba. Além da venda de unidades navais fala-se no adestramento das guarnições que devem tripulá-las.

O caso do cancelamento da fabricação do projéctil inglês «Blue Streak» está longe de ter esgotado as suas surpresas. Uma experiência recentemente realizada no centro experimental de Woomera (Austrália), deu-lhe uma nova actualidade e neste momento são grandes as probabilidades de vermos em pouco tempo a Grã-Bretanha regressar á competição dos mísseis da qual ainda há pouco parecia querer afastar-se definitivamente.

A visita de Ben Gurion a Paris não teve o carácter optimista que quiseram atribuir-lhe os meios oficiais de Israel. O general de Gaulle rejeitou um convite par visitar Tel Aviv com o argumento de que, nas actuais circunstancias, isso lhe acarretaria dificuldades insuperáveis. Estamos longe da situação que se verificava no Outono de 1956 quando a colisão franco-israelita deu lugar aos acontecimentos do Médio Oriente.

As diligências do Governo americano para convencer o coronel Nasser a autorizar a passagem de navios israelitas pelo Canal de Suez pode influir na eleição de Novembro nos Estados Unidos. A votação no Estado de Nova York está largamente dependente dos Israelitas os quais procurarão fazer valer esse trunfo eleitoral para acentuar a pressão sobre aquele Governo.

O Senado americano está muito interesado em fazer promulgar a legislação adequada para facilitar as visitas turísticas aos Estados Unidos, sendo alguns dos seus membros mais influentes de opinião que essa é uma das maneiras mais eficazes de contrapor á propaganda soviética o espectáculo das realidades que condicionam a vida quotidiana nos Estados Unidos. Recentemente o afluxo de turistas á União Soviética tem-se igualmente intensificado com objectivos de propaganda.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Sede Calçada do Duque, 20 - Lisboa

ADMINISTRAÇÃO

Pagamento do juro das obrigações C P. 3 1/2 % — 1946, relativo ao 1.º semestre de 1960

São avisados os portadores destas obrigações de que o pagamento do juro relativo ao 1.º semestre de 1960, será efectuado a partir de 1 de Julho p.º futuro, aos seguintes preços:

Esc.: 14$17,5 — para títulos ao portador.

Esc.: 13$93,75 — para títulos nominativos.

O pagamento efectuar-se-á:

Para os títulos ao portador (cupão)

na Sede da Companhia
na Tesouraria da Companhia, no Porto
No Banco Espirito Santo e Co-Lisboa, 15 de Junho de 1960.
no Banco Fonsecas, Santos & Vianna
no Banco Lisboa & Açores
na Filial do Banco Lisboa & Açores, no Porto
no Banco Pinto & Sotto Mayor

Para os títulos nominativos

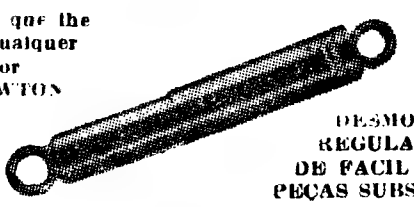
na Sede da Companhia
na Tesouraria da Companhia, no Porto
no Banco Fonsecas, Santos & Vianna
na Filial do Banco Lisboa & Açores, no Porto.

O pagamento na sede da Companhia e na Tesouraria no Porto, efectua-se todos os dias uteis, desde as 10 ás 13 e das 14 ás 16 horas, e aos sábados desde as 10 ás 12 horas.

Liboa, 15 de Junho de 1960.

O Conselho de Administração

CARROS CITROËN
Inteiramente revistos e vendidos com garantia total de 6 meses (peças e mão-de-obra)
Grande semana de 70 a 27 de Junho
Rua Rodrigo da Fonseca, 80
Telef. 734131 — (6 linhas)

NEWTON PRODUCT
O MELHOR AMORTECEDOR
Não deixe que lhe vendam qualquer amortecedor
Exija NEWTON

DESMONTAVEIS
REGULAVEIS
DE FACIL AFINAÇÃO
PEÇAS SUBSTITUIVEIS
Representante
AUTO-TRIUNFO — Rua de Santa Marta, 58

O RISO DA SEMANA

QUE AMOR DE GENRO

AQUELE genro era um verdadeiro santo. Já tinha tido três sogras e tinha sido feliz com todas elas e elas absolutamente felizes com ele. Não havia ninguém mais amável e delicado com as bondosas senhoras. Nem as próprias filhas.

Logo que casava rodeava as senhoras dos maiores mimos, tendo para com elas delicadezas que nem ás mulheres dos nossos sonhos se dão. E tanto isto era assim que todas as três sogras lhe correspondiam com iguais provas de estima e consideração. E ele adoptava sempre o mesmo sistema para com tadas elas.

No fim do jantar, que o próprio genro caprichava em servir-lhes por suas próprias mãos, com as mais cativantes gentilezas, convidava-as a ir tomar o café a uma torre que havia na casa, com janelas para os quatro pontos cardiais e donde se descortivana uma vista verdadeiramente deslumbrante, quer fosse de Verão ou de Inverno.

Abertas as quatro janelas para que a visão fosse mais perfeita, servia-lhes um café fortíssimo, um belo café de Timor que obtinha por alto preço, cujo perfume era capaz de enebriar um morto, sempre acompanhado dum brande daqueles de dar cabo dum vivo.

O café, a corrente de ar e o brande, faziam o resto. Sabe toda a gente lá na rua que nenhuma das três bondosas senhoras resistiu mais de um mês ás amabilidades e aos deliciosos cafés do genro.

O caso era já tão notório que, quando a vizinhança via aquela família modelar subir ao alto da torre, exclamava logo:

— Lá vai mais uma sogra para o Alto de São João.

E ia! Eles bem sabiam que era por ali o caminho!...

O FUMO

Aquela senhora fumava como um marujo e ao lado dela viajava um sujeito a quem o fumo incomodava muito.

— O fumo não a incomoda?— perguntou ele.

— Não, até gosto, como vê — fez ela, toda rabiteza.

— Pois, então, deixe-se estar porque eu vou sair. Não gosto de fumo e o comboio está a arder.

Moscas fêmeas

— Sempre que posso mato as moscas fêmeas que é a melhor maneira de evitar que elas se propaguem.

— E como distingue você os machos das fêmeas?

— E' muito simples. As que vão para o W. C. que diz «homens» são machos; as que vão para o que diz «senhoras» são fêmeas.

— E elas nunca se enganam?

— A's vezes, sim, mas só os machos, porque as fêmeas põem nisso um grande cuidado.

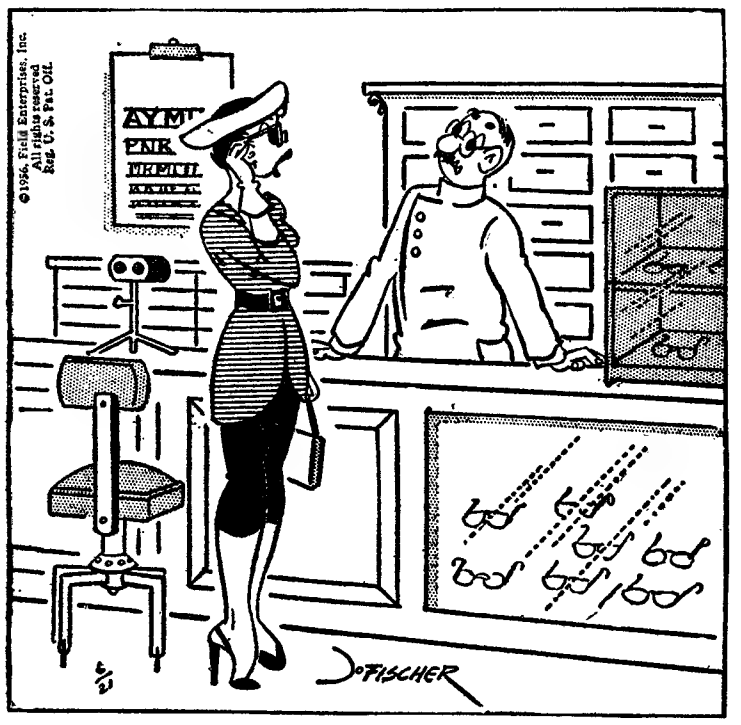
O bom guarda

O guarda do Jardim Zoológico era muito bom homem e um dia leu o livro de Darwin. Mal acabou a leitura, deitou a correr para a jaula do chimpanzé e abriu-lhe a porta.

Outro guarda que ia a passar, ao ver o macacão já fora da jaula, censurou-o ásperamente e tratou de apanhar o bicho, apesar dos protestos do colega, que vociferava:

— Não tens vergonha de ser o carrasco do teu irmão?!...

Bom patrão



— Estes novos óculos só me têm dado aborrecimentos! Agora consigo ver o meu patrão sempre que ele olha para mim!

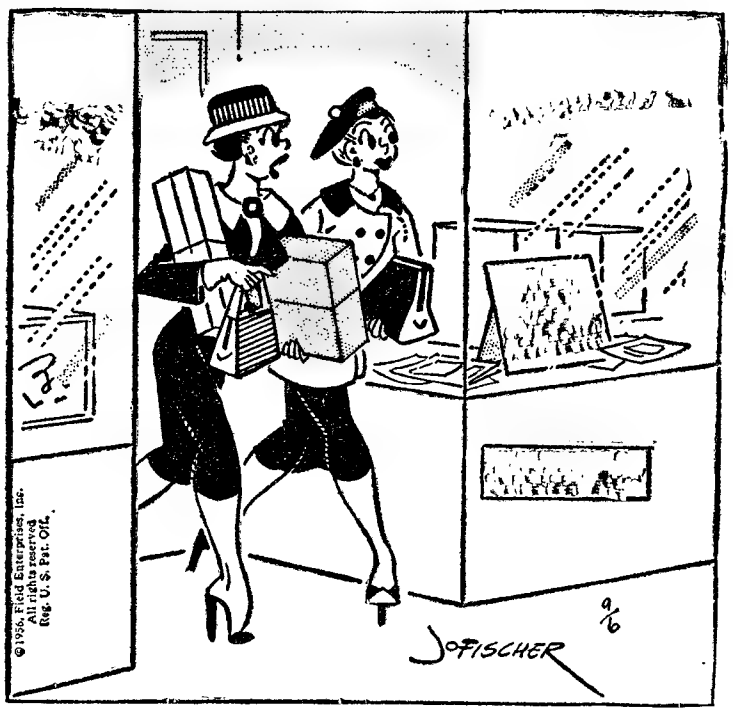
— Para que diabo te hei-de dar um casaco de peles se nunca te levo a parte nenhuma?

Levantar dinheiro

Para levantar dinheiro num Banco é preciso lá ter dinheiro.

Não tendo pode levantar-se apresentando um cheque de quem lá o tenha. Se não houver cheque, nem depósito, também se pode levantar algum com uma letra bem avalizada.

Fora disto, só entrando por uma janela arrombada, mas isso ás vezes trás desgostos e complicações.



— Eu sei que era mais barato na outra casa mas tenho a vantagem de comprar a crédito e posso morrer antes de pagar.

Malcriado!?...

— A mamã chamou-me malcriado por eu ter dito a uma visita aquilo que lhe tinha ouvido dizer a ela, exactamente a respeito daquela mesma pessoa. Vá lá uma pessoa saber o que é boa educação!

Confusão de frutas

Aquela menina parva ia ao campo pela primeira vez. Nunca tinha visto uma árvore de fruto. Parando em frente da primeira que encontrou exclamou encantada:

— Olha uma laranjeira carregada de peras!

O hortelão que andava por ali explicou-lhe:

— Não, minha menina, não é uma laranjeira, nem aqueles frutos são peras; aquilo são maçãs, porque a árvore é uma macieira.

— Que engraçado, fez a menina! E aquele homem que ali vai carregado de bananas é uma bananeira?...

O FIADOR

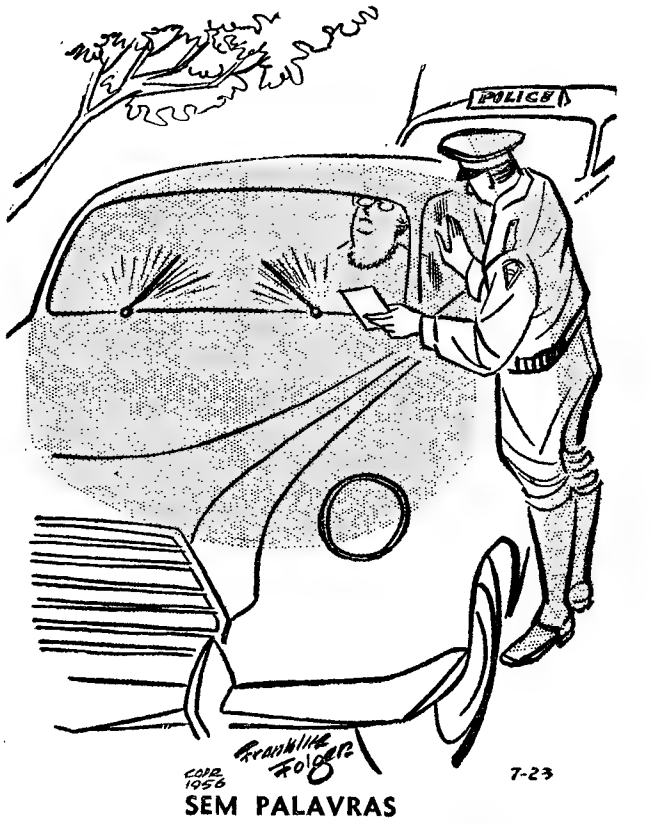
Aquele senhorio era muito exigente e punha as suas condições: não pode ter crianças, nem ligar a telefonia depois da meia-noite, nem pregar pregos nas paredes, nem deixar as janelas abertas, de noite, no Inverno e é indispensável dar fiador.

O futuro inquilino concordou e pôs também as suas condições: que a porteira fosse bem educada, que não se apagasse a luz da escada, que não desligasse o elevador, e que o senhorio desse também fiador.

— O quê — fez ele — fiador eu, o senhorio?

— Sim, porque o senhor pode despedir a porteira, cortar a luz da escada e desligar o elevador.

MULHERES



SEM PALAVRAS

«CONSTITUITIVA»

Ouvimos há dias numa palestra radiofónica pronunciar com toda a ênfase a palavra «constituítiva». Por vir de quem vinha deu-nos que pensar e, como somos pessoas de poucas letras, fomos até o dicionário e o dicionário que era, como todos, constituido por uma data de palavras, tinha deixado fugir a palavra «constituítiva». Não estava lá.

Vamos voltar á instrução primária a ver se por lá a encontramos.

Conversa de pintores

— Deu-me um grande prazer ver os seus quadros na ultima exposição.

— Ah! muito obrigado. Gostou então muito, não é verdade?

— Sim, nunca julguei que pintasse tão mal. Aquilo valorizava o resto da exposição.

Mulheres sérias

Só existem duas espécies de mulheres: as sérias e as que o parecem. Tudo mais é simplesmente paisagem.

Gratifica-se as pessoas que tragam provas em contrário.

Aqueles dois comerciantes confidenciavam acerca dos negócios que estavam a correr muito mal.

— Não se vende nada!

— Mas você, com o seu negócio de fatos de banho, deve fazer bom negócio nesta época do ano.

— Dantes fazia, mas a moda estragou tudo. Elas dantes queriam sempre fatos da ultima moda, mas agora só compram dos antigos. Compram um e dele fazem tanguinhas para as oito pessoas de família.

— Pois é, fez o outro, e quem fica de tanga é você...

RELATO

— Zacamiatropachipammatateumoratapicatalapitucalugapenaltycanto — soficamorata — goooooo! — zarapautacantapuchalatavirabolapélicabalizavicatocamãopazdimasmoreiracamporelvaprrriiiiii... intervalo.

— Estamos a decorar a casa. Tem livros cujas capas digam bem com este tom de papel?

ESSA DOENÇA CHAMADA CIUME

por ALFREDO BRAS

Afirma o professor Lagache que «o ciume amoroso é tão normal como o medo». Mas assim como há um medo patológico: o medo dos *medrosos*, existe também um ciume patológico: o ciume dos *ciumentos*. Shakespeare mostrou bem, no seu «Othelo», a que extremos pode levar essa terrível doença.

O que torna mais grave o ciume é a circunstância do ciumento procurar a justificação das suas crises numa hipotética falta alheia e não na sua própria fraqueza. Assim as vitimas são pelo menos duas e, na maior parte dos casos, uma delas está inocente. Porque a ausência de todo o pretexto não bastará para impedir o aparecimento da crise. Conheci uma senhora já de certa idade, que tinha seguramente renunciado a seduzir, a quem o marido fazia constantes cenas. Sei igualmente de um pobre homem, que nunca teve veleidades de conquistador e aceita com lamentável submissão o rígido horário imposto pela sua exigente esposa, horário esse que só lhe deixa livre o tempo estritamente necessário para transportar-se de casa para o escritório e vice-versa, mas que apesar disso ainda suporta os ciumes patológicos da desconfiada consorte.

Será o ciume, como supõe muita gente, uma manifestação de amor por outrem, ou será antes uma manifestação de amor próprio? Já La Rochefoucauld dizia que «no ciume há mais de amor próprio que de amor» e a verdade é que se pode muito bem ser ciumento sem sequer amar. Irei mesmo um pouco mais longe e afirmarei que o ciume aparece geralmente no declínio do amor.

Não há duvida que quando o amoroso sente pesar sobre o seu amor a simples sombra de uma ameaça, o reflexo do ciume é inteiramente natural. Mas sucede que os casais amorosamente felizes vivem quase sempre num ambiente de recíproca confiança que exclui o ciume. O momento crítico surge geralmente quando o amor enfraquece e se extingue essa mutua confiança. E' talvez por isso que o ciume é mais frequente e intenso nas pessoas que já atingiram a idade madura.

Entre as mulheres, o ciume costuma manifestar-se com maior violência na altura em que elas começam a duvidar de poderem ainda ser amadas. As crises masculinas de ciumes coincidem muitas vezes com o aparecimento de complexos de inferioridade. Como muito bem viu Simone de Beauvoir: «logo que os seus negócios caminham mal e que se sente molestado pela vida, ele acredita-se atraiçoado por sua mulher». Um psiquiatra holandês divertiu-se a fazer a estatística profissional do ciume; segundo ele, 40 funcionários por 100 são ciumentos porque estão insatisfeitos com a sua sorte, e 5 aviadores sómente em cada 100, não obstante as suas numerosas ausências do lar conjugal.

Evidentemente que o ciume, como todos os sentimentos humanos, varia bastante no tempo e no espaço. Os homens do nosso tempo não são ciumentos como eram os da Idade Média, porque as relações entre os sexos evoluiram muito de então para cá. A mulher deixou de ser um objecto sobre o qual o seu senhor tinha direito irrestrito, para tornar-se um sujeito com direitos iguais aos do homem. Um ocidental não é tão ciumento como um turco. Um esquimó considera-se obrigado a oferecer sua mulher aos hsópedes de passagem, mas não hesitará em matá-la se ela o «enganar» sem o seu consentimento...

Na nossa sociedade, o ciume tornou-se uma coisa menos grave, menos dramática, embora ainda bem torturante. Nalguns casos, o ciume é um mero jogo e muitas são as jovens «coquettes» que, para encarecerem os favores concedidos excitam a emulação dos seus admiradores provocando-lhes ciumes. Outras, essas menos jovens, procuram rejuvenescer um amor fatigado com a pimenta do ciume. Parece que nos Estados Unidos um serviço telefónico especial, intitulado «Jealousy Promotion», serve essa pimenta ao domicílio, fazendo retinir aos ouvidos de noivos e esposos os apelos de hipotéticos rivais que solicitam insistentemente suspeitos «rendez-vous»... Mas cuidado, porque a «coquetterie» é uma faca de dois gumes que, muitas vezes, fere quem a maneja e esses jogos equívocos nunca poderão conduzir ao ambiente de mutua confiança indispensável a um verdadeiro amor.

Não há duvida que no nosso tempo, graças principalmente á emancipação económica da mulher, os Othelos vão rareando. A mulher que passa a vida fora do lar sabe que seu marido pode muito bem estabelecer relações femininas sem qualquer intenção reservada. Por seu lado, o marido não mais se inquieta com os colegas masculinos de sua mulher. Os sentimentos, como os móveis e o vestuário, pertence a uma época; as exuberantes manifestações de ciume estão fora de moda e são consideradas geralmente como lamentáveis provas de má educação. Mesmo as pessoas mais ciumentas começam a saber dominar inteligentemente esse nefasto sentimento. Quem será que hoje, ao sentir-se tomado por uma violenta crise de ciume, dexará de se perguntar: «Terei eu o direito de envenenar com as minhas suspeitas a vida da pessoa que amo?». Qual a mulher ciumenta que não terá pensado: «Se eu continuo a dar-lhe a sensação de ser prisioneiro, ele certamente desejará evadir-se!».

Contudo a boa vontade, se pode muitas vezes evitar a infelicidade em comum e a destruição da vida conjugal, não chega para impedir a tortura do ciumento. Não bastará recalcar o ciume, impõe-se um corajoso esforço para readquirir por completo a lucidez e procurar as causas da crise, não nas faltas de outrem, mas nas próprias fraquezas. Como o indivíduo que sabe estar sendo vítima de uma crise alucinatória, o ciumento deve começar por pôr em duvida a justeza das sua visão e convencer-se que o ciume nem sequer dá a vantagem de precaver contra uma possível traição real. Porque o ciume é cego e o ciumento é o ser mais fácil de enganar: Juliette Drant, loucamente ciumenta do menor olhar que Victor Hugo lançasse a qualquer mulher — e quantas belas mulheres passaram no campo visual do grande poeta! — negligenciou justamente Léonie Biard, que foi amante clandestina de Hugo durante oito anos.

O campo visual dos comuns mortais, embora muito mais restrito que o do autor de «Os Miseráveis», ainda é mesmo assim vastíssimo e tanto o homem como a mulher, mesmo que estejam sinceramente amorosos, não podem impedir-se de admirar qualquer outro ser humano que, pela beleza, pela graça, pela elegancia ou pela inteligência, se destaque do comum dos mortais. O remédio é mostrarmo-nos magnanimos e procurar-mos fazer justiça aqueles que podem causar-nos inveja. Logo que a pessoa que amais evidencie viva admiração por alguém, longe de manifestar despeito, deveis rivalizar nos elogios E se esse alguém é justamente admirado por uma qualidade que vos falte mas que esteja ao vosso alcance, fazei por adquiri-la e assim conseguireis agradar mais ainda.

Será esta a melhor maneira de construir sólidamente o edifício da felicidade amorosa: elevando-o sobre a base de uma reciproca confiança. Porque o verdadeiro amor deve ser fonte perene de alegria e, como disse Maurice Toesca, «Não pode haver lrama no amor. «Não pode haver drama no amor. Desse sentimento partilhado não pode vir senão a felicidade».

E se a felicidade amorosa não tem história, tanto pior para os romancistas e para os espíritos romanticos. Quanto a mim, prefiro ser um ente humano amorosamente feliz, a ser o mais interessante personagem de romance.

DISCO DA SEMANA

Silvia Teles

CANTA PARA GENTE MOÇA

EU PRECISO DE VOCÊ • EU SEI QUE VOU TE AMAR • CASTIGO • LOBO BOBO

Uma voz agradável plena de cor e extraordinária intuição melódica caracterizam Silvia Teles, hoje uma das favoritas do público brasileiro.

Neste seu novo disco Silvinha apresenta quatro apontamentos diferentes em que está bem patente a influência da canção norte-americana na música do Brasil. Deve acrescentar-se que não se limitam os nossos irmãos de além-mar a decalcar um estilo, pelo contrário, imprimem-lhe caracteristicas novas que o valorizam, especialmente quando a interprete possui a classe de Silvia Teles.

UM DISCO PARLOPHONE

EST. VALENTIM DE CARVALHO, LDA.

95 - Rua Nova do Almada - 97 — Lisboa

AUTOMÓVEIS

DE ALUGUER

Para todo o País e Estrangeiro

Serviço permanente

Humber. Vauxall e Mercedes Benz

Ampla experiência de viagens internacionais

Conhecimentos de francês, espanhol e italiano

Epifânio Soares Correia

Vila Real St. António — Telef. 10

Tavira — Telef. 180

Mais uma ilusão que se vai! A VELHA TERRA já não regula bem!

por LOYD THOMAS

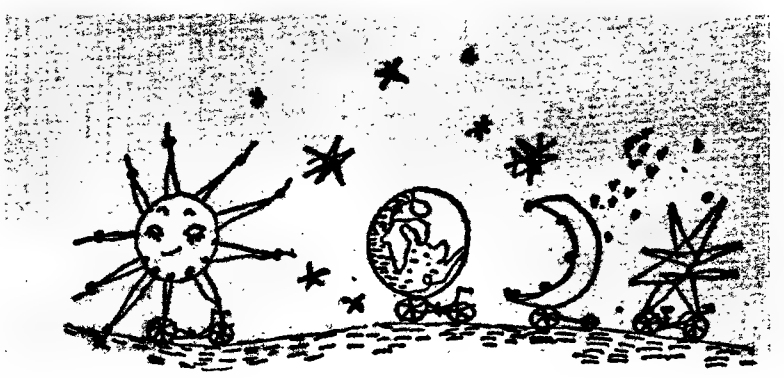
Durante estes ultimos anos têm-se feito grandes progressos na construção de relógios, usando em vez do pêndulo, já secular, as modernas vantagens do nucleo atómico. Do mesmo modo se têm construído novos instrumentos de observação com os quais é possível observar com uma precisão até agora desconhecida a passagem dos astros no meridiano. Um destes instrumentos mais curiosos é o «astrolabio impessoal», inventado por Danjon, director do Observatório de Paris. Este instrumento elimina todo o factor humano no registo do momento exacto em que uma

estrela atravessa a linha do meridiano.

Assim, graças ao seu astrolábio, Danjon conseguiu estabelecer a curva completa da variação da rotação terrestre durante um ano completo. Essa curva, que foi apresentada á Academia de Ciências, difere notávelmente das que tinham sido estabelecidas anteriormente sob dados incompletos. Por ela se conclui que a rotação do Globo passa por um máximo muito acentuado cerca do 1. de Junho e por um mínimo menos nítido em Setembro. A curva sobe muito lentamente de Setembro a Fevereiro e só depois se acentua.

O Sol terá efeito sobre a rotação da Terra?

Mas o mais sensacional é a verificação feita por Danjon segundo a qual se teria dado uma mudança brusca no regime de rotação terrestre no fim de Fevereiro de 1956.



Antes desta data, a duração do dia diminuia 7 micro-segundos diários; depois dela começou a aumentar 2,5 micro-segundos em cada dia. Ora a data de Fevereiro de 1956, não é uma data qualquer: E' a data de uma das maiores erupções solares conhecidas, que a 26 de Fevereiro desse mesmo ano o período máximo do ciclo de onze anos de actividade solar.

Essa erupção causou intensas perturbações na camada ionizada da atmosfera terrestre e deu origem a um aumento considerável dos raios cósmicos, fenómeno esse verdadeiramente excepcional. Não é impossível, segundo Danjon, que a variação do regime de rotação da Terra, observado nesse tempo, esteja também relacionado com a explosão do Sol, mas o estado actual dos nossos conhecimentos sobre gravitação e de acordo com o que sabemos das erupções solares essas remicos, particularmente o estudo do nucleo atómico parecem oferecer perspectivas sedutoras. Mas os sábios continuam ainda a caminhar devagar. Estão longe de lhe conhecer todos os segredos. «A prudência, observa Danjon, aconselha a conservar para o segundo uma definição astronómica enquanto se não saiba definir uma escala física que ofereça maiores garantias».

Até nova ordem, a nossa boa Terra continuará, portanto, enquanto gira, a medir o tempo que passa. Mas pelo que vimos não devemos confiar muito nas suas indicações, pois ficamos agora a saber que no nosso velho mundo há qualquer coisa que não regula bem, pelo menos que não rola completamente em redondo. Mas não é verdade que temos de ser condescendentes sabendo-se que o desarranjo tem pelo menos três milhões de anos?

lações são absolutamente claras. Se no futuro for possível novas observações ai estará um fascinante problema para os físicos. O exame cuidado das medições efectuadas no quadro do Ano Geofísico Internacional bem poderá fornecer elementos inéditos que ajudem a esclarecer o assunto.

Mas como medir o tempo?

O nosso planeta é de facto muito caprichoso para que lhe entreguemos uma tarefa tão séria como a de guardar o tempo. Desde 1950 que os astrónomos desconfiam da sua fidelidade, propondo que a definição do segundo não seja a fracção do dia sideral, mas como fracção do ano sideral, tomando para isso, 1900 como padrão arbitrário. Esta proposta foi adoptada em 1952 pela VII Assembleia Geral da União Astronómica Internacional, mas mais recentemente, os astrónomos aperceberam-se que melhor ainda que o ano sideral, seria o tomar em consideração o ano trópico, isto é, o intervalo que decorre entre dois equinócios da Primavera.

*

E já agora, uma outra questão: porque não coincide o ano trópico com o ano sideral? Por causa de um outro capricho da Terra, aliás bem conhecido: a mutação dos pontos equinociais. O eixo da rotação da Terra não mantém no espaço uma direcção sempre igual. Desloca-se lentamente, seguindo um movimento cónico, efectuando uma volta completa em 25 000 anos aproximadamente. Esse movimento tem por efeito deslocar o Polo Norte celeste. Neste momento passa ele perto da ultima estrela da Ursa Menor a que chamamos Polar; mas daqui por 3 000 anos a nova estrela Polar será uma estrela da constelação Cepheo.

Ainda outra consequência é antecipar todos os anos um pouco o equinócio da Primavera, pela mudança de posição que a Terra sofre na sua órbita em relação ao equinócio anterior. Em resumo: a Conferência Internacional de Pesos e Medidas prefere actualmente para segundo a seguinte definição: o segundo é a fracção 1/31.556.925.975 da duração do ano trópico para 1900.

O leigo achará com certeza esta definição um tanto ou quanto complicada e pouco prática para acertar o seu relógio. Mas descanse que é provisória. Qualquer dia teremos de pôr de parte a rotação terrestre como ponto de referência para medir o tempo. Os fenómenos ató-

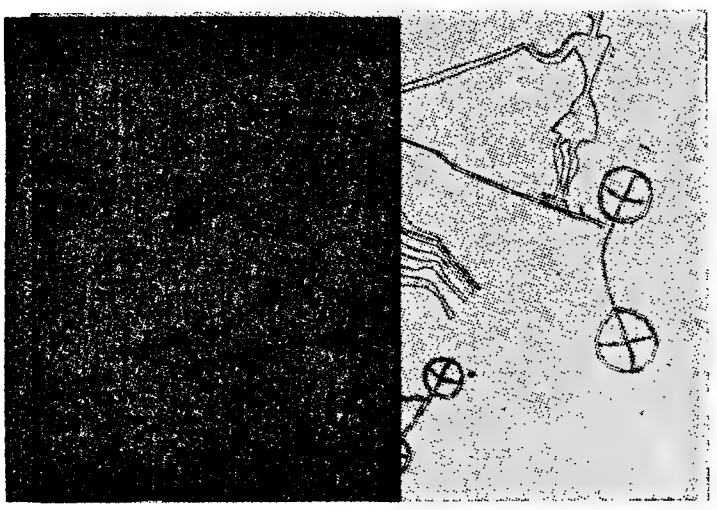
NEM SEMPRE O DESERTO FOI DESERTO...

No ultimo milénio antes da nossa era, o Saharà era ainda atravessado por carros de cavalos, como o mostram irrefutàvelmente as gravuras rupertres que foram descobertas. «O Saharà, escreve esse eminente especialista que é o professor Raymond Furon, subdirector no Museum, está coberto (é ele que o sublinha) de arte neolíticas e imensas colecções têm sido recolhidas».

Pensam alguns que no decurso dos períodos glaciares que afectaram a Europa, houve um deslocamento das frentes polares para o Sul, e por isso os desertos se localizavam também nessa direcção. Nem todos os autores estão de acordo com isso, mas seja como for confirma-se que o Saharà no decorrer do ultimo milhão de anos que se caracterizou pelo prodigioso desenvolvimento da espécie humana, não foi sempre deserto. De facto, encontraram-se no local peças delicadamente retocadas e machados de pedra, o que mostra um desenvolvimento humano muito elevado nas regiões Saharianas nessas recuadas épocas.

Quando viviam na Europa os homens «Cro-Magnu» havia também «Cro-Magnonianos no Saharà». Os fósseis de Mechtá-el-Arbi e de Afalontão são de homens de alta estatura (um metro e sessenta e dois em média) cuja capacidade craniana era grande, oscilando entre 1500 e 1700 c. c.

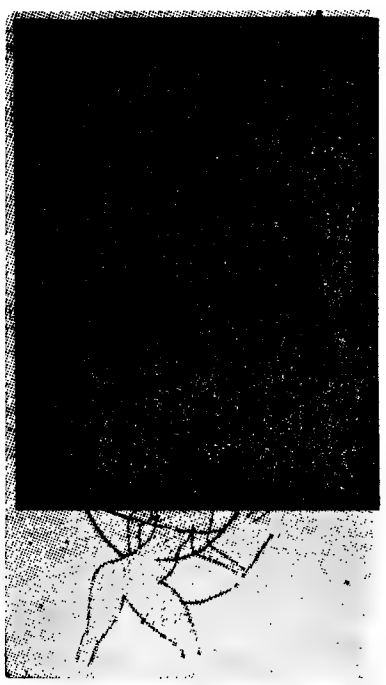
O homem de Alassar era um tanto mais pequeno e mostrava nítidas características negroides. Segar as árvores. Com menos árvores, havia cada vez menos chuva. E o que é mais: como os erbívoros morriam de fome, menos carnívoros havia e, forçosamente, menos



Há 5.000 anos trabalhava-se o deserto com carros puchados a cavalos

ria talvez mesmo pescador pois a água abundava nessa altura. O Lago Tchad era um autêntico mar interior, estendendo-se até 700 quilómetros para Nordeste do lugar actual. Era alimentado por rios vindos de todos os lados, pelo Niger, por exemplo, que se estendia então largamente na região Tombouctou. As águas do Sonara vinham do Atlas até ao coração do Saharà.

«Nada permite dizer, escreve Raymond Furon, que o Hoggar ou o Tassili dos Aggers, estivessem cobertos de florestas, mas a verdade é que o clima permitiria esses arvoredos». A fauna era concretamente uma fauna de país bastante humido: elefantes, rinocerontes, camelos selvagens, bufalos antigos, girafas e avestruzes. Não é difícil, portanto, imaginar-se uma savana com massiços arborizados e extensões florestais ao longo de um curso de água quase permanente.



Os homens do Saharà antigo eram caçadores e guerreiros

A origem do deserto Sahariano

Georges Duhamel na Academia de Medicina de França, lembrava um dia que as cabras ao devorarem as folhas, na Palestina fizeram que as plantas morrecem, e pela acentuação dos fenómenos erosivos o deserto ganhou terreno. Ora os rebanhos foram até ao Saharà conduzidos pelos nómadas, sem conhecerem o fenómeno da escudação (quem o conhecia nessa altura) utilizavam em primeiro lugar detritos organicos utilizados pelas plantas...

■

O Saharà tornou-se assim cada vez menos habitável e cada vez menos habitado. E, contudo parece não ter havido nele modificações de clima, desde há 2000 anos.

«O limite da cultura da oliveira, observa Furon, situa-se sempre sobre a mesma linha e o abandono de algumas terras aráveis foi apenas devido á incuria e ás guerras» (não á actual, claro).

Ainda no início do nosso século as girafas eram tão numerosas nas regiões do Sul que partiam, frequentemente os fios telegráficos contra os quais se atiravam. Dizimaram-nas como dizimaram pouco a pouco toda a fauna e toda a flora sahariana e com elas o equilíbrio bio-geológico já precário nesta região.

Actualmente a decadência de muitos oásis não é devida á mudança de clima mas um tanto á guerra, por causa do intensivo recrutamento de indígenas e também motivado pelo êxodo para as cidades.

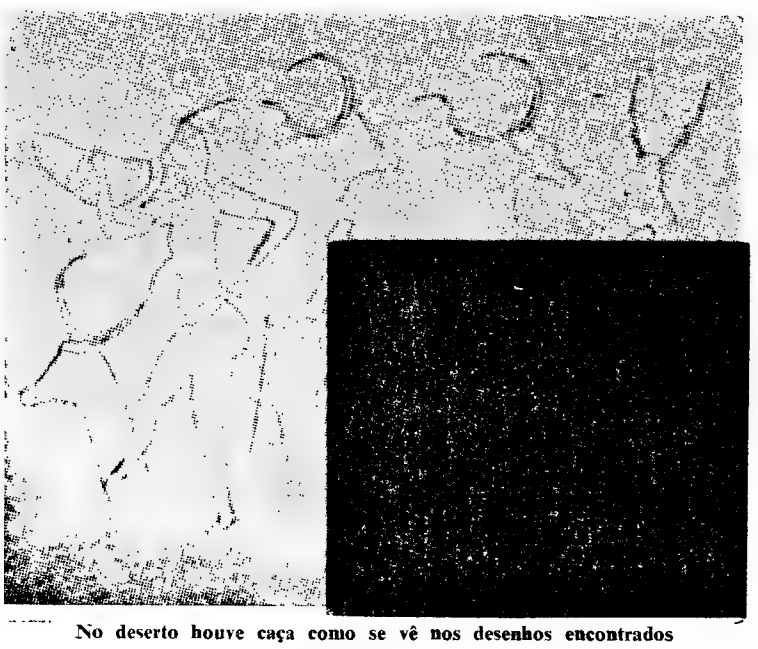
As grandes cidades desaparecidas

Ninguém ignora as pretensões aristocráticas dos «Toaregs». Mas já não sabemos tão bem que o nómada é considerado — e tem sido considerado — desde sempre como um verdadeiro senhor. Turbulentos, batalhadores, os da Ásia antiga agrupavam á volta de fortalezas erigidas em regiões semi-desérticas, onde existia água, populações inteiras que deportavam das regiões conquistadas. Foi assim com os Seythas, os Sírios e outros cujas lendas encheriam páginas, e dos quais as ruínas prestigiosas de cidades falam da sua história.

História do passado essa dos seus reis que morreram como tinham vivido: a fio de espada, no sangue e nas chamas dos incêndios.

Uma das coisas que surpreende é a insistência do nómada em não se afastar do deserto. «Preferem furar poços, escavar canais á procura da água que outrora cobria a região... Unem os seus esforços para criar padarias e campinas». O que esses nómadas têm feito com meios rudimentares(mas a que preço de vidas de milhares de escravos) o homem moderno pode e deve fazê-lo com as ferramentas postas á sua disposição pela técnica. Deve empreendê-lo com os escravos de metal que tem criado e bretudo as riquezas minerais, os produtos do subsolo, que são objecto da cobiça do homem. E' essa uma economia de vistas curtas, mas política retrógada que não deixará de originar que os nossos descendentes nos classifiquem como «os maiores dissipadores de todos os tempos». Sim porque todos sabem que o petróleo e o carvão que extraimos das entranhas da terra terão um fim. E sabemos também que a sua utilização por transformações químicas (na industria de plásticos por exemplo) é mais redonsa que utilizá-los como carburantes.

Pois enquanto desprezamos a energia do vento e das marés, e enquanto estudamos talvez com suficiente obstinação a captação directa da energia solar; agora que há promessas de ficção e esperanças de fusão nuclear, bom será que os «responsáveis» tomem consciência de que a verdadeira «rentabilidade» das explorações se não deve procurar na escala da contabilidade financeira. O nosso olhar deve ser «universalizado», não se fala da



No deserto houve caça como se vê nos desenhos encontrados

com outros mais que vai inventado.

Certamente que hoje se exploram os desertos um pouco por toda a parte do Mundo, na América, na Ásia, na Africa; mas, com excepção **dalguns casos de readaptação de terras cultiváveis**, são sobretudo as riquezas minerais, os produtos do subsolo, que são objecto da cobiça do homem. E' essa uma economia de vistas curtas, mas política retrógada que não deixará de originar que os nossos descendentes nos classifiquem como «os maiores dissipadores de todos os tempos». Sim porque todos sabem que o petróleo e o carvão que extraimos das entranhas da terra terão um fim. E sabemos também que a sua utilização por transformações químicas (na industria de plásticos por exemplo) é mais redonsa que utilizá-los como carburantes.

Pois enquanto desprezamos a energia do vento e das marés, e enquanto estudamos talvez com suficiente obstinação a captação directa da energia solar; agora que há promessas de ficção e esperanças de fusão nuclear, bom será que os «responsáveis» tomem consciência de que a verdadeira «rentabilidade» das explorações se não deve procurar na escala da contabilidade financeira. O nosso olhar deve ser «universalizado», não se fala da supressão efectiva das fronteiras, mas de planear no tempo, pela elaboração de vastos projectos de valorização do planeta — projectos em que cooperariam todos os povos do Mundo e em que a luta contra o deserto estivesse no seu lugar destacado.

RETRATOS REALISTAS

A RAINHA COMBORÇA

(Continuação da 3ª página)

morte do Conde João Fernandes *(o Andeiro, seu amante)*, por forma que de nenhum mal que a ele pudesse vir em tão grande parte para ela constituiria abastada vingança; apesar de tudo isso, ela possuia tal força em seu coração (coisa a muito poucos fácil de fazer) que nenhuns sinais de malquerença mostrava ao mestre, como se ele nunca lhe houvesse feito qualquer desprazer.

Mas esses poucos dias que lhe depois falou *(em seguida ao assassinio do Andeiro, estando a rainha viuva de fresca data)* sempre suas falas e respostas eram contra ele boas e sem mostrança de mau desejo (...). E não sómente ao Mestre, mas ainda a alguns outros, a que ela, por tal razão, tinha má vontade, nenhuma cousa dava a entender do rancor que tivesse contra eles.

Mas suas falas e desembargos, tudo era feito ledamente e com bom gesto até que viesse tempo azado de se poder vingar segundo seu desejo.

Estas artes não eram exclusivo da rainha; referindo-se ás que a rodeavam, escreve o cronista:

E falando os maldizentes, censuravam-na, dizendo que todas as criadas daquela senhora se fingem sempre muito amaviosas, de forma que o manto de caridade que mostram seja cobertura de seus desonestos feitos.

Estranha corte onde havia de cair, como mosca em teia, um pobre monarca sem vontade e sem armas para enfrentar os subtis venenos das intrigas...

A semelhança do que sempre sucede, nos amores de Leonor com o Andeiro, o interessado foi o ultimo a saber. D. Fernando, de resto, se o soube (e o contrário seria difícil), nunca o deu a conhecer; pelo menos Fernão Lopes, sempre oportuno, não o declara.

Pouco depois de João Fernandes Andeiro chegar a Portugal como embaixador dos Ingleses, logo correu fama da sua ligação com Leonor Teles. Era, porém, suspeita ainda não provada; mas aos fieis cortesãos de D. Fernando, que, no dizer do cronista, muito se doiam da desonra del-rei, *em breve se proporcionaria o ensejo de passar á ofensiva.*

Em Évora, onde então estava a Corte, entraram uma tarde, na camara da rainha, seu irmão, o Conde D. Gonçalo, e João Fernandes Andeiro. Fazia grande calor e, vendo os dois fidalgos a transpirar, Leonor Teles

tomou um véu, partiu-o ao meio e deu a cada um sua parte para se alimparem. E andando-se João Fernandes passeando pela camara com aquele véu na mão, ficou-se de joelhos ante ela e disse em voz baixa, muito mansamente:

— Senhora,mais chegado e mais usado queria eu de vós o pano, quando mo vós houvésseis de dar, que este que me vós dais.

E a rainha começou de se rir disto.

Uma das donas que aí estava, Inês Afonso, mulher de Gonçalo Vasques de Azevedo, fiel vassalo do monarco, ouviu o comprometedor madrigal e contou o caso ao marido.

Ao cabo de dias — *prossegue o cronista* — estando a rainha a falar em cousas de sabor, louvando muito o costume dos Ingleses e daqueles que com eles lidavam, respondeu aquele privado del-rei e disse:

— Certamente, senhora, quanto a mim seus costumes em algumas coisas não me parecem tanto de bons como os vós louvais.

— E quais? — disse ela.

— Senhora — disse ele — não é bom costume nem de louvar a ninguém o que muitos deles usam: que se uma dona ou donzela por sua mesura lhe dá algum véu ou joia, eles se chegam a elas, á orelha, e dizendo-lhe que mais chegadas e usadas queriam eles as joias delas, que não aquelas que lhe elas dão.

A rainha logo suspeitou de onde vinha a informação, mas calou-se. Chamando-o depois de parte disse-lhe:

— Gonçalo Vasques eu bem sei que vossa mulher vos disse aquilo que vós ora antes dissestes; mas sede certo que vós e ela não o lançastes em poço vazio e prometo-vos que ambos mo pagareis mui bem.

Não deixaria de cumprir o prometido. Mas, meditando melhor pensou que era também altura de se desfazer de um dos seus presumíveis inimigos, o Mestre de Avis, que, na qualidade de irmão de D. Fernando, mais poderia sentir a desonra do monarca. A intriga que imaginou foi hábil e quase esteve a pontos de dar resultado. Mandou escrever cartas falsas, dirigidas pelo Mestre de Avis e Gonçalo Vasques de Azevedo ao rei de Castelo; depois fê-las chegar ou ela própria as entregou ao marido, com quem, sem demora, conferenciou sobre o assunto, aconselhando-o a que logo prendesse tão manifestos traidores.

Obtido o que desejava, fabricou um alvará falso em que se ordenava ao carcereiro, o fidalgo Vasco Martins, que logo que lesse o documento fizesse degolar os prisioneiros.

Vasco Martins desconfiou da legalidade da ordem e, desculpando-se de a não poder cumprir, assim a desoras, apresentou, na manhã seguinte, o alvará a D. Fernando:

e el-rei ficou espantado, dizendo que de tal coisa não sabia parte e que lhe agradecia muito o que fizera; e disse-lhe que se calasse e que não dissesse a ninguém nem uma coisa.

O pobre monarca deveria desconfiar donde partia o golpe, mas, inteiramente manietado pela mulher, pede silêncio, apenas silêncio. Que ao menos não haja escandalo.

Quando ambos os presos saíram em liberdade (e foi Leonor Teles, consumada intriguista, quem a solicitou a el-rei) a rainha convidou-os a comer com ela.

E o mestre foi mui suspeitoso deste convite, cuidando que o queriam matar com peçonha e bem o leixaria por aquela hora se se pudesse escusar disso. Então sentaram-se a comer na camara da Rainha, e ela estava á sua mesa e o mestre na cabeceira de outra mesa, e o Conde João Fernandes com ele, e Gonçalo Vasques ao fundo de ambos; e o mestre comia com grande medo, receando o que já dissemos. Acabado o jantar, trouxeram a fruta e a Rainha começou de falar nas joias que tinha e quanto lhe custaram, gabando-as muito; e o conde alçou-se da mesa, ficando os outros sentados, e chegou-se a par da cama onde a Rainha estava á mesa: ela tirou um anel que tinha no dedo, um rubi que dizia que era de grã preço e, tendo-o na mão, disse ao conde, em guisa, que o ouviram todos:

— João, toma este anel.

— Não tomarei — disse ele.

— Porquê? — disse ela.

— Senhora — disse ele — porque hei medo que o digam ambos.

— Toma tu o que te eu dou — disse ela — e diga cada um o que quiser.

E ele tomou-o e pô-lo no dedo.

Chegara o momento oportuno de jogar uma cartada forte e jogou-a com toda a insolência. O Mestre e Gonçalo Vasques sabiam que se lhes lançava um perigoso desafio; e, nem um nem outro eram homens para o aceitar: tinham medo. Leonor Teles dominava, na verdade, e, de longe, todos os comparsas que se moviam nas fraldas da corte: Só ao povo não conseguirá amedrontar, esse povo que se rebelara contra ela nas primeiras horas e que, morto D. Fernando, ditara a ultima palavra.

A VERDADEIRA DAMA DAS CAMÉLIAS

(Continuação da 1.ª página)

da sua juventude (tinha também 20 anos) da sua beleza, do luxo e da celebridade, uma mulher delicada, magra, reservada e duma sedutora palidez explendorosa, coberta de jóias e em vestido de noite, de setim branco, não podia deixar de atraír as atenções e os olhares dos dois jovens, ávidos de ternura e de conquista — se bem que estivesse acompanhada por um gentil cavalheiro já idoso.

Os olhos do jovem Dumas fixaram-na, particularmente e, depois do espectáculo, por intermédio de relações comuns, os dois jovens, apesar da hora tardia, apresentaram-se em casa da famosa jovem. Vivia perto do teatro, no n.º 11 do boulevard de la Madeleine, num sumptuoso apartamento, conhecido por todo o Paris masculino, profusamente florido em qualquer época do ano, não apenas pelas camélias da lenda, mas por todas, salvo as rosas, cujo perfume a perturbava.

Aquelas flores, o apartamento, as jóias, o luxo, devia-o a jovem aos seus adoradores que, com muita graça, esbulhava, gastando e desbaratando, como se brincasse ás fortunas. O seu nome era Alphonsine Plessis, mas chamavam-lhe Marie Duplessis, e nós viemos a conhecê-la por Margarida Gautier.

Como é que etsa pobre camponesa da Normandia, cuja mãe fugira, alguns meses após o seu nascimento, vendida pelo pai aos 15 anos a um grupo de ciganos e colocada por estes numa modista, se tinha tornado em poucos anos essa rainha de Paris?

Porque era muito superior á sua condição — diziam todos aqueles que tinham alguma amizade por ela! Sedutora, certamente, mas dotada de graça, de encanto, de verdadeira distinção e gosto, tendo adquirido, no contacto com aqueles que frequentavam a sua casa, a cultura que nunca tinha recebido e que, sem ser profunda em conhecimentos, sabia, no entanto, ser gentil.

Vivia-se em pleno romantismo, numa época em que os jovens elegantes bebiam vinagre, não só para aliviarem as dores de estomago mas para adquirirem uma cor de rosto pálida. A jovem era tísica, ardia em febre e sofria de despedaçantes ataques de tosse que a tornavam ainda mais enternecedora.

Foi o jovem Dumas tocado por ela? Sim, deslumbrado, embriagado e magoado pelas condições de vida da jovem. Amou-a com paixão e, se bem que não tivesse nenhuma fortuna para lhe oferecer... foi amado por ela. Mas, apesar da sua sincera ternura, a Dama das Camélias da vida (primeira diferença com a do romance) não renunciou aos seus outros adoradores, ou, sobretudo, ao luxo que eles lhe proporcionavam. Assim, apesar das mentiras da jovem para lhe esconder essa existência, e da paixão que sentia por ela, Dumas bem depressa veio a conhecer a situação que achava incompatível com a sua honra.

Apenas tinha passado um ano e já Adet (assim o chamava ela, fazendo das iniciais um terno diminuitivo) decidira romper com ela: «Minha querida Marie, não sou bastante rico para te amar como queria, nem bastante pobre para ser amado. Esqueçamo-nos, portanto...»

Ele, tenta, realmente, fazê-lo. Teve outras amantes, depois empreendeu com o pai, o grande Dumas, uma larga viagem á Argélia e á Espanha. E' de lá que, um ano depois, sabendo-a muito doente, lhe escreveu pedindo-lhe perdão e exprimindo-lhe os seus desejos de melhoras. Ela não lhe respondeu. Não que estivesse aborrecida ou zangada, mas porque era ao mesmo tempo perguiçosa, esquecida e voluvel.

Tinha-se ligado ao genial musico Franz Liszt que também nunca a esquecera, mas sempre recusou ligar a sua vida á dela. Depois, três meses mais tarde, tornara-se a condessa de Parregaux, casando em Inglaterra com Eduard de Parregaux. Mas a sua vida ardente, como a doença queimavam-na. Atacada pela tísica galopante, separada do marido desde o regresso da viagem de nupcias, já sem a beleza nem o ardor que suscitava a louca generosidade dos seus amigos, teve em poucos meses que vender as suas joias. Após, chegaria para ela em breve o tempo de deixar o Mundo, oude vivera apenas 23 anos.

A 3 de Fevereiro de 1847, enquanto o Paris alegre do Carnaval desfila pelos «boulevards» que ela percorrera em equipagens sumptuosas, extinguia-se a bela Duplessis. No dia seguinte, esse mesmo Paris triste e curioso, segui-a até ao cemitério de Montmartre, «cobrindo-lhe o caixão de coroas brancas».

Dumas perturbado não voltou á capital senão alguns dias depois. Veio a seguir á Primavera e perseguido pela imagem da bela cortesã que tanto tinha amado, começou o romance, misturando intimamente realidade e ficção, imaginação e recordações. Mas se bem que tivesse escrito quase logo a seguir ao romance uma peça, foi só quatro anos mais tarde que os Parisienses tiveram ocasião de a ver e de a aplaudir, unindo numa mesma elogiosa emoção, o talento do escritor, a interpretação de madame Dochef, criadora do papel e o idealizado rosto de Marie Duplessis — a verdadeira Dama das Camélias.

UM MILAGRE DE S. JOÃO QUE PASSOU DE MODA

(Continuação da 1.ª página)

quebrados pelo vime? E' essa velha tradição hoje completamente perdida, que vamos recordar nas páginas do «Magazine», desenterrando da poeira do tempo a seguinte e saborosa descrição de Silva Tulio na Revista Universal Lisbonense de 1843, já lá vão, portanto, uns bons 117 anos.

*

...«Entre os muitos milagres, que o Senhor S. João se digna fazer por virtude dos orvalhos da sua noite, contou-nos sempre o de curar os meninos quebrados, levando-os nús em pele a passar pelo vime á hora misteriosa da meia-noite. Isto todos sabem, pelo ouvirem dizer; mas quanto ao melhor da festa, quási todos por aí o ignoram.

«Pois senhores, o melhor da festa (aliás *cura*) são as cerimónias; porquanto os devotos não se fiam só na *virtude* do relento. E mesmo porque é mister que tudo contradiga aquêle rifão parvo, que diz que as cerimónias são só para a Igreja.

«Vejamos. O ritual, ainda hoje fielmente observado, é o seguinte.

«Perto da meia-noite, leva-se o menino quebrado para ao pé de um frondoso vime.

Apenas acaba de bater a última das doze badaladas, começa-se a despi-lo, e vai-se fendendo de alto abaixo uma vara do vime, que esteja bem verdinha, de maneira que as duas metades abram um circulo, pelo qual possa passar a criança. Chega-se esta espécie de arco para o meio de um rapaz e de uma rapariga ainda pequenos, mas que saibam falar, e que tenham por nome, êle *João*, e ela *Maria*. Depois pega-se da criança, que deve já estar completamente núa, dá-se ao Joãosinho, que a toma nos braços, e de costas a enfia pela cabeça atravez do vime, para a passar às mãos da Mariquinhas, que o torna a recambiar com o mesmo geito para o João, e isto por três vezes, repetindo de cada uma estas palavras *sacramentais*, que, segundo é fama, encerram muita virtude:

— Em louvor de San João
Toma lá Maria.
— Que me dás, João?

— Dou-te este quebrado
p'ra m'o dares são
em louvor do San João.

«Feito isto, une-se outra vez a vara, unta-se muito bem untada com mel de enxame novo, rasga-se uma tira da fralda da camisa da criança, e com ela se liga o vime, para tornar a ficar como d'antes era. Se ele com efeito sara, e não morre do golpe que levou, a criança fica também sã e escorreita. Se porém séca e fenece, fica tudo (como lá se diz) em actos nulos; e o mais que pode suceder é o pobre inocente apanhar alguma constipação, e ir direitinho para o Céu (ditoso dele!) em louvor de S. João.

«Ora isto não no-lo contou nenhuma velha, a quem aliás muito respeitamos e acreditamos, vimo-lo com os próprios olhos. E não se julgue que foi nalguma aldeia, e ainda no tempo do *Dominus tecum;* foi aqui, na nossa ilustrada e ilustradissima Lisboa, no bairro mais nobre d'ela, o do Rocio, e a 23 do corrente Junho de 1843.

...«na deliciosa horta, que hoje continúa até á calçada da Glória, a rica propriedade que o sr. Caldas Aulete possui a meia encosta do lado oriental do monte de S. Roque,... por entre o apertado canavial, ondeia aos pés de Santa Casa de Misericórdia, grande multidão de gente, com archotes acesos uns, outros com lanternas, a formigarem à volta de uma árvore, e à mistura uma tal confusão de vozes, que ninguém se entendia. Mas, sobre tudo, o que mais maravilhava era ouvir tamanho berreiro de creanças, que à primeira vista faria supor que tôdas as amas da Misericordia iam a fugir com os enjeitados por ali fóra.

«Pois não senhor: aquilo tudo era para bem, saúde do próximo, devoção e louvor de João.

«É, que todos os anos acodem, de vários pontos da Cidade èquela horta (que tem, entre outras coisas bôas, um abençoado vimieiro de grande fama) muitas mãis e amas, com os seus meninos quebrados, para os passarem pelo milagroso arbusto n'aquela santa noite; e n'esta, parece que foi tal, e tão escolhida, a concorrência, tão amáveis as devotas, que era de pasmar.

«Não se julgue que fôssem só velhas crendeiras, ou gente *de humildade* nada. Dizem-nos, em bôa fé, que lá fôram, e lá se acharem,

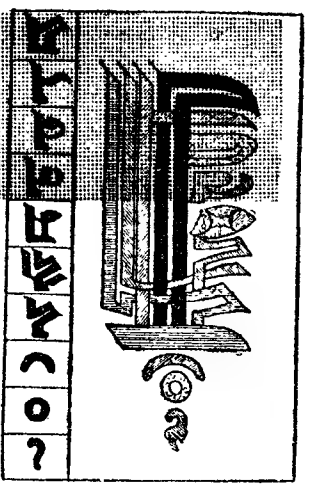
belas donas não só, mas donas belas

«Em resultado (valha a verdade) dez ou dôze meninos ficaram *passados;* e um, que teria os seus cinco anos, opôs-se formalmente a que lhe despissem a camisa; obstinação que, dizem-nos, causou nos circunstantes mais devotos grande desconsolação, por interrogar desacato ao rito estabelecido. O rapaz é um progressista inato»...

COISAS DO TECTO DO MUNDO

1

O DALAI-LAMA



O Namtchouwaug Dan, o sinal mágico mais venerado no Tibet

Aprenda com o Dalai-Lama a fabricar chuva e bom tempo

Alguns jornais reproduziram há tempos a seguinte sensacional informação: «Os lamas tibetanos têm fama de poder modificar as condições atmosféricas. O Dalai-Lama pode, assim, provocar a concentração de nuvens a fim de cobrir a sua fuga, subtraindo-o á vista dos aviadores inimigos até que passe a fronteira».

Foi mesmo o grave e sisudo «Times» o primeiro a publicar esta extraordinária revelação que encheu de jubilo não apenas os que anseavam pela estranha vida do Dalai-Lama, mas ainda os agricultores de todo o Mundo ás voltas com as irregularidades pluviais. Mas o bom «Times» cometeu uma grave e tremenda falta, omitindo a indicação da providencial receita de chuva e bom tempo, e ficámos por isso aflitos sem saber como fazem os lamas nesses transes difíceis.

Não tivemos outro remédio que indagar.

Assim, no livro de magia tibetana «Kumbum Dschamtaling» a receita é indicada duma forma clara, «precisa e concisa», e ao alcance de qualquer mortal que não seja mesmo um Dalai-Lama.

Ei-la:

«Se o poder do «Sampanakrama» está sobre o «Tattwa» então a função age nos seis membros opostos, cada vez nos dedos dos pés, por exemplo, quando fazemos duas coisas: Aproximar os dedos e concentrar o espírito, ora-se, apesar do aparecimento de dez sinais, tais como lágrimas, etc. a qualidade da respiração é mantida, o vento ergue esse sinal elevando-se á direita e á esquerda dos «mandalos»; quando o traço interior desaparece, um calor interior acende-se; «chbaim» torna-se líquido, dez ocasiões são tradas ao espírito para que possa repousar nas delícias. E' assim que age a influência dos «dez fortes» quando se completa nos cinco «chbins», dos cinco «Skandas» a separação em trevas».

Alguém compreendeu? Nós também não.

*

E', aliás, muito difícil compreender tudo quanto se passa no Tibet, difícil e, sobretudo, para nós que vivemos na época dos satélites artificiais e dos submarinos atómicos, enquanto os Tibetanos estão agora ainda com séculos de atraso. Precisamos, pelo menos, não formar juízos apressados o que nos levaria a confundir o que se passa no «tecto do Mundo» com as querelas que, vulgarmente, se dão entre as populações dos grandes países industriais. O Tibet não é uma região como as outras, nem sequer como as outras regiões chinesas, e muito menos com qualquer outra região do Mundo. Não há, portanto, comparação possível e as reacções sociais no Tibet devem ser, sobretudo, estudadas pelos sociólogos... que não sejam lamas.

Primeiro, tudo se passa entre os 4000 e os 6000 metros de altitude, e isto modifica logo os dados do problema. A própria fisionomia dos habitantes é particular, pois vivem numa atmosfera rarificada e sob uma pressão atmosférica diferente da normal. Mas, evidentemente, não são só as particularidades fisiológicas que dão á comunidade tibetana o seu estranho comportamento. Há numerosos tibetanos que vivem em menor altitude, e hoje milhares de jovens estudam em grandes cidades, longe da sua capital. Por outro lado, também, muitos homens vivem agora em Llassa que vieram de regiões de planície. O corpo humano habitua-se a muita coisa, mesmo á ausência de gravidade.

Esta altitude excepcional não é sinónimo de climas polares. Em Llassa, a capital, a temperatura é em média de 0° graus em Janeiro e de 17.° positivos em Junho.

Durante os 140 dias de vegetação podem ser colhidas apreciáveis colheitas e os agrónomos chineses parece que conseguiram aclimatar nos ultimos anos cerca de 500 espécies de plantas alimentares diferentes. Pelo contrário, no Tibet do Norte, a média anual é de 5° negativos e não cai mais de 10 centímetros de chuva por ano, ao passo que em Llassa as chuvas vão de 50 centímetros a 5 metros (e a receita?).

No conjunto, é um deserto tão extenso como duas Francas, e apenas 1% do solo é cultivado. Há mais terras que poderão ser cultivadas, mas só agora isso está a ser encarado. Existem também riquezas minerais e petrolíferas que os geólogos começaram, há tempo, a prospectar. Mas a maior parte da economia baseia-se, até agora, numa espécie de bufalo, o «Yak», camelo das altas montanhas, que serve para carregar, para puxar, para vestir e também serve de alimento. Há, também, os famosos cavalos do Himalaia, e muitos animais selvagens, como tigres e gamos, cujas peles, chifres e ossos são exportados. E há ainda os abomináveis homens das neves, mas esses pararece que não estão metidos nesses vários acidentes sociais e políticos que têm vindo a colocar o Tibet na actualidade. O Tibet e o seu Dalai-Lama, o tal que pode fazer chuva e bom tempo, conforme a sensacional notícia do sisudo e grave «Times».

no centenário de um grande escritor

A influência de Tchekov

por VERCORS

Pergunto a mim próprio se existe actualmente um só romancista francês que possa afirmar que não tenha sofrido — directa ou indirectamente — a influência de Tchekov.

Mesmo talvez entre aqueles que não leram uma unica linha escrita por ele, ou que (como eu) não conheçam senão uma parte da sua obra, eu duvido que exista algum cuja maneira de escrever ou expressão não deva nada ao grande escritor russo.

E' que a influência da obra de Tchekov sobre a literatura mundial do seu tempo foi enorme. Uma escritora como a novelista Katherine Mansfield, por exemplo, deve-lhe tudo. Outros lhe devem mais ou menos alguma coisa, pois Tchekov revolucionou na sua época a arte da narração. E como são bem raros (se é que existem) os escritores de hoje que não tenham sofrido influências de um de vários dos seus antecessores, estou convencido de que nas veias de todos os romancistas actuais correm pelo menos algumas gotas do sangue espiritual de Tchekov.

Por meu lado sei que se Tchekov não tivesse existido eu não escreveria como escrevo. A técnica de uma descrição como «O Silêncio do Mar» nutre-se dos romancistas anglo-saxões do princípio do século (Katherine Mansfield, Maurice Baring, Joseph Conrad), os quais se nutriram da técnica de Tchekov. Naturalmente que aquilo que eu escrevi parece-se tanto com o que ele escreveu como uma criança se parece com alguns dos seus antepassados, mas uma crítica literária capaz pode muito bem descobrir o que subsiste de Tchekov nos minhas obras. Creio que o mesmo poderíamos dizer, sem grande receio, da maior parte dos romances contemporaneos.

E', portanto, ao mesmo tempo, uma profunda admiração, e um sentimento de respeito filial o que cada um de nós deve sentir por Artur Tchekov.

página de memórias de um idealista

CONTO

por ANTON TCHEKOV

A dez de Maio consegui uma licença de vinte e oito dias de férias, obtive, do caixa com grande custo um adiamento de uns rublos e resolvi «viver», mas viver, custasse o que custasse, sem preocupações, de forma a poder-me alimentar de recordações nos dez anos seguintes.

Mas sabeis o que quer dizer «viver», no melhor sentido do termo? Não quer dizer ir ao teatro, escutar uma opereta, cear bem e entrar em casa esgotado de paródia na manhã seguinte. Tambem não significa ir a uma exposição, depois ás corridas e aí esvasiar a carteira deante do quadro das apostas. Se quereis «viver» tomai o comboio e ide até onde o ar conserva o perfume dos lilazes e das cerejeiras, onde os amores-perfeitos e as margaridas florescem ao desafio, deliciando o olhar na sua brancura delicada e na cintilação das suas pérolas de orvalho. Ali, em plena natureza, sob o azul da abóbada celeste, diante da floresta verdejante e dos regatos que murmuram, na companhia de pássaros e de escaravelhos, compreendem o que é a vida! Acrescentai a tudo isto dois ou três encontros com um chapéu de abas largas, de belos e vivos olhos e um avental branco... Confesso que sonhava com tudo isto, no momento em que, com a licença das férias no bolso, satisfeito com as generosidades do nosso caixa, me ia instalar no campo.

Seguindo os conselhos de um amigo, aluguei em casa de Sofia Bouquin, que alugava quartos no verão, um compartimento livre, com mesa, móveis e outras comodidades. Este aluguer fora resolvido mais depressa que seria de esperar. Quando chegado a Pereba, encontrei a «Vila Bouquin», recordo-me que subi ao terraço e fiquei... embaraçado. O terraço era acolhedor, mesmo encantador, mas mais encantador — permitam exprimir-me assim — mais acolhedora ainda era a jovem rechonchuda que, sentada a uma mesa, tomava chá. Olhou-me semicerrando os olhos.

—Que deseja?

— Peço desculpa, comecei — Eu... sem duvida que me enganei... Procuro a «Vila Bouquin».

— «Madame» Bouquin, sou eu. Que deseja?

Perdi a cabeça... Habitualmente imagino as mulheres que alugam quartos ou «vilas» como criaturas de uma certa idade, reumáticas, cheirando a borras de café, mas desta vez... «Fujam, Anjos do Paraíso»., como diz Hamlet, era uma delicada criatura, esplêndida, admirável, fascinante. Expliquei, gaguejando, o que desejava.

— Ah! muito prazer! Sente-se, por favor! O seu amigo escreveu-me. Uma chávena de chá? Creme ou limão?

Há uma espécie de mulheres (louras, mais frequentemente) com as quais basta passar dois ou três minutos para nos sentirmos á vontade, como se as conhecessemos há muito tempo. Sofia, pertencia justamente a esse género de mulheres. Depois da primeira chávena de chá, sabia que era solteira, que vivia dos rendimentos, que esperava a visita de uma tia; sabia também das razões que a levavam a alugar um quarto: primeiro, para uma pessoa só, um aluguer de cento e vinte rublos era pesado; segundo, era de assustar bastante: á noite, um ladrão podia introduzir-se sem ruido; mesmo de dia um qualquer horrícel camponês poderia entrar! E depois não havia nada de mal... em que o quarto da esquina fosse ocupado por uma dama só ou por um homem.

— Mas um homem é melhor! — suspirou a dona da casa, lambendo o doce da colher — há menos dificuldades com um homem, há menos medo...

Numa palavra: uma hora depois, Sofia Bouquin e eu eramos já amigos.

— Ah, sim! — lembrei-me no momento da despedida — falámos de tudo mas não dissemos uma unica palavra sobre o essencial. Qual é o preço? Ficarei cá vinte e oito dias... O jantar, claro... O chá, etc....

— Lá arranjou você assunto para conversa! Pagar-me-á o que puder. Não é por dinheiro que alugo o quarto, mas por... enfim, é mais para não estar só. Vinte cinco rublos, está bem?

Naturalmente que aceitei e a minha vida no campo começou. O que torna esta vida interessante é o facto de todos os dias serem iguais uns aos outros. Contudo, que encanto nesta uniformidade, que dias, que noites! Estou encantado, leitor, apetece-me abraçá-lo! Acordo de manhã e, sem preocupações de escritório, bebo chá com creme. A's onze horas, vou dar os bons dias á minha hospedeira e tomo com ela um café com creme, espesso, aquecido a fogo lento. Conversamos até ao almoço. Almoçamos ás duas horas, mas que refeição! Imaginai-vos a uma mesa com uma fome de lobo; bebendo um grande copo de «vodka» de plantas aromáticas e uma salada quente, de rábanos. Imaginai em seguida um bom picado, ou melhor, uma sopa de couves com «puré» ácido, etc. etc. Depois da refeição pensai numa boa sesta lendo um romance assustando-vos a cada instante porque a dona da casa aparece á porta:

«Deixe-se estar, deixe-se estar». Depois o banho. A' tarde, um passeio com Sofia Bouquin até ao cair da noite. Imaginai que uma tarde, quando tudo dorme, salvo um rouxinol e uma garça que volta o seu grito de tempo a tempo e enquanto aligeira brisa vos traz a custo o ruido longínquo do comboio; imaginai-vos a passear num bosque ou sobre o talude do caminho de ferro, em companhia de uma loirinha gorducha que se aconchega, cheia de «coquetterie» para se abrigar do frio da noite e volta continuamente para si a cara bonita, iluminada pela claridade pálida da Lua. Terrívelmente delicioso.

Retrato de Tchekov aos 30 anos

Antes de findar uma semana acontece o que você, leitor, há muito tempo espera e o que é indispensável que aconteça num conto digno desse nome... Não me posso conter... Sofia ouviu a minha declaração com indiferença, quase friamente, como se a esperasse á muito, e contentou-se em fazer uma adorável careta que parecia dizer:

— Pergunto apenas para que é preciso tanta palavra!!

Vinte e oito dias passaram como um segundo no fim das férias, melancólico, contrariado, disse adeus á «vila» e a Sofia. Enquanto fazia as malas, a triste, sentada no divã, esfregava os olhos. Quanto a mim, sustendo a custo as lágrimas, consolava-a prometendo-lhe vir passar os dias de festa junto dela e de a ver esse Inverno em Moscovo.

— Ah!... quando regularizamos as nossas contas, querida? — lembrei. Quanto te devo?

— Mais tarde — diz aquela que era o objecto da minha paixão, desabafando em soluços.

— Porquê mais tarde? As boas contas fazem os bons amigos, diz o provérbio; e, além disso, não quero viver á tua custa. Isso não são maneiras Sofia... Quanto é?

— Ora! uma pequena soma sem importancia — diz a dona da casa, soluçando e abrindo, entretanto, a gaveta da mesa. Poderias pagar mais tarde!...

Sofia desfolhou os papéis que tinha na gaveta e entregou-me um deles.

E a conta?, perguntei. Ah! muito bem... muito bem (pus os óculos) ficamos assim quites, é o melhor (percorri a conta com os olhos) Total... Espera, o que é isto? Total... Mas não pode ser, Sofia! Leio «total 212 rublos e 44 copeks». Não é a minha conta!

— E' a tua, sim, pombinho! Olha bem!

— Mas... porque é tão elevada? Quarto e pensão 25 rublos — de acordo. Serviço 3 rublos — seja, concordo com isso também...

— Não compreendo meu pombinho — diz Sofia com uma voz lenta, olhando-me admirada, e com os olhos marejados de lágrimas. Tu afinal não tens confiança em mim? Na conta, neste caso. Bebeste licor de plantas aromáticas... não podia também dar-te «vodka» ao jantar pelo mesmo preço!... O creme para o chá e o café... depois morangos, pepino, cerejas... E' verdade, o café... Não o pus na conta mas bebeste-o comigo todos os dias! De resto tudo isso tem pouca importancia, se quiseres posso abater 12 rublos. Fica apenas em 200.

— Mas... há aqui 75 rublos sem nenhuma indicação. O que é?

— Como podes dizer que não sabes? Sê gentil, então!

Eu observava-lhe a cara. Tinha um ar tão sincero, tão franco, tão admirado que a minha língua não pôde articular palavra. Dei-lhe 100 rublos, um cheque de outro tanto, atirei com a mala para cima dos ombros e pus-me a caminho da estação.

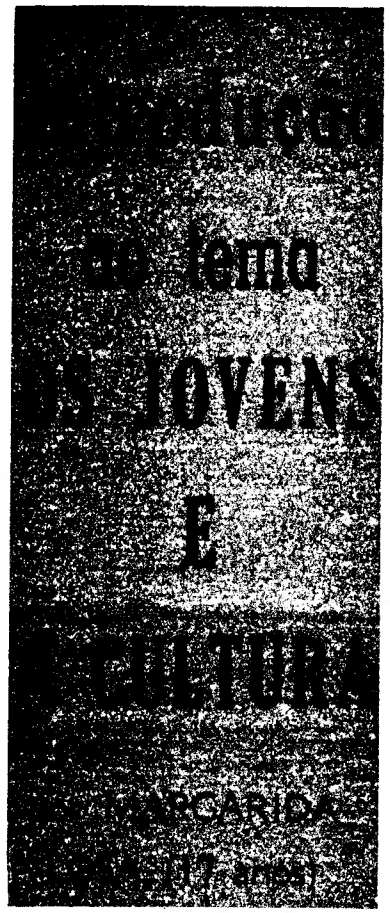
— Algum de vós, senhor ou senhora, me poderá emprestar cem rublos?

JÁ na Pré-história se ministrava aos «incultos» alguns rudimentos de «cultura, atrevo-me a afirmar. E no Egipto, na Grécia, na Idade Média, no Renascimento e desde sempre. E para não julgarem que me estou a desviar do tema, direi, que sempre, coincidiu serem os jovens os mais alarmantes incultos, precisando pois de ser ensinados. Mas, antes que isto que acabo de dizer se preste a confusões, vou explicar quais os significados que, no meu entender, se podem atribuir á palavra «cultura» e que escolhi entre os muitos que o meu dicionário apresenta. São eles:

1 — «Educação».
2—«Aplicação do espírito a uma coisa».
3 — «Estado de quem tem desenvolvimento intelectual».

Todo o jovem deve receber uma «educação» — acto de desenvolver as faculdades físicas, intelectuais e morais. Em todos nós, estas faculdades devem ser desenvolvidas, por princípio. Quer em estabelecimentos de ensino, quer em casa. Todos nós sabemos já que o desporto é uma condição para a saude, sobretudo nas cidades, onde uma pessoa sem querer, se vai achar privada de treino muscular e de ar puro. Creio que também poucos são os que defendem a conservação forçada de indivíduos em estado de bruteza. E quanto ao desenvolvimento das faculdades morais estou convencida que devia ser esse o primeiro aspecto a considerar em qualquer estabelecimento de ensino. Talvez só assim é que deixará de haver guerras e outros anacronismos sociais. Evidentemente que cada um destes três aspectos adentro desta primeira alínea merecia ser largamente desenvolvido, mas não é agora a altura de o fazer. Outros Amigos o farão.

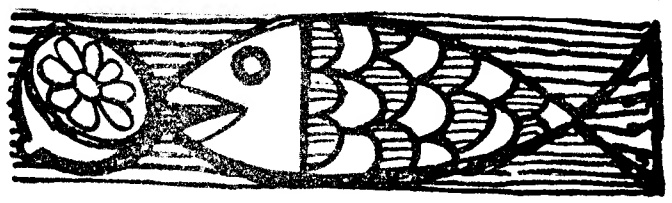
Quanto ao segundo significado que escolhi para a palavra cultura, julgo que todos estão de acordo em como se trata da cultura específica. Tratar-se-á pois da aplicação da nossa inteligência e da nossa imaginação a qualquer actividade de ordem prática socialmente válida e util ou, mais claramente, da aquisição e posse de conhecimentos necessários a qualquer profissão. Esta cultura específica também anda estritamente ligada ao factor educação e interessa-nos a nós jovens sobremaneira. Depois de termos sido educados nos três campos acima citados, e de nos terem desenvolvido as faculdades mentais, sem no entanto ser em qualquer ramo em especial, surge-nos o problema da escolha de profissão. Estou convencida, e é o que os novos métodos pedagógicos aconselham, de que é ainda nos bancos da escola, ou agora já, nos dos liceus e escolas técnicas, comerciais ou industriais, que os jovens devem descobrir a sua vocação. Depois disso, na maioria dos casos, será tarde de mais. Claro que isto implica



a cooperação dos professores e dos métodos de ensino. Uma vez descoberta a vocação, ainda que a princípio possa não estar rigidamente definida, devemos e agora por livre iniciativa, cultivarmo-nos adentro do campo mais ou menos vasto que escolhemos. E ao dizer isto, refiro-me a qualquer profissão seja ela de que género for. E note-se que estou convencida que todo o indivíduo tem inerente á sua qualidade humana uma vocação ou melhor um meio de ser util á sociedade.

Focando o ultimo significado que atribui á palavra cultura, que é o de — estado de quem tem desenvolvimento intelectual, tentarei dizer até que ponto uma pessoa deve ter esse desenvolvimento e em que medida ele poderá ser util. Portanto já não se trata aqui da cultura específica inerente a cada profissão e que, no meu entender, deverá ser o mais aprofundada possível, mas sim uma cultura de ordem geral menos aprofundada e que esteja para fora dos ambitos daquela. Não preciso de me estender muito para explicar a minha opinião. Acho que toda a gente devia ter uma cultura geral equivalente digamos ao quinto ano dos liceus. Essa mesma cultura seria considerada suficiente para aqueles que quisessem seguir profissões não intelectuais. Os que quisessem seguir essas profissões intelectuais, seriam automáticamente obrigados, ao entrarem para uma universidade, a aprofundarem essa cultura muito mais. Evidentemente que, afora do campo das obrigações, cada indivíduo está no pleno direito de se cultivar seja em que campo for. Isso nunca lhe ficará mal e o saber nunca é demais. A cultura contribui sem duvida para a nossa felicidade. E dou aqui por findo o meu artigo.

AMIGO N.º 67



O SABER NÃO OCUPA LUGAR

Com este dístico edita PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA a melhor colecção de divulgação portuguesa. Para que os nossos leitores conheçam os números já saídos, todas as semanas mencionaremos alguns títulos:

1 — **HISTÓRIA DAS TÉCNICAS**, por Pierre Ducassé
2 — **HISTÓRIA DO CINEMA**, por Lo Duca
3 — **A GRAFOLOGIA**, por Herbert Hertz
4 — **Os SONHOS**, por Jean Lhermitte
5 — **AS ORIGENS DA BURGUESIA**, por Regine Pernoud
6 — **A BATALHA DOS TRUSTS**, por Henry Peyret
7 — **HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA**, por António José Saraiva (4.ª edição)
8 — **DO ATOMO À ESTRELA**, por Pierre Rousseau
9 — **HISTÓRIA DO TEATRO**, por Robert Piguarre
10 — **AS GRANDES CORRENTES DA FILOSOFIA**, por Pierre Ducassé.

A todos os nossos leitores recomendamos a Colecção «SABER».
Preço de cada volume: 15$00.

JUVENIL

Sobre a música contemporânea

por RICARDO DE SOUSA LIMA — 17 anos

QUANDO pela primeira vez escutamos uma obra dita «contemporanea», em geral, temos a impressão mais ou menos nítida de que nos encontramos diante de qualquer coisa de novo. A linguagem é diferente da habitual. O compositor exprime-se com um vocabulário diferente.

Como nasceu esta musica nova?

Para responder a esta questão, reportemo-nos ao final do século XIX, inícios do século XX.

Junto de Wagner e seus discípulos, assistimos á decadência total do romantismo, que desde Beethoven imperava na musica. Decadência esta que se dá tanto na «matéria» como na «forma» da obra. Isto é — tanto no aspecto da ideia interior, como na parte técnica, exterior.

Não busquemos as causas desta decadência. Diga-se apenas que este fenómeno estava dependente de outro mais vasto e que afectava toda a sociedade da época.

Para já, olhemos a diferença entre o romantismo heroico dos primeiros compositores romanticos. Veja-se Chopin cantando a sua terra, a Polónia; Berlioz cantando a Revolução Francesa; etc. Reparamos agora no romantismo de um Ricardo Strauss, nos poemas sinfónicos autobiográficos. Reparemos na obra de Wagner. Que vemos? Nada mais que uma constante fuga á realidade. Estamos no reino dos mitos, dos deuses e dos heróis. Musica doentia, egocentrista ao extremo, quantas vezes apenas «exterior».

Decadentismo total. Esta constante escapada ao real é fruto da época e das doenças sociais. Não nos alonguemos na «matéria» e passemos á «forma», que agora nos interessa mais.

Acontece que Wagner e os seus discípulos (além de outros musicos do tempo) para enriquecer o discurso melódico começaram a utilizar um grande cromatismo. Este cromatismo consiste no acrescentamento de grupos de notas em que a distancia entre uma qualquer e a seguinte e a anterior é de meio tom, isto é, a distancia que no piano vai de uma nota branca qualquer á preta mais próxima. Diga-se, no entretanto, que este cromatismo crescente está na linha de tradição da musica ocidental e desde a Idade Média que se nota esse incremento.

Através desse cromatismo chega Wagner ao limite das funções tonais e ultrapassa-o mesmo no «Tristão e Isolda». Quer dizer, ele fôje ás regras tradicionais. Estas já não explicam os seus «arrojos».

Ora bem, onde a decadência na «forma»?

Precisamente no ponto em que, se as regras tradicionais não conseguiam explicar esses arrojos, também os musicos não conseguiam encontrar uma técnica que estivesse no prolongamento da teoria tradicional e respondesse ás questões levantadas. Se, por um lado, todas as regras clássicas eram violadas, por outro continuavam a ser o sustentáculo de toda a obra. Nesta contradição reside a falada decadência.

Surgem então várias correntes renovadoras, que vieram a ser correntes de ar oxigenado naquele ambiente abafado e doentio. Não esqueçamos, porém, que se trata de renovação e não de continuação, de evolução.

A primeira lufada de ar são veio da Russia, através do compositor Mussorgsky. Começa este a utilizar nas suas obras os antigos modos popula-

(Continua na 7.ª página)

Este número

Este numero foi inteiramente organizado e colaborado pelos amigos do Porto. E' o segundo que realizam, dando assim mais uma prova da sua capacidade de trabalho e da dedicação que têm pelo seu jornal—o JUVENIL.

Registamos com inteiro aplauso as seguintes palavras de Vitor Manuel Veloso da Silva, que preside á nossa Delegação do Porto:

Espero que este nosso esforço no sentido duma juventude melhor seja acolhido favorávelmente por todos os Amigos do «Juvenil».

Os jovens do Porto podem ter a certeza que sim, que nenhum dos nossos leitores deixará de acolher, mais do que favorávelmente, esta bela manifestação do que pode e quer fazer a gente moça.

Diario de Lisbôa

NOITE

Ilustração de Maria Georgina de Azevedo (15 anos)

Raio de luar
Vem sentar-te na poeira,
A meu lado
E, na noite luminosa
Conta-me
Se por esse mundo além
Descobriste o amor
Que perdi

Raio de luar
Afaga-me o rosto molhado
E, com as tuas asas de luz
Seca-me as lágrimas
Que choro
Pelo meu amor
Que partiu
E não mais voltou

Raio de luar
Sai da minha alma,
Vai pela terra inteira
E se vires o meu amor
Que partiu
E não voltou
Diz-lhe que venha,
Diz-lhe que venha.

Concurso da melhor tradução

para os mais velhos e mais novos

Soluções do Concurso do *Juvenil*

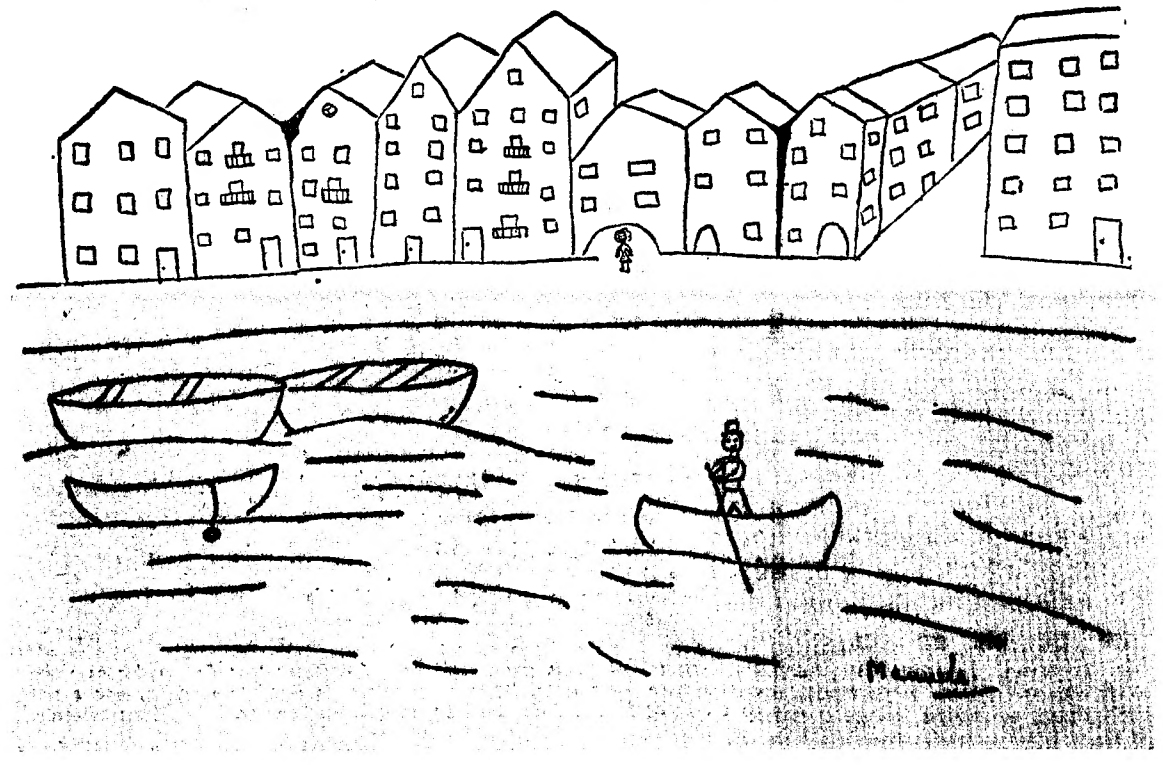
VENCEDORES

1. — Amigo 81 — Maria Luisa C. Dias (Lisboa).
2. — Amigo 59 — Dunia Rosale Viegas (Faro).
3. — Maria Manuela Viegas (Faro).
4 — Amigo 2 — Maria Manuela Dias (Lisboa).
5 — Amigo 1980 — José Augusto C. Martins (Lisboa).
6. — Amigo 217 — Maria Luisa C. Pires (Amadora).
7. — Amigo 6 — Luís Chaves Igléssias (Lisboa).
8. — Amigo 657 — Maria Josefina Valentim (Coimbra).
9. — Amigo 639 — Maria Isabel S. Lima (Braga).
10 — Amigo 650 — José Manuel Abreu (Lisboa).
11 — Amigo 645 — Manuel António Viegas (?).
12 — Amigo 680 — Luís António Castro (Lisboa).
13 — Amigo 721 — Maria Paula Casanovas (Santarém).
14 — Amigo 573 — Maria José Ribeiro.

Je suis allé au marché aux oiseaux
Et j'ai acheté des oiseaux
Pour toi
mon amour
Je suis allé au marché aux fleurs
Et j'ai acheté des fleurs
Pour toi
mon amour
Je suis allé au marché à la ferraille
Et j'ai acheté des chaînes
De lourdes chaînes
Pour toi
mon amour
Et puis je suis allé au marché aux esclaves
Et je t'ai cherchée
Mais je ne t'ai pas trouvée
mon amour

POESIA DE JACQUES PREVERT — do livro «PAROLES»

Para a melhor tradução um prémio de dois livros.



Desenho por **Maria Manuela de Azevedo** - 10 anos-Amigo 1944

Páginas soltas do meu diário

por OLGA ALCINA DE VASCONCELOS
15 anos — Amigo 1662

6 horas. As crianças brincavam. O sol, sempre agarotado, espreitava irrequieto por entre a folhagem. Mais além, a erva agitava-se em ondulações lentas num vai-vem constante. Em meu redor tudo era suave, além dos chilreios da pequenada. A brisa e a temperatura eram aliciantes. O dia declinava. A meu lado, uma velhinha era uma máquina ininterrupta de orações. Os olhos semicerrados de cansaço estavam meio remelados. As contas do rosário passavam saltitantes nas mãos trementes de doença e velhice. Na sua fisionomia descobriam-se todas as enxaquecas possíveis e imaginárias. Representava a ultima fase da vida: a velhice. A seu lado, eu, representava o símbolo oposto: o da juventude. O quadro que fazíamos tinha o seu quê de patético. Um banco sómente, cujos ocupantes se completavam em idade: uma jovem na flor da mocidade, uma velha possívelmente no limite dos seus dias.

De repente, uma bola passou veloz, assobiando rente ás nossas cabeças. Furiosa, soergueu-se, rogando uma praga Atrás desta vinham muitas mais, até que estas eram vagamente misturadas com as orações. A brisa continuava, leve e diáfana. As flores iam tomando as tonalidades do sol-poente. Os pássaros corriam apressados. O mar, lá em baixo, calmamente, seguia a rotina diária. Dir-se-ia o espelho do sol. Tinha no horizonte a cor fantástica de um vermelho rubro. A praia estava soberba. Todo o conjunto: Brutal ! !

Um padre veio tirar-me deste êxtase. Caminhava apressado. Era relativamente novo. Lia o breviário, deveras encostado ao nariz. A vélhinha, ao meu lado, recitou alto o Credo em latim. De nada lhe valeu. O padre não lhe ligara importancia. A desilusão estampou-se-lhe no rosto. Além, dois miudos socavam-se violentamente. O padre fora apartá-los. Foi difícil, pois ainda apanhou uma mordidela na mão e um rasgão na manga da batina. Uma onda de perfume passou por nós. A velha ergueu o nariz das contas do rosário. Fora uma rapariga, muito nova, cujo ar muito juvenil escandalizou a boa velhota, e provocou esta distracção. Sobraçava um garrido ramo de flores. Tinha um ar muito gaiato. Foi o bastante para a velha rezar mais um terço. Mas antes olhou-me minuciosamente. Parecia admirada pela minha presença. Uma chuva de perdigotos metralhou-me, sómente para, sem deixar de murmurar orações, me oferecer um amarrotado e já muito apalpado santinho. Vinha, também, convidar-me para uma certa reunião. Aceitei para a não descontentar.

Tudo voltou á antiga forma. A já ténue luz coava-se por entre a espessa folhagem. Duas borboletas cruzaram-se e perseguiam-se mutuamente. Desapareceram.

As crianças, pouco a pouco, tinham-se ido também.

A velha, meia tropega ia já lá em baixo, no dobrar da esquina. Estava só. Chegara a minha vez. Levantei-me e fui-me embora também.

Horas mais tarde já não me lembrava de nada.

Se não fosse ler estas linhas quando me fui deitar já nada restaria, por certo, dos serenos momentos passados naquele jardim. O que passa quase sempre esquece.

Quem sabe?

1 — Qual é o fruto cujas sementes se encontram do lado de fora?

2 — Qual está certo: 7×8 são 53 ou 7×8 é 53?

3 — Um pastor tinha 17 ovelhas. Morreram-lhe todas menos nove. Com quantas ficou?

Quem acertar a duas das três perguntas, terá direito a participar no sorteio dos habituais prémios.

Encontro

por JORGE GINJA
18 anos — Amigo 1945

Encontrei...
Encontrei, o quê?
Algum tesouro lendário,
Algo valioso e palpável,
Um invento novo, fantástico!!!
Não,
Nada de novo,
E velho e paupérrimo,
Nem é fama nem glória...
Será util? Não sei.
Trará alegria, felicidade?
Julgo que não,
Mas encontrei.
Encontrei e estou contente.
Vejo as horas tardias
Desta noite tão escura passar...
E eu escrevo.
Escrever é o meu grito
Selvagem e contagioso,
Lancinante, fatigante,
E grito, grito e não paro
Mas porque grito?
Só porque encontrei,
Só porque descobri
Algo já velho,
Sem valor, incerto
Estarei louco?
Não, não estou,
Estou alegre,
Talvez por momentos,
Amanhã poderei chorar,
Sentir-me triste,
Mas agora, estou contente,
Contente porque descobri
Qualquer coisa de grande,
Grande para mim...
Desprezível, sem valor
Para outros...
E' maravilhoso, divino,
Puro e comovente,
Vibrante e saltitante
Na alma, no coração.
Mas, o que encontrei?
Encontrei,
Neste corpo podre de vícios,
Destinado á morte,
Algo de puro e imortal,
Encontrei — SENTIMENTO...

A VELHA

por
FERNANDO T. RODRIGUES
18 anos — Amigo 357

VELHA: onde estás? Por que não vais sentar-te naqueles degraus cinzentos e frios, estender a mão, uma caixa de lenços no regaço, e permanecer quieta, calada, resignada?

VELHA: terás sucumbido? Não, não quero pensar nisso, não posso perder-te. E eu amo-te.

VELHA: amo-te. O teu sofrimento mudo atraiu-me, a tua beleza triste comoveu-me. Chorei e amei-te. Senti que era uma grande injustiça uma criatura tão boa, tão pura, sofrer assim, ter um rosto martirizado, uns lábios já murchos entreabertos de cansaço em vão.

VELHA: na tua mudez dizes-me perfeitamente da insuficiência espiritual do homem. Não consigo entender porque é tão lento o seu desenvolvimento espiritual. Ele avançou tanto, mas tanto falta para ao menos alguns não sentirem um nó na garganta quando passam por uns degraus cinzentos e frios, cinzentos e tristes.

VELHA: tu, sim, é que me compreenderias se te falasse, se te pedisse um conselho, se te pedisse uma palavra meiga, se te pedisse um pouco de conforto. Porque tu sofres em silêncio, bem no íntimo do teu ser. Porque tu tens dentro de ti um rio imenso de ternura feita de dor. Porque tu não queres ultrapassar os outros. Porque tu estendes a mão, mas não maças. Porque tu, tu não és como os outros que passam por ti, atrofiados e inconscientes, desenvolvidos e hipócritas. Tu serias amiga e verdadeira. Eu aprenderia imenso... e seria outro ao passar por ti.

VELHA: ao contemplar-te, comovido, não me revolto perante o que nos envolve, ganho coragem e paciência, não desprezo os muitos autómatos vaidosos, saltitantes e ridículos.

VELHA: a tua dor, o teu silêncio e as tuas pálpebras serenas levaram-me a ajoelhar a teus pés. Deixa-me continuar assim.

VELHA: regressa. Regressa áqueles degraus grosseiros, cinzentos e frios. Vem estender a mão, a mendigar — tu que dás tanto! Vem depressa.

VELHA: peço-te para voltares a avisar-me, dia a dia, no meu caminho, que o Bom e o Belo são muito mais extensos do que se julga.

VELHA: não me deixes só.
VELHA: regressa.

E que a tua cegueira infeliz possa pelo menos contribuir para que outros abram os olhos á luz do dia.

AMIGO N.º 357

Maio, 1960.

REMORSO

por ANA PAULA
17 anos — Amigo 1931

«...Eu choro. E no meu peito
O Punhal de Remorso está cravado»

(BOCAGE)

*

Uma lágrima. Um ramo de violetas. No coração, a saudade, o remorso, a solidão... A lágrima hesitou. A mão ia lançar pela janela aberta o ramo de florinhas roxas. Retraiu-se. Não! Sempre era uma recordação... E a lágrima caiu. A cabeça pendeu sob o peso da saudade.

— «Eurico!»

Houve um desejo de correr para ele, de lhe pedir perdão, de lhe dizer que o amava mais, muito mais do que ele, um dia...

— «Felizes tempos!»

E corou. Riu-se de zombar de si própria. Ora! Quem costumava corar era ele!

Recordou tudo. Viu-o, na sua frente, apaixonado, de olhos postos no chão, a torcer os dedos... Lembrou-se de que costumava rir-se com isso. Hoje só tinha ganas de chorar...

— «Fui má!»

Levantou a cabeça, com violência. Olhou pela janela aberta. Notou que o céu estava azul, de um azul tranquilo e brando. Sentiu prazer em descer as pálpebras, devagar, para espremer duas lágrimas que lhe rolaram lentas e tépidas, pelo rosto.

Na rua, um rapaz e uma rapariga... Lembrou-se dos seus largos passeios com o Eurico. Como poderiam ter sido felizes!... Encolheu os ombros: «— Oh! Nunca se declarou! Havia de adivinhar que gostava de mim!» — Era para calar o remorso.

Se tivesse sido mais razoável... Sempre tão fria, tão indiferente, o pobre do rapaz não teve coragem — pensou. De resto, não gostava dele.. Se fosse hoje...

Mas hoje, nada mais havia que aquele ramo de violetas maceradas pelo remorso e, no coração, um louco desejo de voltar atrás no tempo...

ANA PAULA (17 anos)
Amiga n.º 1931

Sobre a música contemporânea

(Continuação da 1.ª página)

res do folclore russo e os antigos modos eclesiásticos do canto gregoriano. Além disso, enveredou por um sadio realismo e, pela primeira vez, o povo foi chamado ao palco musical, de onde tinha até então sido banido por não ser considerado digno de ser cantado através da arte.

Debussy, em França, toma contacto com as obras de Mussorgsky e fica entusiasmado. Passa a empregar da mesma maneira os antigos modos, quer populares quer eclesiásticos.

Na Hungria, Bartok dedica-se ao estudo do folclore da sua pátria, riquíssimo e impregna a sua musica de caracteres populares, como sejam temas, ritmos, modos. Trabalha-os, no entanto, duma maneira muito pessoal e deveras genial.

O checo Allois Haba divide a escala dodecafónica em quartos de tom, obtendo uma escala micromática de 24 sons. E' o chamado ultracromatismo.

Finalmente, Strawinsky e outros trabalham um politonalismo e polimodalismo, chegando mesmo a associar os dois.

Temos, por exemplo, uma escala em «dó». Se a ela associarmos outra em «mi» temos uma sobreposição de tonalidades, proibida nos antigos compêndios de harmonia. Da mesma maneira, o polimodalismo, que consiste numa sobreposição de modos (1).

Reparemos novamente que estas correntes não passam de renovação e caracterizam-se o mais das vezes por uma volta ao passado.

O passo em frente é dado por Arnold Schoenberg. Como?

Já tínhamos dito que Wagner chegou ao limite do tonalismo e penetrou já no atonalismo. Antes do mais, caracterizemos ambos. Diz-se que um sistema é atonal quando todos os sons da gama são considerados com valor igual entre si. Não há aqui, como há no tonalismo, sons «hierarquizantes». Com efeito, no sistema tonal, existem sons com valor superior ao dos outros, e que subordinam os restantes. São polos de atracção para os quais tendem os outros. Atonal é, portanto, o sistema que despreza estes centros de atracção e passa a considerar todos os sons com igual valor.

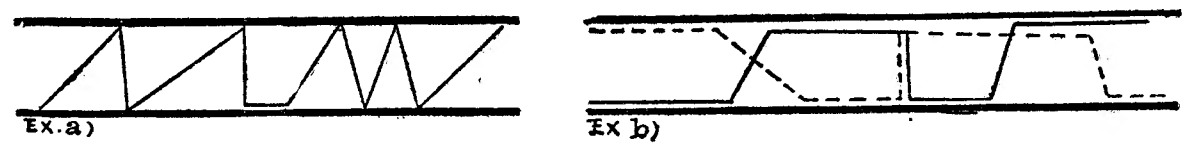
Depois de Wagner aparecem os primeiros atonalistas. O seu atonalismo era, porém, caótico. Não havia ainda regras que racionalizassem o fluir do discurso musical. Notava-se geralmente um certo compromisso com a tonalidade tradicional. Onde bem se pode notar isto é em Bela Bartok.

Schoenberg teve o mérito (além do de ser um compositor exartordinário) de organizar coerentemente a atonalidade. Estava descoberto o dodecafonismo serial.

Em que consiste o dodecafonismo serial?

A palavra dodecafonismo faz-nos já prever que entram as doze notas da nossa gama cromática. E assim é de facto.

Há que escolher primeiro uma série de doze notas. E' o primeiro trabalho do compositor. Não se poderá empregar nenhuma nota antes que todas as outras tenham já sido ouvidas. Assim, não se cria nenhum centro de polarização. Esta regra costuma chocar as pessoas, porque julgam ser uma extraordinária limitação, visto que as notas têm que ser tocadas «sempre» na mesma ordem. Mas na realidade não há nenhuma limitação. Veja-se assim por este desenho. A série é representada pelo traço a cheio e as pautas de musica pelos traços pretos. Reparemos na posição das séries (2):



Vemos, através dos exemplos anteriores, que as combinações a partir duma série são práticamente infinitas. A imaginação criadora é que ditará ao artista a disposição requerida para o momento.

Pergunta-se agora: que se pretende obter com a série?

Com a série, nós pretendemos obter por um lado um material totalmente inerte que o compositor trabalhará como quiser; por outro lado pretende-se obter uma ordenação na obra.

A série é o esqueleto de toda a composição, é a sua ordenação coerente, para que a obra tenha a unidade indispensável.

Com efeito, teóricamente a série é um material totalmente inerte. Práticamente já não é bem assim. No entanto, em relação ao sistema tonal, há um extraordinário ganho em liberdade. Novos processos de que agora não falarei foram encontrados e presentemente o serialismo é de facto um sistema que confere liberdade total.

Evidentemente que a estranheza que sentimos quando escutamos pela primeira vez uma obra serial advém do facto de a nova linguagem ser desconhecida para nós. Mas desde o momento em que a sensibilidade seja convenientemente educada não haverá dificuldade alguma. E' facto provado e observado por mim em certa escola de musica no Porto, em que as crianças de muito pouca idade são habituadas a cantar e a ouvir melodias atonais e muitas vezes dodecafónicas, que se sentem perfeitamente á vontade, como se sentiam ou nossos avós em relação ao sistema tonal.

Estou certo de que o serialismo é o sistema do futuro, tanto mais que ele já ultrapassou largamente as fronteiras da Europa e é praticado desde o Japão até á América.

De entre todas as correntes que já apresentámos em esboço e se desenvolvem por todo o Mundo, só compondo neste sistema é que se têm afirmado verdadeiros génios, na última geração musical.

(1) Modo é a maneira de ser de uma escala de sons, derivada da posição que nela ocupam os intervalos de tons e semitons. Sendo «tom» a distancia que separa o dó do ré.

(2) A série representada a ponteado é uma série derivada da série representada a cheio.

Há de facto vários processos racionais de derivação de séries a partir de uma dada, sem que com isso se quebre a unidade do discurso.

AMIGO N.º 1943

Elegia para um

Ao Zé Augusto:

Por SÉRGIO LOPES (16 anos)

Amei... toda a expressão quase vazia
em que pressenti, constante, a tua sombra incolor
nesse nada repleto de místico em que eu via
mais que esse esboço, um sonho de amor.

Distante, quase capricho ou devaneio
informei o sonho com uma longínqua miragem
Não me incuti esperança, lógicas, mas no meio
Alucinei a vida, longe... numa imagem.

Partiste

Por **Maria Paula de Lemos de Sousa Lima**
(14 anos)

MANUELA BACELAR

Ilustração de Manuela Bacelar-17 anos

PARTISTE.
TU, A MINHA IMAGINAÇÃO
QUE EU TANTO AMAVA!
DEIXASTE A SAUDADE NO MEU INTIMO.
EMBORA A MINHA CARA SORRIA.
MAS PORQUE FIQUEI TÃO TRISTE,
SE ERAS SÓ FANTASIA?
ERAS FANTASIA, MAS O IDEAL
DAQUILO QUE DEVEMOS SER.
PARTISTE. SENTI-ME SÓ.
MAS ENTÃO, COMPREENDI
QUE TE AMAVA;
QUE NÃO ERAS IMAGINAÇÃO;
QUE EXISTIAS!
POR ISSO EU FIQUEI TÃO TRISTE!...

ANTOLOGIAS

As Antologias, quando bem organizadas, podem prestar os melhores serviços culturais á juventude. Fornecem-lhe, de facto, boas visões de conjunto da literatura duma época ou da obra dum Autor.

Estão neste caso a Colecção «Antologias Universais» da Portugália e da qual ultimamente saíram

TEATRO DE GIL VICENTE
apresentação e leitura de
ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA

LIRICAS PORTUGUESAS
Selecção, prefácio e notas de
JORGE DE SENA

OS MELHORES CONTOS PORTUGUESES
Selecção, prefácio e notas de
JOÃO PEDRO DE ANDRADE

Os nossos leitores encontrarão nas «Antologias Universais» bons instrumentos de trabalho, tanto no liceu e universidades como para a formação da sua cultura geral.

Não há biblioteca Juvenil completa se não tiver o

DICIONÁRIO DA PINTURA UNIVERSAL

que ESTUDIOS COR está a publicar em fascículos

Também ESTUDIOS COR tem editado as mais belas Biografias de grandes pintores: Toulouse-Lautrec, Van Gogh, etc. Não deixem de consultar os catálogos das grandes obras de pintura, de ESTUDIOS COR, se desejam possuir uma biblioteca completa

Vai para férias?

Não se esqueça do seu amigo e fiel companheiro de todas as tardes, o

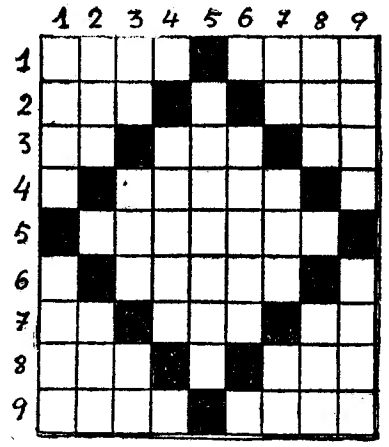
Diario de Lisbôa

assegurando o seu envio diário para as praias, termas ou campo, pelo regime especial de

Assinaturas de Verão

que podem ser pedidas, desde já, nos nossos escritórios, Rua da Rosa, 57, 2.º.

10 dias	10$00
20 dias	20$00
30 dias	30$00



HORIZONTAIS: 1 — Deus romano. Apolo. 2 — Deus islamico. Conj. adversativa. 3 — Aqui. Grite (inv.). Vogal (pl.). 4 — Escultor grego, do séc. de Péricles, autor do «Discóbulo». 5 — Andei (inv.). Letras da palavra *oeste*. 6 — Famoso fabulista romano. 7 — Andar. Ligue. Parte mais larga dos membros dianteiros das rezes. 8 — Semelhante. Borra de vinho (inv.). 9 — Deusa egipcia. Deus romano.

VERTICAIS: 1 — Importante orgão situado no hipocôndrio esquerdo. Rapaz efeminado. 2 — Fila. Chefe etíope. 3 — Cabelo branco. Interj. indicativa do zunido de quem está a fungar (inv.). Graceja. 4 — Famoso arquitecto do século passado, construtor da ponte de D. Maria. 5 — Escarnecer. Divisão do tempo. 6 — Famoso escultor do século passado, nascido na Inglaterra. 7 — Preposição. Prefixo designativo de *novo*. Pronome pessoal. 8 — Estrada macadamizada. Deus grego, protector dos pastores. 9 — Dificuldade. Sofista Grego, mestre de Péricles.

LITERATURA de antecipação

A Colecção «Argonauta», editada por «Livros do Brasil», continua a publicar obras dos mestres da antecipação científica, género literário que teve como grande precursor Julio Verne. Eis as ultimas obras saídas:

OS FRUTOS DOURADOS DO SOL
por Ray Bradbury

A PRÉ-HISTÓRIA DO FUTURO
por Stefan Wul

O ROBOT DE JUPITER
O ROBOT DE JUPITER — 9
por Paul French

Preço de cada volume: 12$50

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

TAMBÉM...
Também este passatempo, os concursos, incluindo o da tradução, foram organizados pelos Amigos do Porto.

CONCURSO para os mais velhos

QUEM FOI...

1 — Quem foi Sampaio Bruno?
2 — Quem foi o autor do «Desterrado»?

O melhor trabalho sobre a vida e obra de uma destas figuras nacionais, muito afectas ao burgo portuense, terá o habitual prémio especial.

TESTE CULTURAL

a) **Quando vais ver um filme atendes a quê**
1 — assunto de que trata
2 — artistas que nele entram
3 — realizador
4 — nacionalidade do filme.

b) **Consideras que ouvir um disco de musica ligeira (Presley, etc.), é:**
1 — um entretenimento
2 — perder tempo
2 — uma actividade util para as tuas relações sociais
4 — uma aquisição de novos conhecimentos e valores
5 — um gozo estético.

c) **Preferes ler :**
1 — grandes romances de calhamaço
2 — contos e pequenas novelas.

d) **Achas a pintura contemporanea**
1 — um documento artístico da nossa época
2 — uma burla
3 — uma manifestação de decadência
4 — o resultado duma nítida evolução estética.

e) **Achas que o mais essencial numa peça de teatro é**
1 — bons actores
2 — bom texto
3 — boas condições de acustica, luz, espaço, etc.
4 — boa encenação.

f) **Achas que a arquitectura moderna, perdurará, artísticamente válida através dos séculos, tal como a tão admirada arquitectura romanica, gótica, bizantina, etc?**
1 — Não
2 — Sim
3 — O futuro dirá.

g) **Consideras a ciência um**
1 — instrumento do progresso
2 — um manejo perigoso na mão do homem
3 — uma actividade humana como qualquer outra
4 — uma arte de criação desinteressada.

h) **Achas que a humanidade está**
1 — a decair
2 — sempre na mesma desde a pré-história
3 — a progredir

i) **Gostas de responder a estes testes?**

Para te habilitares aos prémios dos Concursos tens de mandar as respostas a este teste juntamente. Basta responderes da seguinte maneira, por exemplo: a) 1 e 2; b) 5; etc. Podes também, se quiseres fazer ao lado alguns comentários.